

Princípios

Revista teórica, política e de informação

Agosto/85 - Cr\$9.000



Dívida Externa
Instrumento do
Neocolonialismo

Os 50 Anos do
7.º Congresso
da Internacional

Liberalismo
Velha Arma da Burguesia

EDITORA ANITA GARIBALDI

11

ÍNDICE

Expediente

Princípios

Revista teórica, política e de informação - agosto 1985 - Cr\$ 9.000

Publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.
Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 1511 - São Paulo - Capital - CEP 01317

Diretor e jornalista responsável
João Amazonas

Conselho Editorial

João Amazonas
Rogério Lustosa
José Reinaldo de Carvalho
Luiz Aparecido

Número avulso: Cr\$ 9.000
(inclusive os atrasados)

Assinatura (4 números):
Cr\$35.000 - Para o exterior
US\$30

Enviar cheque nominal ou Vale Postal para Editora Anita Garibaldi Ltda.

Atendemos também pelo reembolso postal

Composição, montagem e fotolitos: Litarte Fotolitos Ltda. - Rua dos Bororós, 51 - 1º andar - Fone 279-3646 - São Paulo - Capital

Impressão: Cia. Editora Joruês, rua Arthur Azevedo, 1977 - Pinheiros - CEP 05404 - Fone 815-4999 - São Paulo - Capital

Capa

Gravura revolucionária chinesa
O Assalto
Li-Hua

Vai ou não vai mudar?

Página 1

Acontecimento histórico - O 7º Congresso da Internacional Comunista

João Amazonas

Acontecimento marcante da história do Movimento Comunista Mundial, o 7º Congresso da III Internacional, cujo 50º aniversário se comemora este ano, é analisado em seus múltiplos aspectos pelo dirigente comunista João Amazonas. Além de oferecer um

quadro da época em que o 7º Congresso da IC se realizou, Amazonas discorre sobre importantes questões relacionadas com o desenvolvimento da luta atual do proletariado a nível internacional.

Página 2

Friedrich Engels

V.I. Lênin

Página 10

Educar e organizar os jovens para a vida e para a luta

Aldo Rebelo

No Ano Internacional da Juventude, PRINCÍPIOS abre suas páginas à discussão de importantes temas como a situação da juventude no mundo capitalista, os meios de que a burguesia e os monopólios se valem para

corrompê-la e desviá-la do caminho da luta. O coordenador geral da UJS, Aldo Rebelo, opina aqui baseado na rica experiência que acumulou à frente das lutas estudantis e juvenis.

Página 17

Liberalismo, Velha Arma da Burguesia

Bernardo Joffily

Página 21

Dívida Externa: Instrumento de Dominação Neocolonialista

Luiz Gonzaga

Página 27

A mulher no campo

Otávia Fernandes

Página 31

Quem tem medo dos conteúdos educacionais?

Lia Vargas e Gilson Carlos Santanna

Página 36

Sobre o significado teórico e prático da organização

Enver Hoxha

Página 39

Perfil do negro brasileiro

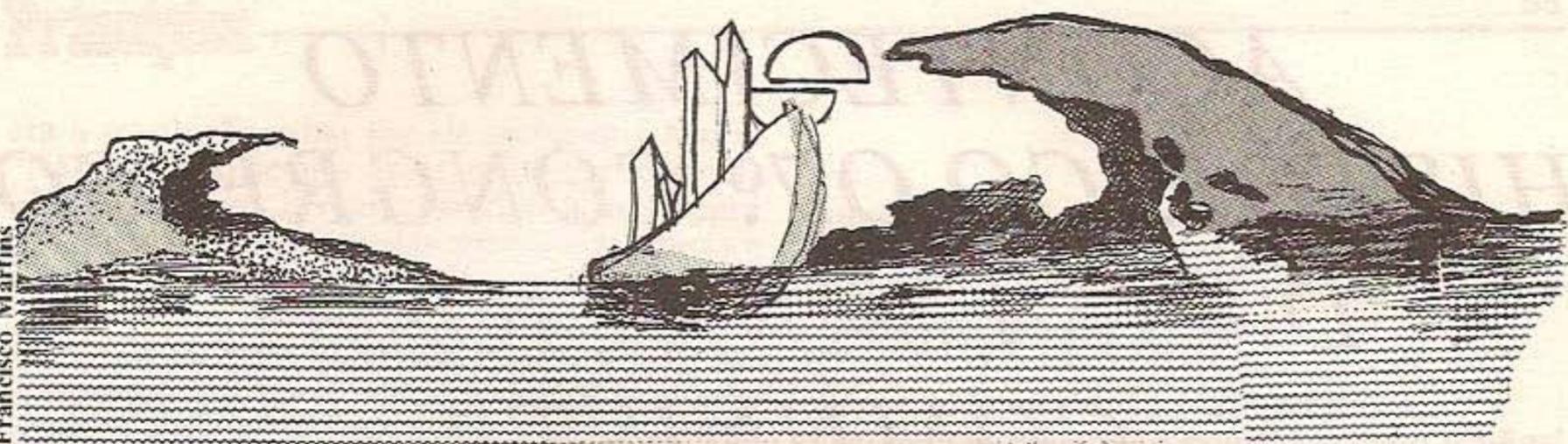
Edison Carneiro

Página 45

A lírica socialista

Franz Mehring

Página 51



Vai ou não vai mudar?

Ainda não se conhece inteiramente em que direção vão soprar os ventos da Nova República. Houve calma e turbulências na primeira fase do governo Sarney. Em certas ocasiões levantou-se, imponente, a vela mestra da nau governamental. Pareceu que iríamos adiante. Logo, porém, falharam os propulsores políticos e não se saiu do lugar. Até agora só a bujarrona das liberdades conquistadas ajuda a navegar. Devagar, devagar. Dizem os adivinhos do tempo que chegará breve o bom momento de levar o barco a porto seguro. Tomara.

Certamente já não se pode esperar muito. Falta quase tudo na embarcação desarvorada que, se não for ao fundo, poderá matar seus passageiros - milhões de pessoas - de carência geral. O que se ouve dizer enfaticamente é que não há dinheiro. A maquineta da fabricação de papel moeda anda emperrada. Se trabalha a todo o vapor aumenta os índices inflacionários.

A palavra de ordem mais corriqueira na área econômica é **cortar**, cortar mais ainda na carne do povo. Porque o que se corta produz menos ensino, menos saúde, menos moradia, menos emprego, menos seguro social, menos tudo.

Mas não se corta onde é preciso cortar - no perdulário orçamento da dívida externa. Por aí escoam-se bilhões de notas de curso internacional, levando consigo os recursos principais que o país acumula com tanto sacrifício. "Temos que honrar os compromissos!"... Compromissos com quem e de quem? A nação nunca foi consultada acerca de um endividamento irracional, transação clandestina entre usurários estrangeiros e inescrupulosos aproveitadores nacionais. Pagamos, durante anos, juros extorsivos cujo montante é maior do que a pretensa dívida. E, ao que parece, vamos continuar pagando, se o povo deixar. Não há dinheiro precisamente por isso. O dinheiro que temos, e não é pouco, entregamos aos banqueiros de fora, impiedosos e insaciáveis.

Queremos mudar? Não há outra maneira

senão suspender o pagamento das dívidas e congelar os juros respectivos. É o que os brasileiros reclamam, conscientes de que a inflação como a recessão provêm das dívidas.

Tancredo dizia e Sarney diz igualmente que não se pagará a dívida com a fome do povo nem à custa do desenvolvimento econômico. Não se pagará? A verdade é que **se está pagando** dessa forma. Até quando? Ultimamente se fala em endurecimento com o FMI que, por sua vez, se declara intransigente. Não bastam promessas, de boas intenções o inferno é calçado. Exigem-se atos concretos. Se o governo não está disposto a satisfazer a rapinagem dos credores insolentes com a fome do povo, que suprima, de imediato, o pagamento dos juros da dívida externa. Reduzirá assim, de quase dois terços, o déficit público, o que repercutirá sensivelmente na inflação, na queda da taxa interna de juros, na retomada do desenvolvimento. Fora daí, a fala presidencial cai no vazio. Converte-se em simples retórica.

O povo observa atentamente o rumo que toma a Nova República. Rumo do progresso efetivo? Ou da fictícia acomodação de interesses contrapostos? Quem mandará afinal neste país tão sofrido: o poder do dinheiro e, no caso, do dinheiro estrangeiro principalmente ou a vontade da maioria da nação? O que predominará? A iniciativa privada onde se abrigam dominadoras as multinacionais ou a construção de uma economia independente voltada para os interesses fundamentais da pátria?

O Brasil vai dar certo, afirmou no seu último discurso o presidente da República. Certíssimo, se se tomarem as medidas de fundo, corajosas e patrióticas, com o apoio do povo, das amplas forças democráticas. Do contrário, restará a estagnação, a espoliação intolerável do capital estrangeiro e de seus agentes nativos, a crise social em progressão.

Enfim, vai ou não vai mudar?

ACONTECIMENTO HISTÓRICO O 7º CONGRESSO DA INTERNACIONAL COMUNISTA

João Amazonas

Comemora-se em agosto deste ano o 50º aniversário do 7º Congresso da Internacional Comunista, o último da sua profícua existência de quase um quarto de século (1919 - 1943). Acontecimento marcante para o movimento revolucionário e também para o mundo político da época, teve a mais larga repercussão.

Jorge Dimitrov, figura de destaque da luta proletária, herói da batalha que desmascarou a provocação do incêndio do Reichstag atribuído por Hitler aos comunistas, apresentou ao Congresso, como secretário-geral da I.C., o informe principal, que abriu perspectivas novas e brilhantes aos trabalhadores e aos povos de todos os Continentes. Sintetizando a experiência dos comunistas e das grandes massas populares, e apoiado nas geniais idéias de Lênin sobre a aplicação viva do marxismo, contra o dogmatismo que freia o avanço emancipador da classe operária, Dimitrov indicou o rumo correto para o combate ao fascismo, o mais bárbaro e cruel regime engendrado pelo capital financeiro.

As decisões tomadas no 7º Congresso conduziram ao triunfo histórico do proletariado sobre as forças concentradas da reação em desespero de causa, asseguraram valiosas conquistas ao movimento operário internacional que tinha como principal baluarte a União Soviética de Lênin e de Stálin.

Embora a situação atual se diferencie da do período em



Jorge Dimitrov

que se realizou o Congresso da I.C., as teses fundamentais do informe de Dimitrov - salto qualitativo na compreensão da maneira de trabalhar pela vitória do socialismo - merecem a maior atenção dos partidos marxistas-leninistas empenhados na árdua tarefa de unir e levar à ação a classe operária e as grandes massas contra a opressão, a espoliação e a exploração cada vez maiores do imperialismo e dos regimes

retrógrados. Os revisionistas, os maoístas, os titistas, os euro-comunistas, os doutrinadores de "esquerda" manifestam sérias incompreensões quanto ao conteúdo do documento básico do Congresso, refutam-no a partir de posições de direita ou de "esquerda", interpretando-o de um ponto de vista falso. Uns e outros defendem posições oportunistas, distanciadas do espírito do marxismo-leninismo.

I A SITUAÇÃO NO PERÍODO DO 7.^o CONGRESSO



Ao abordar as questões relevantes tratadas por Dimitrov não se pode fugir ao exame da situação existente naquela época. A década de 30 apresenta extrema complexidade relacionada com a intensa preparação da II Grande Guerra, com a ofensiva do capitalismo contra a classe operária e a revolução socialista vitoriosa na União Soviética, ofensiva que se expressava igualmente na liquidação das conquistas proletárias e, muito especialmente, na supressão das liberdades democráticas. As contradições essenciais do sistema imperialista tinham-se agravado como nunca. A crise mundial de 1929 a 1932 deixara marcas profundas na vida social - milhões de desempregados, fábricas fechadas, empobrecimento brutal dos trabalhadores. A Itália vivia subjugada pelo fascismo agressivo e espoliador. Adolfo Hitler chegava ao poder na Alemanha e proclamava sua ambição imperialista de conquistar o mundo. Atacava bestialmente os comunistas, os judeus, os partidos políticos democráticos e revolucionários. Na Ásia, o Japão invadia a China e planejava agredir outros países. Mussolini ocupava violentamente a Etiópia e, juntamente com Hitler, lançara a Espanha na guerra civil para esmagar a República e impor o fascismo que levantava a cabeça por toda a parte usando linguagem demagógica e nacionalista, explorando o descontentamento das massas contra o capitalismo. O alvo do

ataque principal dos nazifascistas era a União Soviética que desfraldava corajosamente a bandeira da revolução e despertava simpatias no mundo inteiro.

Os povos tomavam consciência do perigo real de guerra e da feroz opressão que os ameaçavam. Com a classe operária à frente, as massas populares batiam-se em defesa das liberdades e dos direitos dos trabalhadores. Na Espanha firmava-se a resistência heróica ao fascismo contando com ampla solidariedade internacional, na França iniciava-se a formação da Frente Popular antifascista. A China sustentava vigorosa ação armada anti-imperialista. Contudo, a social-democracia, preocupada com a perspectiva de avanço do movimento comunista, realizava na prática uma política de capitulação. Recusando a frente-única para barrar os nazistas tornou possível a ascensão de Hitler ao poder. Assim procedendo, dividia suas fileiras em duas alas sendo que a de esquerda se inclinava para a ação comum contra o fascismo.

Foi nesse clima político carregado de ameaças e permeado de lutas democráticas e patrióticas que se realizou o 7.^o Congresso da Internacional Comunista, em agosto de 1935.

ORIENTAÇÃO CONCRETA E JUSTA

Em seu magistral informe, Dimitrov fez uma análise profunda da correlação de forças em escala mundial e em cada país. Baseado nessa análise, formulou nova tática para o movimento comunista.

“O fascismo - assinalou ele, caracterizando sua verdadeira natureza - é a aberta ditadura terrorista dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro”. Tirando ensinamentos da luta de classes

em âmbito mundial, chegou à conclusão de que o problema-chave para enfrentar o fascismo e vencê-lo era a unidade da classe operária e uma correta política de frente-única. Desde a sua fundação, a I.C. pugnava por essa unidade como condição fundamental da realização das tarefas revolucionárias. Em face, porém, da ameaça fascista e do crescimento do movimento operário, era necessário reformular uma série de questões táticas encarando-as de maneira nova: quanto à frente-única, à social-democracia, aos sindicatos reformistas e a outras organizações de massas. “A primeira coisa que se deve fazer - dizia Dimitrov - é construir a frente-única, estabelecer a unidade de ação dos operários em cada empresa, em cada seção, em cada região, em cada país, em todo o mundo, independente do Partido ou da organização a que pertençam”. A I.C. não exigia condições prévias para a criação dessa frente, pedia apenas que a unidade de ação fosse dirigida contra o fascismo, contra a ofensiva do Capital, contra a ameaça de guerra e o inimigo de classe.

A unidade sindical representava etapa essencial à consecução desse objetivo. Por isso, o 7.^o Congresso manifestava-se a favor do sindicato único em cada indústria, da unificação sindical internacional por indústria, do sindicato único de classe. Recomendava que os pequenos sindicatos vermelhos se filiassem aos grandes sindicatos reformistas, reivindicando entretanto o direito de neles defender suas opiniões e de batalhar por um Congresso de unificação dos sindicatos vermelhos com os sindicatos reformistas visando a unidade sindical. “O operário comunista que não adere ao sindicato de massas da sua profissão, que não luta para transformá-lo de sindicato reformista em verdadeira organização sindical de classe, que

não luta pela unidade do movimento sindical com base na luta de classes - não cumpre o seu primeiro dever proletário", - assinalava a resolução da I.C.

O resguardo dos interesses econômicos e políticos imediatos da classe operária, a defesa dessa classe contra o fascismo devia constituir o conteúdo fundamental da frente-única. A fim de abrir caminho à unidade de ação era necessário acordos a curto e a longo prazos com os partidos social-democráticos, especialmente com a sua ala esquerda, com os sindicatos reformistas e demais organizações de trabalhadores. A criação de organismos de classe fora dos partidos apresentava-se como a melhor forma de alargar e consolidar a frente-única.

A I.C. propunha, além disso, em seu Congresso, a formação de uma vasta frente popular antifascista tendo por alicerce a frente-única proletária. Buscava, assim, atrair os camponeses e outras camadas da população para a luta comum.

Lugar de relevo na atividade do proletariado ocupava a luta em defesa das liberdades democráticas que se confundia com o próprio combate ao fascismo. O Congresso chamava atenção para esse problema, centro de preocupação de milhões de pessoas de todas as classes e das mais diversas tendências políticas. Em certa medida, essa luta servia de referência à delimitação dos campos das forças aliadas e das forças inimigas. Não se justificava, assim, pôr sinal de igualdade entre regimes que respeitavam, de algum modo, as liberdades e os que as golpeavam e destruíam. Nesse período, a opção não era entre a democracia burguesa e a democracia proletária, mas entre a liberdade e a tirania contra-revolucionária. O proletariado e as massas tinham todo o interesse em salvaguardar a democracia, ainda que restrita, objetivando alcançar

maiores conquistas.

Atendo-se firmemente à estratégia do movimento revolucionário, sem se afastar dos princípios basilares da doutrina marxista-leninista, Dimitrov desenvolveu uma tática ampla e flexível em consonância com a situação da época. Em relação à questão do poder, afirmava que os comunistas, permanecendo "inimigos irreconciliáveis de qualquer governo burguês", não vacilariam, diante do crescente perigo fascista, em apoiar um governo de frente-única que transformasse em realidade o programa da Frente Popular. Neste sentido, o informe do 7º Congresso contém primoroso capítulo ao estilo staliniano sobre as condições em que se poderia formar tal governo - organismo da colaboração da vanguarda revolucionária do proletariado com os vários partidos antifascistas.

Dentro de uma ótica unitária e frentista, Dimitrov salientava também a importância da frente-única antiimperialista. Referiu-se à China, estimulando o PC desse país "a realizar a mais vasta frente antiimperialista contra o imperialismo japonês e os seus agentes chineses" face à ameaça concreta que punha em jogo a existência nacional do povo chinês. Citava igualmente o exemplo do Brasil com a criação da Aliança Nacional Libertadora, em 1935. Dizia que o sucesso da ANL residia em "alargar mais ainda essa frente, atraindo em primeiro lugar os milhões de camponeses", indicação que, lamentavelmente, não foi devidamente considerada pelo PC do Brasil.

Dimitrov ressaltava a questão do reforçamento dos partidos comunistas que precisavam crescer, não de maneira estreita mas como necessidade de haver um grande partido para cumprir as tarefas da frente-única contrárias ao fascismo e à ofensiva do Capital. A par da ação comum com a

social-democracia, cabia aos partidos desenvolver "luta irreconciliável contra a social-democracia enquanto ideologia e prática de conciliação com a burguesia, e contra toda a penetração dessa ideologia nas fileiras comunistas". Opondo-se à tendência de voltarem-se para si mesmos, Dimitrov defendia a participação dos partidos comunistas em todos os acontecimentos políticos. "Queremos - afirmava ele - que os partidos comunistas atuem como verdadeiros partidos políticos da classe operária; que desempenhem o papel de fator político na vida de seus países; que apliquem ativa política de massas em lugar de se limitarem à propaganda, à crítica e aos apelos isolados à luta pela ditadura do proletariado".

O COMBATE AO SECTARISMO

A tática ampla que se fazia necessária, e era urgente pôr em prática, não poderia vingar e alcançar êxitos sem o combate tenaz às tendências sectárias, "esquerdistas", que se manifestavam no movimento operário abrangendo os partidos comunistas, afetando seriamente as organizações de massas e a ligação dos revolucionários conseqüentes com os trabalhadores e as camadas populares. Em muitos lugares, constatava o dirigente da III Internacional(*), os sindicatos vermelhos mostravam-se estreitos, as Federações Comunistas de Jovens eram organizações eminentemente sectárias, desligadas das massas, o que também ocorria com o movimento de mulheres. Os partidos comunistas, em vários países, apresentavam-se pequenos, sem condições de cumprir suas múltiplas tarefas.

* A I.C. era também chamada III Internacional.

O 7º Congresso fez cerrada crítica àquelas tendências, caracterizadas por Dimitrov já não apenas como “doença infantil”, mas como vício **enraizado** que precisava ser erradicado das fileiras comunistas. A resolução do Congresso qualificava-as de sectarismo auto-suficiente, “sectarismo satisfeito com o seu limitado espírito doutrinário, com seu isolamento da vida real das massas, com seus métodos simplificados”. Ao invés dessa prática errônea, tornava-se indispensável priorizar o trabalho de massas, a luta de massas, a frente-única. E concluía ser o sectarismo, a estreiteza, o maior obstáculo à aplicação da verdadeira política de massas dos partidos comunistas.

Ao mesmo tempo, o 7º Congresso advertia estes partidos sobre o oportunismo de direita que poderia erguer-se à medida que se desenvolvesse uma vasta frente-única e progredisse a atuação conjunta com a social-democracia. “É preciso não perder de vista que a tática de frente-única é um meio de persuadir os operários social-democratas da justeza da política comunista e da falsidade da orientação reformista, e não uma forma de reconciliar-se com a ideologia e a prática social democrata”, salientava Dimitrov, chamando à vigilância de classe.

APLICAÇÃO CRIADORA DAS IDÉIAS DE LÊNIN

O informe de Dimitrov e as resoluções do 7º Congresso da Internacional Comunista não apenas indicaram corretamente as tarefas fundamentais daquele momento. Trouxeram valiosíssima contribuição à assimilação do leninismo, projetaram com grande força as verdadeiras e consagradas idéias de V.I. Lênin sobre a ati-

vidade dos comunistas objetivando superar os inevitáveis obstáculos da luta de classes na marcha para chegar à revolução e alcançar o socialismo. Criador e revolucionário, o leninismo é inimigo de todo esquematismo, de toda concepção de seita, expressão do oportunismo e do conformismo resignado. Durante sua vida de combatente de vanguarda, Lênin jamais admitiu idéias preconcebidas, completas e acabadas, que servem como receituário para qualquer situação. Vitoriosa a Revolução Socialista na Rússia, fez um balanço do caminho percorrido, carregado de contradições, e mostrou que o bolchevismo era o oposto das fórmulas mortas, sem vida, dos esquemas irremovíveis. Sublinhou muitas vezes que a revolução é obra das massas e que não se consegue esse objetivo atuando isoladamente, sem aliados, recusando qualquer espécie de compromissos. “A história do bolchevismo, antes e depois da Revolução de Outubro - escreveu Lênin - está cheia de casos de manobras, de acordos, de compromissos com os outros partidos, sem excetuar os partidos burgueses”. Mestre da estratégia e da tática proletárias, considerava ridículo renunciar a toda manobra, a toda utilização, ainda que efêmera, do antagonismo de interesses existente entre os inimigos, recusar acordos e compromissos mesmo que provisórios, inconsistentes, vacilantes, condicionais, com possíveis aliados. Orientava os comunistas a rejeitar as fórmulas rígidas, mecânicas, da tomada do poder, a descobrir na ação imediata as formas de **abordar** a revolução proletária ou de **passar** à mesma. A fim de chegar à revolução e ao socialismo, disse ele, o importante “é que atuemos em toda a parte e até o fim, guiados pela convicção da necessidade de uma **flexibilidade máxima em nossa tática**”.

Lênin sabia relacionar os embates pela democracia com as batalhas por conquistas mais avançadas do proletariado. Dizia ser erro crasso “julgar que a luta pela democracia pode desviar o proletariado da revolução socialista, mascarar-la, encobri-la etc. Pelo contrário, do mesmo modo que o socialismo vitorioso é impossível sem realizar a democracia completa, também o proletariado não se pode preparar para vencer a burguesia sem conduzir uma luta detalhada, conseqüente e revolucionária pela democracia”.

São ensinamentos como esses que Dimitrov faz ressaltar e é precisamente neles que se apóia para formular a tática de luta contra o fascismo.

A PROVA DA VERDADE

Não se pode avaliar um movimento de envergadura como o da luta contra o fascismo de maneira subjetiva, abstrata, senão examinando em profundidade os seus resultados reais, buscando a comprovação da prática que é o critério supremo da verdade. A política ampla do 7º Congresso preparou as grandes massas para fazer frente à guerra de Hitler e seus sequazes. Quando o bárbaro do Reich abriu as baterias visando países independentes e, em primeiro plano a União Soviética, a classe operária e os povos já estavam mobilizados, conscientizados combatendo o nazi-fascismo. Essa mobilização foi a base da resistência aos projetos criminosos de Hitler. Representou fator importantíssimo da vitória sobre os imperialistas alemães, italianos e japoneses. Etribada numa política de frente-única ampla, a União Soviética, na mira do ataque alemão, saiu triunfante da guerra, o que ampliou imensamente o prestígio do socia-

lismo e da revolução proletária. O alcance dessa vitória à qual estavam ligadas, inseparavelmente, as decisões do 7º Congresso, impulsionou o movimento revolucionário em todo o mundo, em particular na Europa e na Ásia. No curso da aplicação da política traçada no informe de Dimitrov, e como consequência do êxito obtido na guerra, os partidos comunistas cresceram muito e se tornaram instrumentos políticos poderosos da classe operária, enquanto a social-democracia, sua ala direita em particular, declinava. O movimento sindical fortaleceu-se internacionalmente, surgiram fortes centrais sindicais sob a direta influência dos comunistas. As idéias do socialismo ganharam força e prestígio.

Esse o balanço fundamental dos resultados do 7º Congresso da Internacional Comunista que comprovam a sua justeza. Mais uma etapa da luta revolucionária pela emancipação nacional e social dos trabalhadores e dos povos foi vencida. Inicia-se nova fase do combate contra a burguesia imperialista, pelo avanço da revolução mundial.

II

VICISSITUDES DO MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL



A história das lutas sociais não é uma seqüência ininterrupta de vitórias. Processo extremamente contraditório, comporta também derrotas, sem dúvida parciais, temporárias, que devem ser examinadas à luz da ciência de Marx e Engels a fim de reduzir-lhes os efeitos e propiciar novo auge revolucionário. Onze anos após os sucessos conseguidos

sobre a reação e o imperialismo, ao final da II Grande Guerra, o movimento operário e revolucionário ingressou em situação difícil. O revisionismo de direita, cujo substrato ideológico é a defesa do capitalismo e o abandono da idéia da revolução e da via socialista, triunfou na URSS. Espalhou-se pelo mundo atingindo quase todos os antigos partidos comunistas que se converteram em organizações de cunho social-democrata. O proletariado perdeu importantes conquistas, entre as quais a fortaleza da revolução proletária, a União Soviética. Em boa parte, a perspectiva revolucionária desapareceu da visão política de grandes contingentes da população do Globo.

Aproveitando-se da maré revisionista, a burguesia tomou a ofensiva ideológica contra o comunismo. Fez, e continua fazendo tudo quanto pode para confundir a classe operária. Afirma que o socialismo é inviável, e, ao mesmo tempo, prega as "virtudes" do capitalismo que seria nocivo apenas em alguns aspectos corrigíveis no quadro da colaboração de classes... O comunismo fracassou! alardeiam os capitalistas e, com eles, entram em cena os eternos reformadores sociais, que nada reformam, simplesmente se adaptam a uma realidade cruel, fazendo eco ao engodo burguês. É certo que o revisionismo e o imperialismo não conseguiram liquidar o movimento revolucionário. O socialismo resistiu e floresce na Albânia, surgiram e se desenvolvem partidos marxistas-leninistas, apesar das dificuldades, que não são poucas.

O ambiente de desânimo e frustração com a séria derrota do movimento operário revolucionário trouxe como consequência o desnorteamento ideológico, gerando uma crise de certa profundidade do marxismo. O oportunismo de direita e também o de "esquer-

da" proliferam. Ambos, como sempre acontece em situações semelhantes, metamorfoseiam-se de marxistas-leninistas antidogmáticos ou de defensores ortodoxos da orientação comunista. São, na verdade, contra-revolucionários. Centram seus ataques no caminho trilhado pela III Internacional. Tanto os revisionistas como os doutrinadores de "esquerda" distorcem os fundamentos da doutrina marxista-leninista e, como força de sustentação do capitalismo em decomposição, procuram minar a confiança das massas na sua capacidade de luta pela transformação revolucionária da sociedade. Uns e outros denigrem o 7º Congresso, investem contra a experiência histórica da Internacional Comunista que consideram cheia de erros atribuídos a Stálin, continuador de Lênin, grande e firme dirigente da construção do socialismo na URSS. Os revisionistas contemporâneos criticam a I.C. como sectária e dogmática; os doutrinadores de "esquerda" atacam-na, em particular o seu 7º Congresso, como direitista. Não obstante esse aparente antagonismo, no fundo são idênticas as posições; eles se encontram na mesma trincheira, renegam a concepção proletária do mundo.

COLABORAÇÃO DE CLASSE O POSICIONAMENTO REVISIONISTA

O revisionismo contemporâneo atribui os pretensos erros de esquerda da I.C. à sua atitude diante da social-democracia. Deturpando o ponto de vista de Lênin, claro e preciso, sobre a social-democracia por ele qualificada de agência da burguesia no movimento operário, Palmiro Togliatti, por exemplo, intenta demonstrar que o chefe da Revolução de Outubro propendia à conciliação com essa tendência oportu-

nista. A partir de tal distorção julga errôneas as posições da Internacional Comunista desde o seu 5º Congresso (1924) que combatia o social-democratismo. Interpreta o 7º Congresso como mudança radical na orientação anterior da I.C., uma espécie de correção de seus "erros" no que respeita à social-democracia. E vai mais longe: afirma que o 7º Congresso constituiu uma viragem de 180º no esquema estratégico da III Internacional. Suas decisões não se circunscreveriam a problemas táticos, formulavam nova estratégia, o que possibilitaria, ao longo do tempo, aliança e colaboração com correntes daquela tendência; já não se poderia meter no mesmo saco capitalista os social-democratas e os partidos políticos da burguesia.

Todo esse arrazoado dos revisionistas atesta que eles deturpam a verdadeira linha do 7º Congresso, onde, de modo nenhum se adotou **nova estratégia** do movimento comunista. A estratégia mantida até hoje, desde a época de Lênin, assim se define: "após a revolução burguesa a etapa estratégica do movimento operário terá apenas um objetivo direto - a luta pela ditadura do proletariado". Na prática e na teoria, os revisionistas renegaram a política da luta de classes que constitui o fundamento do materialismo histórico e passaram para o campo da social-democracia, da colaboração de classe do proletariado com a burguesia, aceitaram o chamado caminho pacífico da revolução. Inegavelmente, em certas circunstâncias, é admissível a frente-única com os setores mais avançados da social-democracia, como propôs o 7º Congresso. Mas não se pode transformar esse tipo de aliança temporária em aliança permanente, nem tampouco obscurecer a luta ideológica - essa, sim, permanente - ao

social-democratismo.

O OPORTUNISMO DE "ESQUERDA"

Por sua vez, os doutrinadores de "esquerda" agridem o 7º Congresso tomando por base a interpretação que lhe deram os revisionistas de direita. Incapazes de compreender o real conteúdo desse Congresso, caracterizam as suas resoluções fundamentais como direitistas. As críticas que articulam são pueris e até ridículas. À guisa de argumento, proclamam nesciamente que no informe de Dimitrov não há uma única palavra sobre a derrubada revolucionária do regime... Vê-se que essa gente nem sequer tomou conhecimento das teses leninistas desenvolvidas pelo secretário-geral da I.C. a respeito da momentosa questão das formas de abordar a revolução, formas de **transição** ou de **aproximação** da revolução proletária. O governo de frente-única, indicado no 7º Congresso, dava vida precisamente às teses de Lênin sobre os meios de alcançar a derrocada do poder burguês, o que aconteceu em vários países de democracia popular. Segundo os oportunistas, o Congresso teria apostado tudo numa larga oposição unida, pondo à margem, como sectária, a linha de "classe contra classe" defendida no 6º Congresso da I.C.. Sustentam também que o revisionismo emergiu da "teoria antifascista dimitroviana" que, supostamente, punha de lado a luta antiimperialista e teria conduzido à inoportuna dissolução da Internacional Comunista, em 1943. A verdade incontestável, porém, é que a luta antifascista proporcionou a vitória grandiosa da União Soviética e, portanto, da revolução proletária, desfechou profundo golpe no imperialismo em escala mundial. Jamais as decisões do

7º Congresso fugiram à lógica da luta de classes. As alianças políticas indispensáveis à superação de determinados obstáculos não contradizem o princípio da luta de classes, ao contrário, o afirmam categoricamente. É pura ilusão acreditar que se ainda existisse a Internacional Comunista quando do impacto do revisionismo de Kruschov a ofensiva oportunista teria sido derrotada. Provavelmente a I.C., no quadro de uma situação tão confusa como a criada pelo XX Congresso do PCUS - partido que gozava de merecida autoridade no plano mundial - apoiaria a orientação revisionista. Basta citar a reunião, em 1960, dos 84 partidos comunistas, em Moscou: à exceção de três, entre os quais o PTA, todos os demais aprovaram e defenderam as teses kruschovistas.

A fonte do revisionismo contemporâneo não se encontra no 7º Congresso, nem nas posições adotadas pela III Internacional. Resultado em grande parte da pressão ideológica cada vez mais forte do imperialismo, acompanhada de chantagens belicistas e ameaças de confrontos guerreiros, o revisionismo surge na União Soviética em meados da década de 50, como capitulação da direção vacilante do PCUS, imbuída de concepções pequeno-burguesas. Carente de têmpera bolchevique, mostrou-se incapacitada para resistir à pressão do inimigo de classe. Cedeu, buscou a linha da menor resistência, abandonou o caminho da revolução, caminho que Lênin e Stálin sempre defenderam nas condições mais adversas. O prestígio internacional do PCUS favoreceu a propagação do surto revisionista em quase todos os partidos. É certo que tendências revisionistas embrionárias, em potencial, existiam e existem em todos os partidos comunistas; há sempre "companheiros de viagem", gente temerosa do acirramento inevi-

tável da luta de classes, pronta a trocar de campo assim que as nuvens se turvam no horizonte político. Também havia na União Soviética, Lênin as combateu. E Stálin, pouco antes de morrer, em "Problemas Econômicos do Socialismo na URSS", atacou-as abertamente. Tais tendências, no entanto, unicamente se transformam em "doutrina oficial" imperante no movimento operário, quando se apossam da direção do partido comunista, em geral nos momentos de maiores dificuldades.

MÉTODOS FALSOS NA DEFINIÇÃO DAS TAREFAS

Os revisionistas de direita e os de "esquerda", raciocinam de maneira mecânica, antidialética. Sua forma de pensar é idealista. A dialética ensina que, em política, o que serve para determinada situação é inaplicável a situações diferentes. A marcha dos acontecimentos históricos não se dá de forma linear. É por isso que os Congressos do movimento comunista não podiam nem podem seguir uma linha horizontal, são obrigados, usando linguagem figurada, a adotar uma linha quebrada, com muito ângulos, altos e baixos.

Quando se realizou o 6º Congresso da I.C. duas questões muito importantes apresentavam-se: a estabilidade relativa do capitalismo que tendia a criar ilusões nas fileiras proletárias e a particularidade de serem jovens os partidos comunistas, ainda insuficientemente formados do ponto de vista ideológico. Justificava-se, pois, a palavra de ordem de classe contra classe que destacava a necessidade de os partidos reforçarem

sua consciência política, manterem-se em guarda contra a colaboração de classes pregada pela social-democracia que, nesse período, desfrutava de grande influência entre os trabalhadores e dominava a direção das organizações sindicais reformistas. A orientação do 6º Congresso ajudava à formação e à consolidação dos partidos revolucionários criados havia pouco tempo.

Na época do 7º Congresso, outras eram as questões candentes no cenário político. Agravaram-se seriamente as contradições da sociedade capitalista. Ante a classe operária e os povos levantava-se grave ameaça representada pelo fascismo que preparava intensamente a guerra, e investia contra o movimento democrático e progressista. Daí a justeza da orientação flexível e unitária, a imperiosidade da política de frente-única e frente popular promovidas pela I.C. em oposição ao fascismo opressor e sanguinário. Sem semelhante política voltada para as massas, o fascismo possivelmente teria causado ainda maiores danos à humanidade e (quem sabe?) avassalado boa parte do mundo.

Logo em seguida ao fim da guerra, vencido o nazifascismo, surge nova situação prenhe de perigos para os povos. Face às grandes vitórias democráticas alcançadas e ao ascenso da revolução em todo o mundo, o imperialismo, tendo à frente os monopolistas norte-americanos que se haviam incorporado à luta contra Hitler e os militaristas japoneses na defesa de interesses próprios, passa ao ataque aberto à revolução, invade a Coreia, esmaga as liberdades em toda a parte e orienta-se para a agressão à União Soviética brandindo a bomba atômica. Outras tarefas colocavam-se diante do proletariado revolucionário, a luta de classes tomava feições distintas.

Impunha-se determinar tarefas consentâneas com a realidade. Em fins de 1947, A. Zhdanov, em nome do PCUS, apresentava no COMINFORM (Comitê de Informações de Partidos Comunistas europeus) um Relatório no qual caracterizava a situação como sendo de contraposição entre dois campos: o imperialista e antidemocrático e o democrático e antiimperialista. Indicava, outrossim, as tarefas imediatas para o momento, que não eram nem podiam ser as mesmas do 7º Congresso. Destacava a necessidade da luta por uma paz duradoura e pela democracia popular, aspirações sentidas das massas. Essa palavra de ordem ajudava a agrupar as forças democráticas e progressistas e a combater a ofensiva guerreira e fascista do campo imperialista comandado pelos Estados Unidos.

Se não se tem em conta as modificações que se processam na marcha contraditória do desenvolvimento histórico, de onde decorrem as tarefas do movimento revolucionário, comete-se muitos erros. Uma tese justa, aplicada de modo mecânico, desprezando as mudanças ocorridas na situação, degenera geralmente em dogma. Nem os revisionistas, nem os doutrinadores de "esquerda" assimilaram o método dialético marxista ou, como dizia Lênin, a doutrina sobre o desenvolvimento histórico multilateral e cheio de contradições que conduz a viragens bruscas, a distintas situações político-sociais "que são as que determinam de maneira direta e imediata as condições da ação e, por conseguinte, as tarefas da ação".

Em um de seus textos filosóficos, Lênin afirmava que "o conhecimento humano não é uma linha reta, mas uma linha curva que se aproxima indefinidamente de uma série de círculos, de uma espiral". É bastante que um segmento

dessa curva seja trocado por uma linha reta e já não haverá pensamento dialético, mas idealista. Abandona-se o caminho natural da evolução e entra-se num desvio que foge à realidade em movimento. "Caminhar retilíneo, e unilateralidade, rigidez e ossificação, subjetivismo e cegueira subjetiva - eis as raízes gnosiológicas do idealismo", precisava Lênin.

Sem levar em consideração que a situação havia mudado, e inevitavelmente mudaria, os revisionistas do tipo de Togliatti prosseguiram por uma senda falsa, unilateral, surgida de uma concepção idealista que reflete posições de classe, burguesas. O mesmo se pode dizer dos doutrinadores de "esquerda" que não viram nem compreenderam que entre o 6º e o 7º Congresso da I.C. ocorreram mudanças substanciais no quadro político. Queriam que nas novas condições prevalecesse igual linha de conduta da fase anterior.

A verdade é que a situação político-social está em constante modificação por efeito da luta de classes e do processo de desenvolvimento contraditório do capitalismo. Com toda a razão, Dimitrov dizia que "não seríamos autênticos marxistas-leninistas, revolucionários, leninistas, dignos discípulos de Marx-Engels-Lênin-Stálin, se, em função de uma situação modificada e de avanços verificados no movimento operário mundial, não modificássemos de maneira apropriada, a nossa política e a nossa tática".

A CRISE DO MARXISMO

Os oportunistas de direita revisam o marxismo-leninismo, revisão que conduz a concepções burguesas, na forma da antiga social-democracia. Os oportunistas de "esquerda",

auto-intitulando-se defensores intransigentes dos "princípios", revisam também a doutrina revolucionária, convertendo-a em algo incoerente e estéril, com muitos pontos de contato com as estereotipadas fórmulas trotsquistas. Não encontrando resposta para o isolamento em que se acham, para a precária ligação com as massas e para a sua pouca expressiva organização (partidos ou grupos pequenos que não se desenvolvem), buscam explicação às suas dificuldades no plano abstrato da especulação política vazia, procuram no passado e não no presente, na sua conduta prática, na sua orientação política, a razão dos entraves com que se defrontam. Indagam presunçosos: quando e onde começa o revisionismo? E saltam para o passado histórico, tentando descobrir erros e incorreções graves que, consoante sua interpretação metafísica, dogmática, separada da vida, teriam ocorrido nas orientações da III Internacional. O 7º Congresso, objetivo e revolucionário, é apontado como berço do revisionismo. A dissolução da I.C., corretamente levada a efeito (já havia cumprido o seu papel) seria um equívoco de Stálin, suposto abandono do internacionalismo proletário.

Tudo isso indica que vivemos um período de crise do marxismo muito assemelhada nos seus aspectos mais gerais à dos fins da primeira década deste século, tão bem analisada por Vladimir Ilich Lênin. Certamente, não se trata de uma repetição: a crise atual tem suas características próprias, reflete, porém, os mesmos desajustes relacionados com as mudanças ocorridas nas condições econômico-sociais, os mesmos problemas complexos da luta de classes e a incompreensão dialética do processo histórico. Com a presente crise instalou-se a perplexidade e, como naquela época, estendeu-

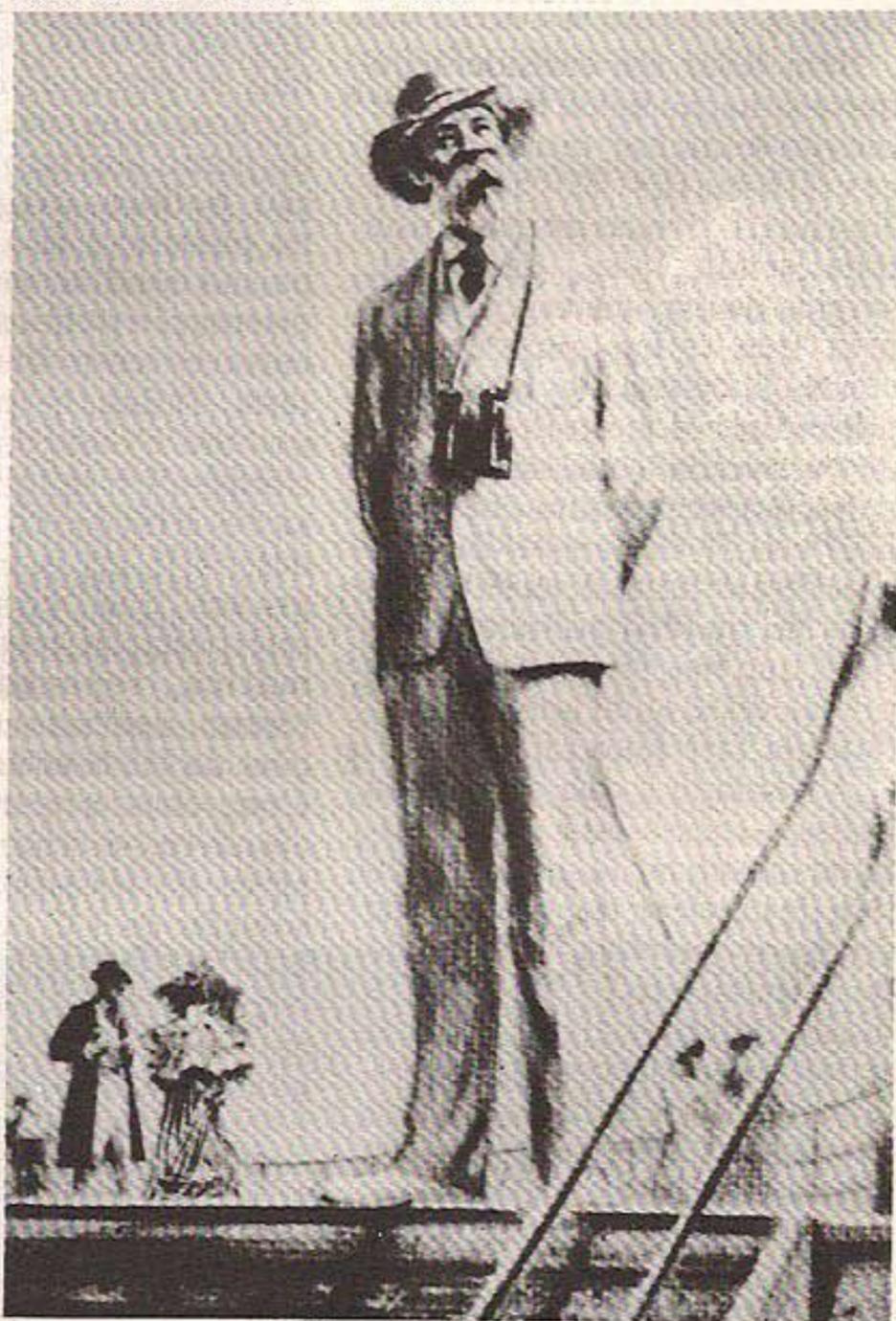
se a desagregação, a dispersão, as vacilações de toda a ordem, a fraseologia oca, pseudo-revolucionária. Questiona-se tudo, tudo é posto em dúvida, inclusive o marxismo-leninismo. Pesquisam-se caminhos "originais" que rapidamente chegam a ínvias encruzilhadas da ordem social vigente. Porque fora da estrada real da luta de classes, da revolução proletária guiada por uma vanguarda consciente da missão histórica do proletariado - apta a dirigir de maneira hábil e coerente, dialética, o processo revolucionário - há apenas ilusões reformistas, sem nenhum futuro.

Tudo isso ocorre quando grandes massas que não conheceram a experiência passada começam a interessar-se pelo socialismo, pela ciência social que serve de orientação às transformações radicais da sociedade, acicatadas pelos horrores do mundo capitalista. Estas massas deparam-se com imensa variedade de falsos roteiros elaborados por toda a espécie de sociólogos, de marxicólogos, de analistas de encomenda, de "marxistas" frustrados que distorcem a verdade e confundem as pessoas.

Eis por que, para retomar a marcha ascensional da revolução, truncada pela crise do marxismo, é imprescindível proceder à defesa dos postulados marxistas-leninistas, intensificar o conhecimento teórico em íntima ligação com o combate ao revisionismo de direita e de "esquerda", e com o desmascaramento dos falsificadores burgueses da realidade. A luta teórica assume importância primordial, sempre ligada ao campo da ação prática que fornece a experiência viva à elaboração do caminho seguro da vitória. Quanto mais se aprofundar essa luta envolvendo gigantescas massas, mais próxima estará a superação da crise que perdura há algumas décadas. É mais perto o dia fatal do capitalismo.

“Que chama do pensamento se apagou,
Que coração parou de bater!” (**)

Foto Editora “8 Nentori” - Albânia



Friedrich Engels

FRIEDRICH ENGELS *

V. I. Lênin

(*) Redigido no outono de 1895. Publicado pela primeira vez em 1896 na compilação “Rabotnik”, nºs 1 e 2.

(**) Do poema de N.A. Nekrasov “Lembrança de Droboilubov”.

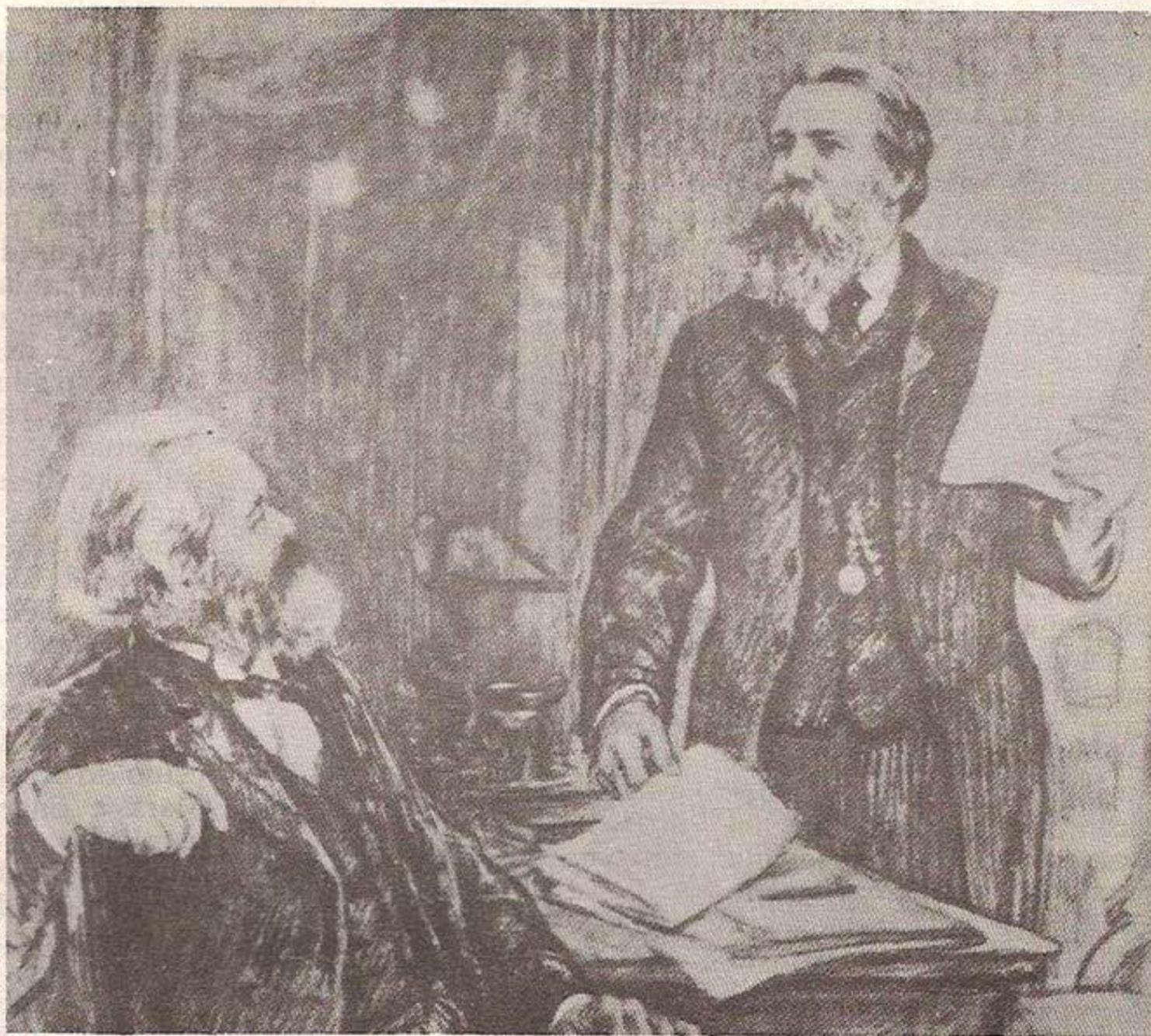


Foto Editora "8 Nentori" - Albânia

Marx e Engels (Marx sentado, Engels, de pé)

Friedrich Engels faleceu em Londres a 5 de agosto (24 de julho pelo antigo calendário russo) de 1895. Depois do seu amigo Karl Marx (morto em 1883), Engels foi o mais notável sábio e educador do proletariado contemporâneo em todo o mundo civilizado. Desde o dia em que as circunstâncias juntaram Karl Marx e Friedrich Engels, a obra de toda a vida dos dois amigos tornou-se o fruto da sua atividade comum. Assim, para compreender o que Friedrich Engels fez pelo proletariado, é necessário ter-se uma idéia precisa do papel desempenhado pela doutrina e atividade de Marx no desenvolvimento do movimento operário contemporâneo. Marx e Engels foram os primeiros a mostrar que a classe operária e as suas reivindicações são um produto necessário do regime econômico atual que cria e organiza inevitavelmente o proletariado ao

mesmo tempo que a burguesia; mostraram que não são as tentativas bem intencionadas dos homens de coração generoso que libertarão a humanidade dos males que hoje a esmagam, mas a luta de classes do proletariado organizado. Marx e Engels foram os primeiros a explicar, nas suas obras científicas, que o socialismo não é uma quimera, mas o objetivo final e o resultado necessário do desenvolvimento das forças produtivas da atual sociedade. Toda a história escrita até os nossos dias foi a história da luta de classes, do domínio e das vitórias de certas classes sociais sobre outras. E este estado de coisas continuará enquanto não tiverem desaparecido as bases da luta das classes e do domínio de classe: a propriedade privada e a anarquia da produção social. Os interesses do proletariado exigem a destruição destas bases, contra as quais deve,

pois, ser orientada a luta de classes consciente dos operários organizados. Ora, toda luta de classe é uma luta política.

Todo o proletariado que luta pela sua emancipação tornou hoje suas estas concepções de Marx e Engels; mas nos anos 40, quando os dois amigos começaram a colaborar em publicações socialistas e a participar nos movimentos sociais da sua época, eram inteiramente novas. Então, eram numerosos os homens de talento ou sem talento, honestos ou desonestos, que, dando-se inteiramente à luta pela liberdade política, contra a arbitrariedade dos reis, da polícia e do clero, não viam a oposição dos interesses da burguesia e do proletariado. Não admitiam sequer a idéia de os operários poderem agir como força social independente. Por outro lado, um bom número de sonhadores, dentre os quais alguns eram mesmo

...um bom número de sonhadores, dentre os quais alguns eram mesmo geniais, pensava que seria suficiente convencer os governantes e as classes dominantes da iniquidade da ordem social existente, para fazer reinar sobre a terra, a paz e a prosperidade universais. Sonhavam com um socialismo sem luta.

geniais, pensavam que seria suficiente convencer os governantes e as classes dominantes da iniquidade da ordem social existente, para fazer reinar sobre a terra, a paz e a prosperidade universais. Sonhavam com um socialismo sem luta. Finalmente, a maior parte dos socialistas de então, e, de um modo geral, os amigos da classe operária, não viam no proletariado senão uma chaga a cujo crescimento assistiam com horror à medida que a indústria se desenvolvia. Por isso, todos procuravam o modo de parar o desenvolvimento da indústria e do proletariado, parar a "roda da história". Ao mesmo tempo que o desenvolvimento do proletariado inspirava um medo geral, é no seu crescimento ininterrupto que Marx e Engels punham todas as suas esperanças. Quanto mais proletários houvesse, e maior fosse sua força como classe revolucionária, mais próximo e possível estaria o socialismo. Podem-se exprimir em algumas palavras os serviços prestados por Marx e Engels à classe operária dizendo que eles a ensinaram a conhecer-se e a tomar consciência de si mesma, e que substituíram as quimeras pela ciência.

Eis por que o nome e a vida de Engels devem ser conhecidos por cada operário; eis por que, na nossa compilação, cujo fim, como os de todas as nossas publicações, é acordar a consciência de classe dos operários

russos, sentimos a obrigação de dar um apanhado da vida e da atividade de Friedrich Engels, um dos dois grandes educadores do proletariado contemporâneo.

Engels nasceu em 1820, em Barmen, na província renana do reino da Prússia. O pai era um fabricante. Em 1838, Engels por motivos familiares teve de abandonar os estudos no ginásio e entrar como empregado de balcão numa casa de comércio de Bremen. As suas ocupações comerciais não o impediram de trabalhar para complementar sua instrução científica e política. Desde o ginásio que ele adquirira ódio ao absolutismo e à arbitrariedade da burocracia. Os seus estudos de filosofia levaram-no ainda mais longe. Reinava então na filosofia alemã a doutrina de Hegel, e Engels tornou-se seu discípulo. Embora Hegel fosse, por seu lado, um admirador do Estado prussiano absolutista a serviço do qual se encontrava na qualidade de professor na Universidade de Berlim, a sua doutrina

...Se tudo se desenvolve, se certas instituições são substituídas por outras, por que é que o absolutismo do rei da Prússia ou do Czar da Rússia, o enriquecimento de uma ínfima minoria à custa da imensa maioria, o domínio da burguesia sobre o povo, se deveriam perpetuar?

era revolucionária. A fé de Hegel na razão humana e nos seus direitos e o princípio fundamental da filosofia hegeliana segundo o qual o mundo é teatro de um processo permanente de transformação e desenvolvimento, conduziram aqueles dois discípulos do filósofo berlinense que não queriam acomodar-se à realidade, à idéia de que a luta contra a realidade, a luta contra a iniqui-

dade e o mal reinante, também procede da lei universal do desenvolvimento perpétuo. Se tudo se desenvolve, se certas instituições são substituídas por outras, por que é que o absolutismo do rei da Prússia ou do czar da Rússia, o enriquecimento de uma ínfima minoria à custa da imensa maioria, o domínio da burguesia sobre o povo, se deveriam perpetuar? A filosofia de Hegel tratava do desenvolvimento do espírito e das idéias: era **idealista**. Do desenvolvimento do espírito a filosofia de Hegel deduzia o desenvolvimento da natureza, do homem e das relações entre os homens no seio da sociedade. Retomando a idéia hegeliana de um processo perpétuo do desenvolvimento (1), Marx e Engels rejeitaram o idealismo preconcebido, o estudo da vida mostrou-lhes que não é o desenvolvimento do espírito que explica o da natureza, da matéria... Em oposição a Hegel e outros hegelianos, Marx e Engels eram materialistas. Partindo de uma concepção materialista do mundo e da humanidade, verificaram que, assim como todos os fenômenos da natureza têm causas materiais, igualmente o desenvolvimento da sociedade humana é condicionado pelo das forças materiais, as forças produtivas. Do desenvolvimento das forças produtivas dependem as relações que se estabelecem entre os homens na produção dos objetos necessários à satisfação das suas necessidades. E são estas relações que explicam todos os fenômenos da vida social, as aspirações do homem, suas idéias e suas leis.

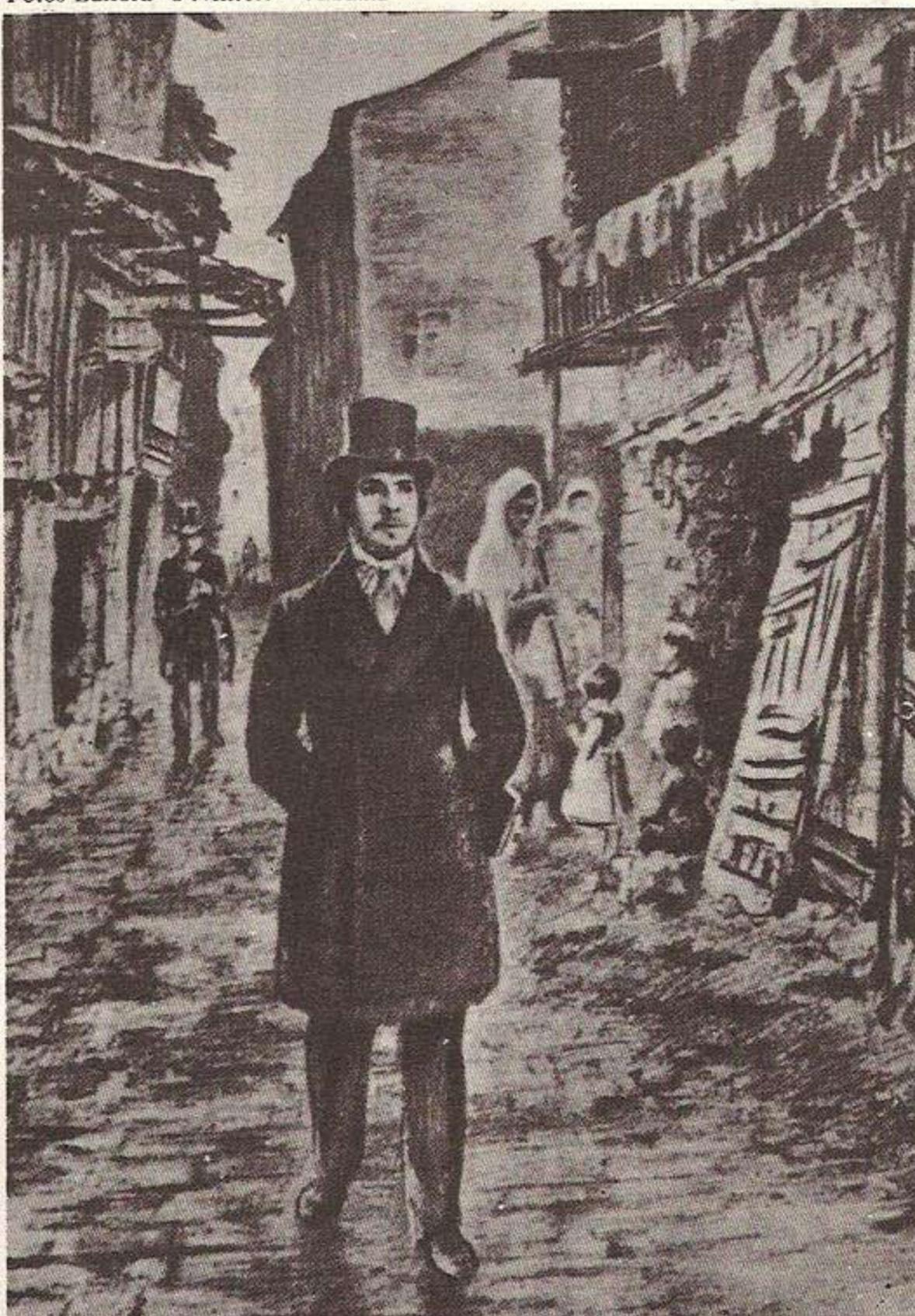
O desenvolvimento das forças produtivas cria relações sociais que se baseiam na propriedade privada, mas vemos hoje esse mesmo desenvolvimento das forças produtivas privar a maioria de toda a propriedade e concentrar esta nas mãos de uma ínfima minoria.

O desenvolvimento das forças produtivas elimina a propriedade, base da ordem social contemporânea, e tende ele próprio para o objetivo que se atribuíram os socialistas. Estes últimos devem apenas compreender qual é a força social que, devido à sua situação na sociedade atual, está interessada na realização do socialismo, e incutir nesta força a consciência dos seus interesses e da sua missão histórica. Esta força é o proletariado. Engels aprendeu a conhecê-lo na Inglaterra, em Manchester, centro da indústria inglesa, onde se fixou em 1842 como empregado de uma casa de comércio em que seu pai tinha interesses. Engels não se contentou em trabalhar no escritório da fábrica: percorreu os bairros sórdidos em que viviam os operários, e viu com seus próprios olhos a sua miséria e os seus males. Mas não se limitou à sua observação pessoal; leu tudo o que antes dele se tinha escrito sobre a situação da classe operária inglesa, estudando escrupulosamente todos os documentos oficiais que pôde consultar.

...Engels foi o primeiro a declarar que o proletariado não é só uma classe que sofre, mas que a vergonhosa situação econômica em que se encontra o empurra irresistivelmente para a frente e o obriga a lutar pela sua emancipação final.

O fruto destes estudos e destas observações foi um livro que saiu em 1845, "A Situação da Classe Operária na Inglaterra". Já atrás lembramos o principal mérito de Engels como autor dessa obra. Antes dele, muitos tinham descrito os sofrimentos do proletariado e assinalado a necessidade de lhe prestar ajuda. Engels foi o primeiro a declarar que o proletariado não é só uma classe que sofre, mas que a vergonhosa situação econômica em que se encontra o empurra irressisti-

Fotos Editora "8 Nentori" - Albânia



Engels passeando pelas ruas de Londres, em 1842

velmente para a frente e o obriga a lutar pela sua emancipação final. O proletariado em luta **ajudar-se-á a si mesmo**. O movimento político da classe operária levará, inevitavelmente, os operários a darem-se conta de que não há, para eles, outra saída senão o socialismo. Por seu lado o socialismo só será uma força quando se tornar o objetivo da luta política da classe operária. Tais são as idéias mestras do livro de Engels sobre a situação da classe operária na Inglaterra, idéias que hoje, o conjunto do proletariado que pensa e luta, fez suas, mas que eram então

absolutamente novas. Estas idéias foram expostas numa obra cativante onde abundam os quadros mais verídicos e perturbantes da miséria do proletariado inglês. Este livro era um terrível requisitório contra o capitalismo e a burguesia. Produziu uma impressão considerável. Em breve, por toda a parte se referiam a ele como ao quadro mais fiel da situação do proletariado contemporâneo. Com efeito, nem antes nem depois de 1845, aparecera coisa alguma que desse uma pintura tão surpreendente e tão verdadeira dos males de que sofre a classe operária.

Engels só se tornou socialista na Inglaterra. Em Manchester ele se pôs em contato com os militantes do movimento operário inglês e escreveu para as publicações socialistas inglesas. Voltando à Alemanha em 1844, conheceu em Paris, Marx, com quem se correspondia já há algum tempo, e que se tinha igualmente tornado socialista, durante a sua estada em Paris, sob a influência dos socialistas franceses e da vida francesa.

Foi lá que os dois amigos escreveram em comum "A Sagrada Família" ou a "Crítica da Crítica Crítica". Este livro saído um ano antes de "A Situação da Classe Operária na Inglaterra", e do qual a maior parte foi escrita por Marx lançou as bases deste socialismo materialista revolucionário de que

...Estes senhores tratavam o proletariado com ar superior, por eles considerado como uma massa desprovida de espírito crítico. Marx e Engels levantaram-se categoricamente contra essa tendência absurda e nefasta.

atrás expusemos as idéias essenciais. "A Sagrada Família" era uma denominação jocosa dada a dois filósofos, os irmãos Bauer, e aos seus discípulos. Estes senhores pregavam uma crítica que se coloca acima de toda a realidade, acima dos partidos e da política, repudia toda a atividade prática e limita-se a contemplar "com espírito crítico" o mundo circundante e os acontecimentos que nele se produzem. Estes senhores tratavam o proletariado com ar superior, por eles considerado como uma massa desprovida de espírito crítico. Marx e Engels levantaram-se categoricamente contra esta tendência absurda e nefasta. Em nome da personalidade humana real, do operário oprimido pelas clas-

ses dominantes e pelo estado, exigem não uma atitude contemplativa, mas a luta por melhor organização da sociedade. É, evidentemente, no proletariado que eles vêem a força ao mesmo tempo capaz de conduzir esta luta e diretamente interessada em fazê-la triunfar. Antes de "A Sagrada Família", Engels já tinha publicado nos "Anais Franco-Alemães" de Marx e Ruge os "Ensaio Críticos sobre a Economia Política" (2) em que analisava, do ponto de vista socialista, os fenômenos essenciais do regime econômico moderno, consequência inevitável do reino da propriedade privada. São, incontestavelmente as suas relações com Engels o que leva Marx a ocupar-se da economia política, ciência em que os seus trabalhos iam desencadear uma revolução total.

De 1845 a 1847 Engels viveu em Bruxelas e em Paris, desenvolvendo abertamente os estudos científicos e uma atividade prática entre os operários alemães destas duas cidades. Foi lá que Marx e Engels entraram em contato com uma sociedade secreta alemã, a Liga dos Comunistas, que os encarregou de expor os princípios fundamentais do socialismo, elaborados por eles. Assim nasceu o célebre "Manifesto do Partido Comunista" de Marx e Engels, editado em 1848. Esta brochura vale por muitos volumes: ela inspira e anima até hoje todo o proletariado organizado e combatente do mundo civilizado.

A revolução de 1848, que eclodiu primeiro na França e ganhou em seguida os outros países da Europa Ocidental, fez Marx e Engels regressarem à sua pátria. Lá, na Prússia renana, tomaram a direção da "Nova Gazeta Renana", jornal democrático que saía em Colônia. Os dois amigos eram a alma das aspirações democrá-

ticas revolucionárias na Prússia Renana. Defendiam até o fim os interesses do povo e da liberdade contra as forças da reação. Estas últimas, como se sabe, acabaram por triunfar. A "Nova Gazeta Renana" foi proibida. Marx, a quem durante sua emigração tinham tirado a nacionalidade prusiana, foi expulso. Quanto a Engels, tomou parte na insurreição armada do povo, combateu em três batalhas pela liberdade e, após a derrota dos insurretos, refugiou-se na Suíça de onde passou para Londres.

Foi igualmente em Londres que Marx veio a fixar-se. Engels, em breve voltou a ser empregado de balcão, depois sócio da mesma casa de comércio de Manchester onde tinha trabalhado nos anos 40. Até 1870 viveu em Manchester, e Marx em Londres, o que não os impedia de estar em estreita comunhão de idéias; escreviam-se quase todos os dias. Nessa correspondência os dois amigos trocaram as suas opiniões e os seus conhecimentos, e continuaram a elaborar em

...Engels escreveu, num estilo fácil, obras muitas vezes polêmicas em que esclarecia os problemas científicos mais gerais e diferentes fenômenos do passado e do presente, inspirando-se na concepção materialista da história e na teoria econômica de Marx.

comum o socialismo científico. Em 1870, Engels veio fixar-se em Londres, e a sua vida intelectual comum, cheia de uma atividade intensa prosseguiu até 1883, data da morte de Marx. Esta colaboração foi extremamente fecunda: Marx escreveu "O Capital", a mais grandiosa obra de economia política do nosso século, e Engels, toda uma série de trabalhos, grandes e pequenos. Marx dedicou-se à análise dos

fenômenos complexos da economia capitalista. Engels escreveu, num estilo fácil, obras muitas vezes polêmicas em que esclarecia os problemas científicos mais gerais e diferentes fenômenos do passado e do presente, inspirando-se na concepção materialista da história e na teoria econômica de Marx. Dentre esses trabalhos de Engels citaremos a sua obra polêmica contra Dühring (onde analisa questões capitais da filosofia, assim como das ciências naturais e sociais), "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado", "Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã", um artigo sobre a política externa do governo (3), notáveis artigos sobre o problema da habitação, e, finalmente, dois artigos curtos, mas de grande interesse, sobre o desenvolvimento econômico da Rússia. Marx morreu sem ter completado a sua obra monumental "O Capital".

Mas o rascunho já estava pronto, e foi Engels quem, após a morte do amigo, assumiu a pesada tarefa de pôr em ordem e publicar os Livros 2 e 3 de "O Capital". Editou o Livro 2 em 1885 e o Livro 3 em 1894 (não teve tempo de preparar o Livro 4) (4). Estes dois livros exigiram um trabalho enorme da sua parte. O social-democrata austríaco Adler notou, muito justamente que editando os Livros 2 e 3 de "O Capital", Engels ergueu, ao seu genial amigo, um grandioso monumento sobre o qual, sem dúvida, gravou o seu próprio nome em letras indeléveis. Estes dois Livros de "O Capital" são, com efeito, obra de dois homens: Marx e Engels. Antigas narrativas contam exemplos tocantes de amizade. O proletariado da Europa pode dizer que a sua ciência foi criada por dois sábios, dois lutadores, cuja amizade ultrapassa tudo o que de mais comumente oferecem as narrativas

dos antigos sobre a amizade humana. Engels, com justa razão, via de regra, sempre se apagou diante de Marx. "Perto de Marx, escrevia ele a um velho amigo, fui sempre o segundo violino". (5) O seu afeto por Marx enquanto vivo e a veneração por Marx desaparecido eram ilimitados. Este militante austero e pensador rigoroso tinha uma alma profundamente afetuosa.

Durante o seu exílio que se seguiu ao movimento de 1848 - 1849, Marx e Engels só se ocuparam da ciência: Marx fundou em 1864 a Associação Internacional dos Trabalhadores, em que assegurou a direção

...Após a morte de Marx, Engels continuou sozinho a ser o conselheiro e o guia dos socialistas da Europa.

durante dez anos. Engels desempenhou, aí, igualmente, um papel considerável. A atividade da Associação Internacional, que unia, segundo o pensamento de Marx, os proletários de todos os países, teve uma influência capital no desenvolvimento do movimento operário. Mesmo após a sua dissolução nos anos 70, continuou a exercer-se o papel de Marx e Engels como centro de atração. Melhor: pode-se dizer que a sua importância como guias espirituais do movimento operário não cessou de crescer, pois o próprio movimento se desenvolvia sem parar. Após a morte de Marx, Engels continuou sozinho a ser o conselheiro e o guia dos socialistas da Europa. Era a ele que vinham pedir conselhos e indicações tanto os socialistas alemães, cuja força crescia rapidamente apesar das perseguições governamentais, como os representantes dos países atrasados, espanhóis, rome-

nos, russos, que davam então os seus primeiros passos. Eles recorriam todos ao rico tesouro das luzes e da experiência do velho Engels.

Marx e Engels, que conheciam o russo e liam as obras saídas nessa língua, interessavam-se vivamente pela Rússia, cujo movimento revolucionário

...Pelo contrário, toda a veleidade de se afastar, em nome de pretensas vantagens econômicas, da tarefa mais importante e mais imediata dos socialistas russos - a conquista da liberdade política - parecia-lhe naturalmente suspeita; eles viam (Marx e Engels) nisso uma traição pura e simples à grande causa da revolução social.

rio seguiam com simpatia e estavam em contato com os revolucionários russos. Ambos se tornaram socialistas depois de terem sido **democratas**, e o seu sentimento democrático de ódio pela arbitrariedade política e a opressão econômica, assim como a sua rica experiência, tinham tornado Marx e Engels muito sensíveis à relação política. Igualmente a luta heróica de um pequeno punhado de revolucionários russos contra o todo poderoso governo czarista encontrou o mais simpático eco no coração dos dois experimentados revolucionários. Pelo contrário, toda a veleidade de se afastar, em nome de pretensas vantagens econômicas, da tarefa mais importante e mais imediata dos socialistas russos - a conquista da liberdade política -, parecia-lhes naturalmente suspeita; eles viam nisso uma traição pura e simples à grande causa da revolução social. "A emancipação do proletariado

deve ser obra do próprio proletariado" - eis o que ensinavam constantemente Marx e Engels. Ora, para poder lutar pela sua emancipação econômica, o proletariado deve conquistar certos direitos políticos. Por outro lado, Marx e Engels davam-se perfeitamente conta de que uma revolução política na Rússia teria também uma enorme importância para o movimento operário na Europa Ocidental. A Rússia autocrática foi desde sempre a fortaleza da reação européia. A situação internacional excepcionalmente favorável da Rússia em seguida à guerra de 1870, que semeou durante muito tempo a discórdia entre a França e a Alemanha, não podia evidentemente deixar de fazer aumentar a importância da Rússia autocrática como força reacionária. Só uma Rússia livre, que não tenha necessidade nem de oprimir os poloneses, os finlandeses, os alemães, os armênios e outros pequenos povos, nem de lançar, incessantemente a França e a Alemanha, uma contra a outra, permitirá à Europa libertar-se dos encargos militares que a esmagam, enfraquecerá todos os elementos reacionários na Europa e aumentará a força da classe operária européia. Eis por que Engels desejava tanto a instauração da liberdade política na Rússia, no próprio interesse do movimento operário do Ocidente. Com sua morte, os revolucionários russos perderam o seu melhor amigo.

A memória de Friedrich Engels, grande combatente, educador do proletariado, viverá eternamente!

NOTAS

(1) Marx e Engels declararam várias vezes que, em grande medida, o seu desenvolvimento intelectual era devido aos grandes filósofos alemães e, designadamente a Hegel. Em "Prefácio à Guerra dos Camponeses na Alemanha", Engels

escreve: "Se não tivesse havido anteriormente a filosofia alemã, o socialismo científico alemão - o único socialismo que jamais houve - nunca teria sido fundado".

(2) Trata-se do escrito de F. Engels "Ensaio de Crítica sobre a Economia Política".

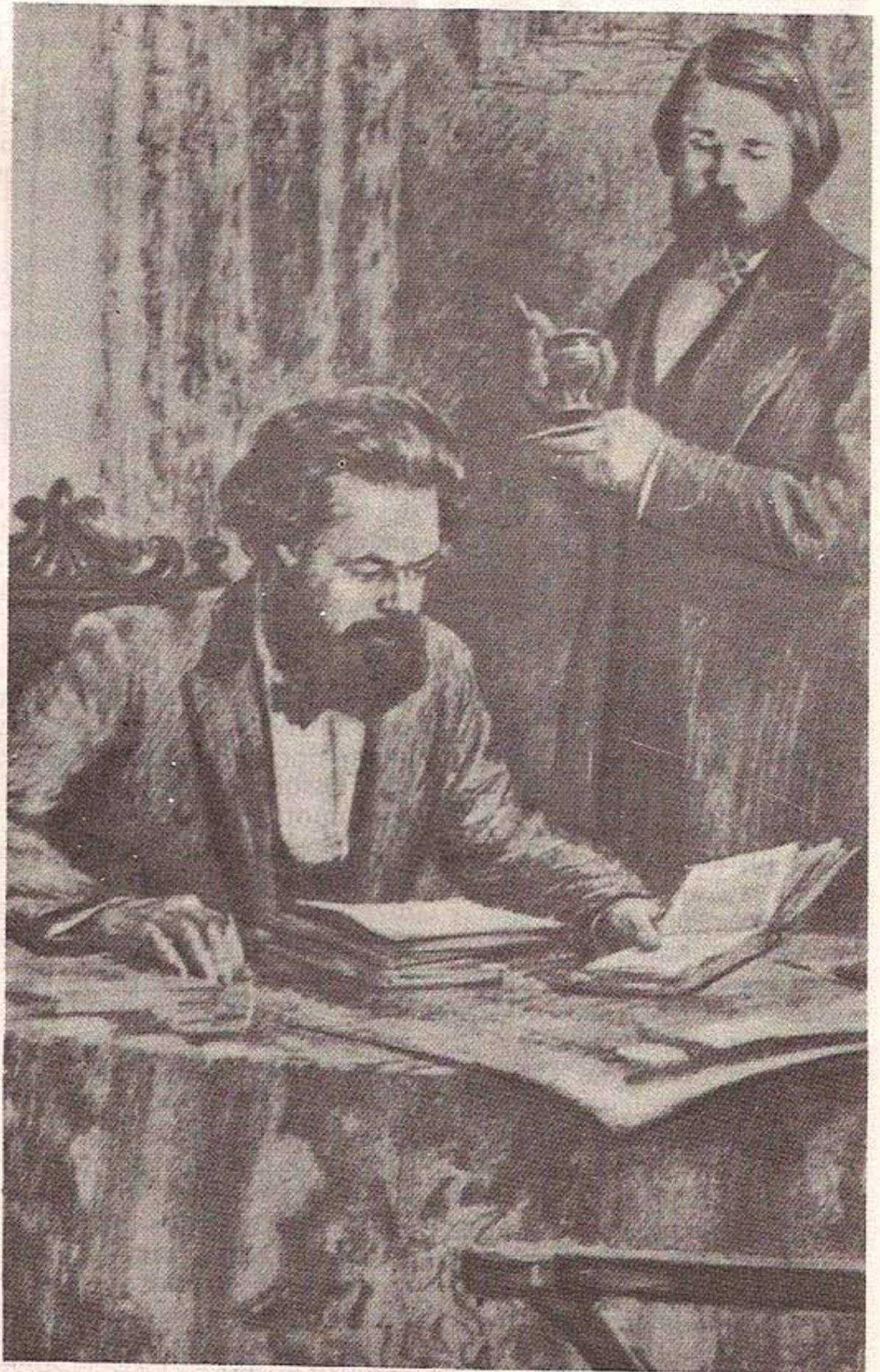
(3) Lênin faz alusão ao artigo de Engels "A Política Externa do Czarismo Russo" publicado

nos dois primeiros fascículos da revista literária e política "Social-democrata" sob o título "A Política Externa do Czarismo Russo".

(4) Assim como Engels, Lênin chama Livro IV de "O Capital" a obra de Marx escrita em 1862-1863: "Teorias da Mais-valia".

(5) Carta de Engels a Y. Ph. Becker, de 15/10/1884.

Foto Editora "8 Nentori" - Albânia



Marx e Engels, ainda jovens, estudando.

1985: Ano Internacional da Juventude Educar e Organizar os Jovens para a Vida e para a Luta

Aldo Rebelo*



Comemora-se em 1985 o Ano Internacional da Juventude. O acontecimento, de iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU), está sendo festejado mundialmente através de congressos, festivais e encontros promovidos em todos os cantos do planeta por movimentos juvenis, governos e entidades culturais. A par das comemorações, porém, cabe refletir sobre as inquietações e anseios da juventude em uma época marcada pelo desajustamento acelerado da sociedade capitalista e pela necessidade de sua substituição por uma ordem social nova, capaz de prover a juventude e os povos do sonho possível e realizável da felicidade.

Da América do Norte à China, de Buenos Aires a Moscou, o desengano face à irracionalidade do mundo capitalista manifesta-se de maneira mais aguda entre o contingente mais jovem da população. Ao observar a ordem estabelecida, não poderia deixar de escapar às jovens gerações uma exclamação de desprezo e decepção: "sociedade podre", como definiram em pesquisa de opinião realizada pelo jornal "O Estado de São Paulo".

O que deseja a juventude? O que busca em meio aos tormentos gerados pela opressão, injustiças, discriminações e ameaça de guerra nuclear? Diríamos que, num primeiro instante, nega simplesmente a sociedade atual, sem maior discernimento do que seria estabelecido em seu lugar, nem de como proceder para alcançar tal objetivo. Em questionário dirigido a jovens brasileiros em 1967 pela revista "Realidade", publicado na época com grande repercussão, soube-se que mais de 50% dos consultados viam no "socialismo o sistema econômico que oferece as maiores possibilidades para o desenvolvimento". Mesmo aparecendo aí o socialismo como substituição caricaturada do capitalismo, não deixa de ser reveladora a manifestação da mocidade do País naquele período.

Fase de transição entre a adolescência e a idade adulta, o jovem desperta para o mundo buscando uma filosofia de vida, um sentido para a existência, que o coloque em sintonia com a natureza e com seus semelhantes. Ao chocar-se com a utopia despedaçada pela engrenagem anacrônica e pelos valores mesquinhos e egoístas das estruturas dominantes, é conduzido, irreversivelmente, à indignação e à revolta.

**"É a dor da força desaproveitada(...),
Que podendo mover milhões de mundos,
Jazem ainda na estática do nada."
(Augusto dos Anjos)**

Incapaz de conquistar a juventude para sua ideologia e modo de vida, procura a burguesia neutralizá-la a ira esgotando os movimentos de contestação em objetivos secundários e limitados, ou até mesmo voltando-os contra sua própria razão de existir. A regra, porém, é a revolta incontida, expondo as vísceras apodrecidas do sistema, mesmo que seus efeitos não se voltem imediatamente contra ele.

Anos atrás, a revista norte-americana "Seleções do Reader's Digest", ligada aos setores mais reacionários da sociedade americana, dava conta da preocupação do governo dos Estados Unidos com a violência nas escolas primárias do país, principalmente quanto a atos de vandalismo, depredação e

*Aldo Rebelo foi Presidente da UNE, gestão 1980/81. Atualmente é o coordenador Geral da União da Juventude Socialista (UJS). É Suplente de Deputado Federal (PMDB - SP) e jornalista profissional.

destruição de patrimônio, gerando incalculáveis prejuízos ao governo, além de levantar questionamento sobre as razões de tal comportamento. Mais recentemente sabe-se que tal situação agravou-se com agressões, inclusive estupro e assassinato de professoras em salas de aula por parte de alunos adolescentes.

“Não queremos criar nada de novo. Nem sequer mudar o mundo ou contribuir para o bem-estar da comunidade. Só queremos é gozar nossa breve vida, gozar do sexo, da música, dos filmes de violência e brutalidade, beber álcool, fumar maconha e adquirir droga boa”. O jovem que fez essa declaração faz parte de grupos punks que não escondem suas simpatias pelo nazismo, já foram responsabilizados pelo espancamento de trabalhadores turcos e gregos na Alemanha e reivindicam a expulsão dos estrangeiros do país. Em São Paulo, atribui-se a grupos punks inscrições que têm surgido nas ruas da cidade, ao lado da cruz suástica, com os dizeres “fora baianos sujos”, em referência explícita aos nordestinos que moram no Estado.

Não faz muito tempo, ao promover o julgamento, em Moscou, de um grupo de jovens adeptos da seita Hare Krishna, as autoridades revisionistas viram-se às voltas com dezenas de outros simpatizantes do grupo que protestavam na porta do tribunal. Na China já há out-doors com jovens bebendo coca-cola. Em compensação caiu de 50%, no período da revolução, para pouco mais de 5%, atualmente, o índice de jovens militantes no Partido Comunista Chinês.

Em seu XIII Congresso, realizado este ano, o Partido Socialista dos Trabalhadores Húngaros apontava como grande preocupação, ao lado do crescimento do lucro das empresas privadas e do aumento da diferença entre ricos e pobres, a degeneração e o uso das drogas entre a juventude. Integrado na economia, o capitalismo multiplica suas mazelas, também nos costumes, no mundo revisionista.

As multinacionais anunciam: Garrafas de “vida”, pacotes de “sucesso”!

Na contingência de nada ter a oferecer ou construir, sem perspectiva a acenar para a humanidade, as elites elegeram o “consumismo” como a filosofia de seus últimos dias. Consumir passou a ser a própria essência da vida. Para se consumir mais e mais, tudo deve ser trocado por outra coisa de igual valor, conteúdo e função; seja o carro, o televisor, o detergente e até mesmo o homem ou a mulher. Seria salutar que, na era da obsolescência planejada, as classes dominantes reservassem, também, sua vez de repousar definitivamente na lata do lixo dos objetos descartáveis.

Sob o título “O mercado de Cr\$ 1,5 trilhão”, a revista “Exame” publicou no ano passado, e “Veja” reproduziu em reportagem de capa, uma pesquisa da empresa de publicidade MacCann-Erickson sobre o potencial consumidor da juventude do Brasil. A empresa investiu 100 mil dólares, na ocasião, exclusivamente para estudar um mercado correspondente a 60% das 24,8 milhões de pessoas com idade entre 15 e 24 anos empregadas.

A pesquisa rotula os jovens em cinco segmentos: integrados, conservadores, modernos, independentes

e contestadores, encarregando-se de tecer ligações sobre os hábitos, costumes e tendências político-ideológicas de cada grupo. Os resultados da pesquisa são tão absurdos quanto reveladores dos interesses de seus patrocinadores. A respeito dos contestadores diz, por exemplo, que eles representam apenas 5% do total de jovens do País e pertencem majoritariamente à classe “A” - dos mais ricos. Para quem viu a presença maciça da mocidade na campanha das diretas, no ano passado, ou a juventude operária e bóia-fria erguendo-se em greves nas fábricas e canaviais de São Paulo, resta a pergunta: em jovens de que galáxia a MacCann Erickson aplicou, finalmente sua pesquisa?

Através de jingles que anunciam que “Coca-Cola dá mais vida” e “Hollywood o sucesso”, mais que refrigerantes e cigarros, as multinacionais tentam vender uma opção existencial à juventude onde o prazer e a aventura de viver podem ser comprados em garrafas e pacotes no próximo supermercado e independem da ação, iniciativa ou luta dos indivíduos.

O sonho da burguesia com um mundo de mulas sem cabeça

O culto do corpo é outra receita de bolo da culinária oficial para exercer a função de dique contra o extravasamento, indesejável, da rebeldia juvenil, do campo do comportamento para o campo das idéias e da política. Até o termo “política do corpo” foi criado e propagandeado em larga escala pelos meios de comunicação de massa e repetido por gente que se julga avançada e progressista. Logicamente que interessa aos jovens um ideal de vida que lhes permita aproveitar e conhecer as potencialidades do corpo, mas não uma pretensa teoria do corpo que lhes anula os demais sentidos da vida.

A desfaçatez e hipocrisia dos círculos dirigentes devem levá-los a sonhar com um mundo habitado por pessoas incapazes de pensar e raciocinar, tais quais as mulas-sem-cabeça das histórias contadas por nossos avós. A verdadeira “política do corpo” por eles defendida manifesta-se no frio número de estatísticas, nos 25 milhões de menores abandonados, 70 milhões de verminóticos e subnutridos que vivem no Brasil, ou nos 800 milhões de seres humanos que perambulam pelo mundo na condição de inativos ou indigentes, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Segundo dados da Secretaria de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura sabe-se que apenas 31 de cada 100 mil alunos matriculados (0,031%) participaram dos jogos escolares brasileiros de 1982. Não chega a 1 por 100 (chega a 40 por 100 em outros países) o número de brasileiros de 15 a 49 anos inscritos como atletas das federações estaduais enquanto que diminuíram de 219 em 1974, para 184 em 1984, os campos de futebol de várzea no município de São Paulo. “Política do corpo” para minorias privilegiadas e inacessibilidade ao esporte para a ampla maioria da população.

No 1º Congresso de Adolescência, realizado este ano, em São Paulo, o médico Lauro Monteiro Filho ao manifestar sua preocupação com o alto índice de suicídio entre os jovens alertou para o fato de que

“não é freqüentando academias de ginástica, que supervalorizam o corpo, que os jovens serão bem sucedidos na vida”, acrescentando que “é preciso transmitir aos filhos uma maior noção de responsabilidade e mostrar-lhes a possibilidade, deles próprios com os mecanismos de que dispõe, mudar alguma coisa”. Um pouco antes, em simpósio semelhante em Campinas, o psiquiatra Roosevelt Cassorla denunciava que “das 20 mil tentativas de suicídio registradas por ano em São Paulo, 80% ocorrem entre adolescentes, com incidência maior de mulheres, na proporção de cinco por um”. A baixa auto estima, a não identificação de projeto de vida, problemas familiares e afetivos foram apontados como os principais causadores das tentativas de suicídio entre os jovens.

Mas se afinal de contas as prateleiras dos supermercados, as sessões das academias de ginástica, nem a leitura dos conselhos do último guru oriental preencherem o vazio existencial das gerações nascentes, não faltará uma teoria da psicanálise para dar a explicação: você, e não a sociedade, é desajustado - setenciaram nossos sacerdotes freudianos em missa encomendada pela remissão das almas de seus mecenas.

“Era o mesmo em todo o lugar, crime e traição, traição e crime”.

(Jack London)

Mas se no campo das idéias há que se entrentar a juventude com as armadilhas postas em seu caminho, é na vida concreta e diária que deve estar atenta para não ser surpreendida no terreno minado pelo inimigo em retirada.

Os olhos mais atentos já podem divisar o brilho do bólido capitalista cortando os céus na precipitação final: fascistização da sociedade; crise econômica multiplicando desemprego, miséria e sofrimento; atos de desespero em meio ao crescente ânimo dos povos para a luta, e a ameaça de guerra nuclear são como zumbidos do monstro pressagiando a queda definitiva.

A liberdade, senha das revoluções, precisa ser rasgada pelas sentinelas da reação para que não seja passada às novas gerações informando a aproximação da batalha derradeira com imensas possibilidades de vitória para as forças do futuro e do progresso. A cada espasmo de crise da estrutura capitalista o fascismo aparece como antídoto na tentativa de salvação do organismo em agonia, embora sempre respondido pela intensificação da luta dos trabalhadores e dos povos, em igual intensidade e sentido contrário, como na lei da física.

O suicídio de 21 soldados, noticiado pelo Estado Maior israelense, entre os que foram destacados para ocupar o Líbano, e o desligamento diário de recrutas por abuso de droga, das forças norte-americanas acantonadas na Europa, são esses sinais desesperados de uma juventude que não aceita a beligerância de seus governos nem a militarização do planeta.

A multiplicação por toda a paisagem européia de manifestações em oposição à corrida armamentista; a investida maciça dos jovens negros dos guetos sul-africanos contra a discriminação racial; a valentia

dos jovens mineiros ingleses ante a política de desemprego e repressão do regime da “dama-de-ferro” e a generosidade com que jovens palestinos, nicaragüenses e salvadorenses se inscrevem nas fileiras dos combatentes em defesa da independência da pátria, são exemplos de como a juventude enche de vigor a caminhada da humanidade para o amanhã.

Agora mesmo, quando a águia da Casa Branca bate as asas para outro vôo sangüinário contra uma nação soberana, tendo mais uma vez como alvo o destemido povo nicaragüense, não pode faltar o grito de “basta” aos agressores nem o repúdio veemente nas portas das embaixadas e consulados imperialistas e contra seus representantes em todos os continentes.

“O A é de absurdo / que vivemos todo dia /

é fome em todo lugar / é gente sem moradia /

grandes secas no nordeste / no sul enchentes e pestes /

desemprego é o que se cria”.

(Gecílio Pereira de Souza, jovem poeta, trabalhador rural, militante da UJS em Correntina - Ba).

Aqui anunciam-se eleições para a Assembléia Nacional Constituinte. Outras quatro foram convocadas ao longo de nossa história e em todas elas o esforço supremo dos meios conservadores sempre voltou-se para alijar do processo em primeiro lugar os trabalhadores, mas também forças auxiliares importantes do movimento popular como os jovens e as mulheres. Estas só vieram a conquistar direito de voto no início dos anos 30, quatro décadas depois do advento da República e mais de cem anos após a independência. Quanto à juventude, na Constituinte de 1823 proibiram-lhe o voto antes dos 25 anos, mais tarde até 21 e só hoje lhe permitem votar aos 18 anos, embora na mesma Constituição figure que já se pode render mais-valia ao capital a partir dos 12 anos de idade. A responsabilidade de operar máquinas, conduzir papéis, derrubar canaviais, casar e ter filhos - exercida ordinariamente por jovens operários, office-boys, bóias-frias, mães e pais - é menor que de dar um voto para prefeito ou deputado, na lógica interesseira dos nossos constitucionalistas de plantão.

A juventude lutará para conquistar o direito de votar aos 16 anos. Logrará conquistá-lo, ou não, a depender do movimento que consiga organizar em torno desse objetivo, e tantas chances terá quanto o êxito que consiga em aprumar as forças dentro da batalha em andamento, ao lado de todo o povo, para livrar a sociedade da infecção autoritária que a acometeu nos últimos 20 anos, e acelerar a marcha rumo a dias de direitos e liberdade.

A incerteza do trabalho, de poder ser dono do seu destino e útil à sociedade, conduz o jovem a um estado de incerteza e impotência, quebra-lhe o ânimo, leva-o ao desalento, à criminalidade, ou à

luta. Portanto, a defesa intransigente do direito ao trabalho e a denúncia incessante desta chaga do capitalismo - a falta de oportunidade aos mais novos - deve constar como ponto primordial do programa de qualquer organização avançada da juventude

O desemprego na Europa deixa sem ocupação 40% das pessoas de até 25 anos e nos Estados Unidos são os adolescentes e os negros os mais atingidos pela falta de trabalho. "Não sei ao certo onde irei, parto em busca de serviço" - escreveu recentemente um militante da União da Juventude Socialista do interior de São Paulo, comunicando da impossibilidade de continuar atuando no município onde tinha nascido e vivido até então.

Ressalte-se ainda que, no Brasil, a ausência de emprego para trabalhadores jovens sobrevive em simbiose com a brutal exploração da mão-de-obra de menores, sete milhões dos quais integravam a força de trabalho em 1983, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Na zona rural, na qual trabalham 45,4% da população entre 10 e 17 anos, é comum o desfalecimento desses inocentes, por fome ou esgotamento, em plena jornada de trabalho; repetição trágica, séculos depois, das cenas do período inicial da industrialização européia, quando os super-explorados operários, não raramente, encontravam a morte sobre os teares que manuseavam. "No Sertão, a idade adulta começa aos 10 anos, ou antes, no cabo da enxada", testemunhou à União da Juventude Socialista Raimundo Chaves - aos 20 anos presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Poranga, Ceará - sobre as condições de vida e trabalho da juventude camponesa, ele próprio exemplo vivo da infância e adolescência desaproveitadas na dura vida da roça.

Certa manhã de domingo de 1985, realizávamos um mutirão de filiação à União da Juventude Socialista em um bairro, dormitório operário da periferia de São Paulo. Após ouvir a exposição sobre os objetivos e funcionamento da entidade, um grupo de jovens - todo de mulheres entre 15 e 17 anos - concordou em inscrever-se no movimento e participar de suas atividades. Uma delas, sem esconder o rubor nas faces, pediu à amiga que preenchesse a ficha de filiação e assinasse em seu lugar: era analfabeta. Outra, do mesmo grupo, disse que trabalhava a semana inteira em "casa de família" e aos sábados e domingos lavava a roupa dos pais e irmãos. Uma terceira, apresentando o corpo cheio de marcas, disse ter sido impiedosamente surrada pela mãe, após uma semana de serviço como doméstica - salário de Cr\$ 100 mil ao mês - e um sábado inteiro lavando roupa, pelo fato de ter saído, à noite, para uma festinha em companhia de amigas.

"Estas contradições são contidas violentamente por um despotismo sem igual, despotismo cada vez mais insuportável para a juventude, que encarna a razão e a dignidade da nação" (Engels)

Descobrimos, porém, no contato com esses operários, desempregados e com todos os jovens desperdidos pelo capitalismo, a serenidade, a vontade de viver

e o amor por seus semelhantes, impossíveis de serem encontrados nos entes mesquinhos, barões da indústria, do capital, do latifúndio e homens sem dignidade que os acompanham.

Desconhecem quaisquer sacrifícios por um dia de lazer, um acampamento, excursão ou por uma partida de futebol em campo de várzea. Na pobreza material de suas existências vê-se uma coragem indômita e uma disposição para o combate própria dos explorados e que nos anima a seguir em frente. Saibam os que com eles se unem, em busca de melhor sorte, que nenhum esforço será tão grande quanto o que eles próprios desenvolvem para manter a insubmissão e a altivez em meio à servidão e à iniquidade.

Por esta razão, os jovens conscientes têm a tarefa de divulgar entre eles, com paciência e perseverança, a mensagem do socialismo. Armar-lhes os espíritos de uma filosofia de vida orientada pela confiança nas transformações progressistas e na revolução que os libertará, e a toda humanidade, da humilhação e do sofrimento.

Deve-se incentivá-los a atuar nas organizações de vanguarda do povo e nos sindicatos; a participar de todas as formas possíveis de organização dentro das empresas, das comissões de fábricas, Cipa (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), do time de futebol, da festa, do jogo e da excursão. "Importa estar junto da turma, ir devagar, que todo mundo descobre que tem que lutar mesmo", diz, com sabedoria e experiência, um jovem metalúrgico da UJS.

Nas escolas é difícil a tarefa de formar a nova geração e os quadros revolucionários. Precisa-se construir a nova escola no seio da velha. Dentro da escola burguesa, infestada de vícios, preconceitos e mentiras, erguer a escola revolucionária, baseada nas virtudes da união, na verdade científica e na ação ampla e massiva para incorporar a mocidade estudantil no caminho da luta e das reivindicações. A "condescendência" - recomendada por Lênin para com os mais novos - mais do que nunca deve ser levada em conta para se compreender a demora, dispersão e outras dificuldades que muitas vezes manifestam em assimilar as responsabilidades inerentes à atividade política.

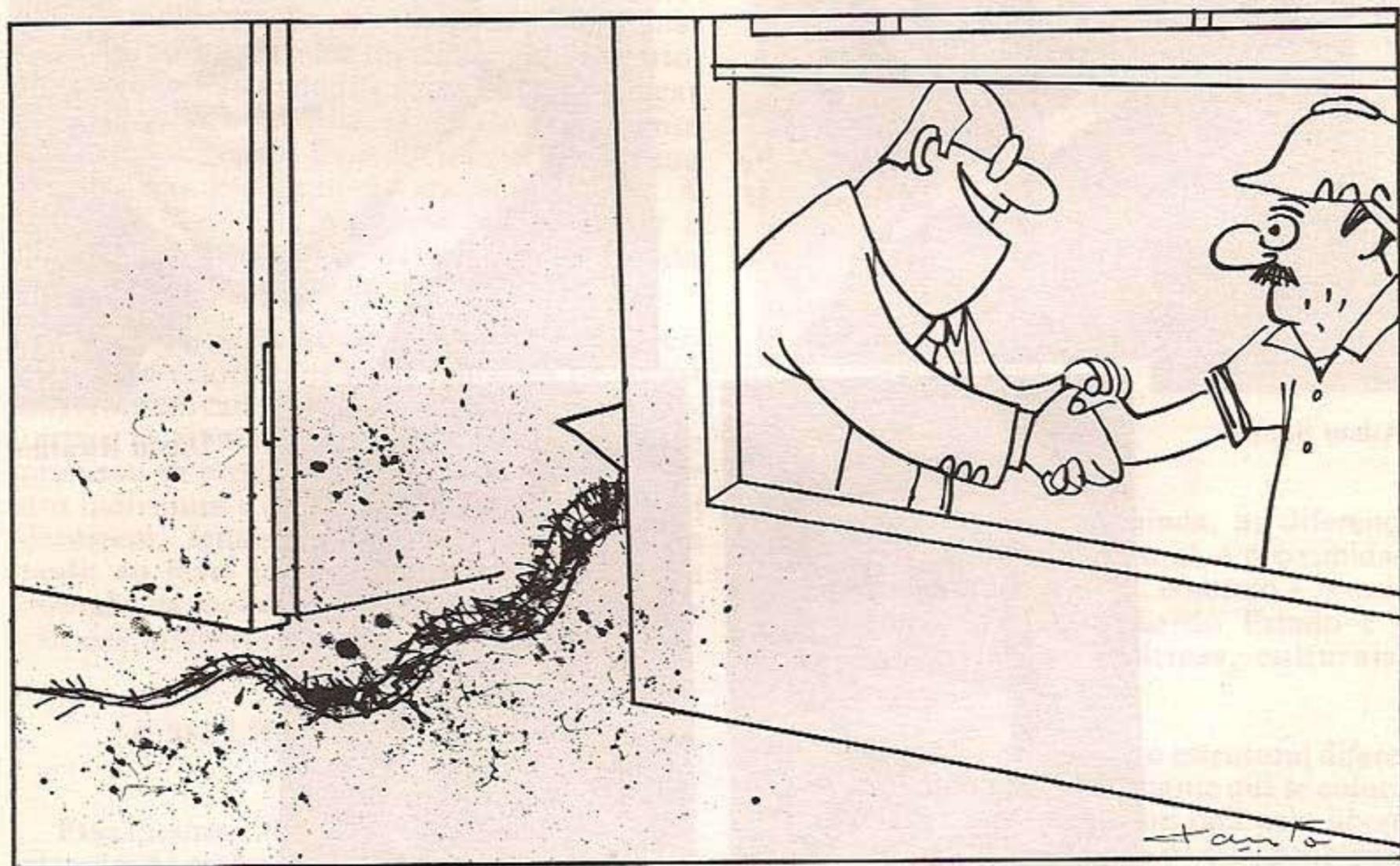
Nos bairros, onde encontram-se em condições mais desfavoráveis que os estudantes e operários - que contam com suas entidades para agirem em função de seus interesses -, cabe procurar juntá-los de alguma forma, seja para reivindicar melhores condições de moradia, uma quadra de esporte, organizar um festejo para o dia da criança ou dos namorados, por exemplo.

No momento, trata-se de incorporá-los a uma entidade própria, à *União da Juventude Socialista* e de fazê-lo com ousadia, sem tempo a perder, ou obstáculos a não suplantarem. As vitórias alcançadas pelo povo nas últimas refregas tiveram incontestável participação da juventude. Verdadeiros destacamentos de jovens combatentes formam-se diariamente nas greves e demonstrações de rua, e outro destino não devem tomar que o de se unirem ao batalhão mais avançado da juventude brasileira: a União da Juventude Socialista. Organizá-los em larga escala, filiá-los em massa nos núcleos dos bairros, fábricas e escolas é tarefa que não pode ser deixada para amanhã sob pena de encontrá-los cruzando fronteiras estranhas aos seus interesses.

LIBERALISMO

VELHA ARMA POLÍTICA DA BURGUESIA

Bernardo Joffily*



Desde os estertores do regime militar, parcelas consideráveis da burguesia brasileira se empenham em relançar o liberalismo no país.

Estruturam para isso uma legenda própria - o Partido da Frente Liberal, PFL - aglutinando boa parte das oligarquias mineiras, banqueiros de São Paulo e do Sul, a maioria dos governadores nordestinos, eleitos pelo PDS, o sistema tecnocrático-militar que gravita em torno do general Ernesto Geisel.

Atiram-se também à luta de idéias. O ministro Marco Maciel, ágil e destro, movimenta-se e ganha espaço como

ideólogo do liberalismo tupiniquim: em fins de maio lançou até um livro sobre o assunto, intitulado "Frente Liberal - Programa e Partido".

Não que nossa burguesia tenha afinal, tardiamente, se convertido a um espírito de princípios em questões de doutrina política e econômica. Nascida nas casas-grandes do latifúndio, criada na dependência do capital estrangeiro, deformada pela monopolização precoce, viciada no clientelismo e na corrupção estatais, covarde perante os poderosos hipócrita para cima dos fracos dona de potentes mandíbulas e um formidável aparelho diges-

tivo mas desprovida de espinha dorsal, ela não tem escrúpulos doutrinários. Se possui alguma consistência ideológica, filia-se à escola do pragmatismo, gerada nos Estados Unidos durante a virada do século: valoriza acima de tudo o conceito de utilidade; aquilo que é útil (para o burguês pragmático) é bom, necessário, justo. É o que, no feijão-com-arroz da política cabocla, batizou-se de fisiologismo.

DOS ESCOMBROS DO REGIME

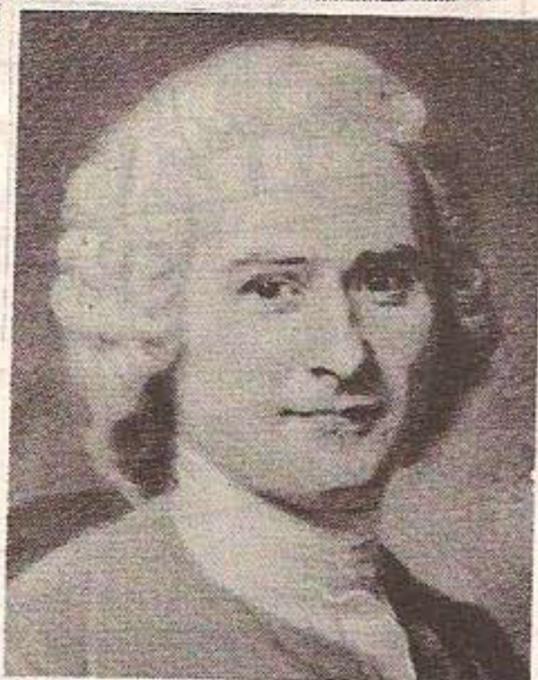
Acontece que uma somatória de circunstâncias, sobretudo do ano passado para cá, tornou



Adam Smith



David Ricardo



J.J. Rousseau



John Locke

conveniente para gorda parcela dessa burguesia pragmática remendar, tingir de novo e hastear a bandeira liberal.

O regime militar entrou em agonia e morreu. A aventura fascistizante de Paulo Maluf também deu com os burros n'água. Esgotou-se assim um longo e penoso ciclo de tirania das Forças Armadas, arbítrio e terror político, que nossos liberais de hoje preferem chamar pelo nome mais condescendente de "autoritarismo".

Por seu lado, as massas do povo brasileiro puseram-se em movimento em escala nunca

vista, no movimento de rebelião cívica contra a ditadura e pela liberdade que tomou forma na campanha das **diretas já**.

Ser adepto do velho regime tornou-se estigma infamante, capaz por si só de arrasar uma carreira política. E tornar-se adversário do regime, democrata, virou galardão consagrador.

Foi nesse quadro que uma parte do bloco de sustentação política do antigo governo afastou-se dele, em julho de 1984, formou a Frente Liberal, aliou-se com o PMDB e, em

dezembro último, constituiu-se formalmente como partido adotando a sigla PFL.

O PFL não nasce com todos os contornos definidos de um partido liberal. Mais uma vez o pragmatismo trabalha para borrar fronteiras e enevoar definições doutrinárias. O figurino liberal não serve a todos que estão com o PFL - entre os quais gente como o tristemente célebre Major Curió ou o ex-ministro Armando Falcão, de um conservadorismo raioso e empedernido. E nem de longe os liberais aderiram todos ao PFL - já que inúmeros continuam dentro do PMDB,

ou alhures. Para completar a identificação, passou-se a falar ultimamente numa fusão do PFL com as alas não malufistas do PDS remanescente - o que criaria um perfil partidário bem distinto do atual.

De qualquer forma, o fato é que o PFL, mesmo em formação e com fisionomia às vezes nebulosa, aí está. Possui hoje razoável força parlamentar, com mais de cem deputados federais e 19 senadores da República. Detém um bom pedaço dos postos da administração federal e o governo de quase todos os Estados nordestinos. E os peefelistas dispõem ainda de um trunfo: graças ao papel positivo que jogaram na derrota do regime militar, ao apoiarem a candidatura Tancredo-Sarney, gozam da tolerância e até de alguma indulgência da parte das grandes massas populares.

QUE LIBERALISMO É ESSE?

Em que consiste esse liberalismo? De onde ele vem? E para onde se encaminha?

São indagações necessárias para quem queira visualizar o novo mosaico político-partidário do país. É mais ainda, porque a influência da ideologia liberal não se cinge ao PFL, ou a este e ao PMDB, exercendo também pressão direta dentro do movimento operário e popular.*

*Nota Foi devido ao contrabando liberal e nacional-reformista que o Partido Comunista do Brasil viu-se atingido por uma cisão grave, no início dos anos 60, com boa parte de seus quadros rompendo com o marxismo-leninismo para formar um agrupamento avesso à revolução - denominado Partido Comunista Brasileiro. Foi também sob a égide do ideário liberal com vestimenta "de esquerda" que o secretário geral nacional do PT, professor Francisco Weffort, publicou em outubro do ano passado sua tese "Por que democracia?" - uma profissão de fé na democracia "pura", acima das classes, em que o contrapeso do título da obra é outra pergunta: "Por que não revolução?"

Quando nasceu, há mais de 200 anos, o liberalismo era uma corrente de pensamento progressista e até revolucionária. Representava os anseios da jovem burguesia em luta contra a velha ordem feudal e as monarquias absolutas. Pensadores políticos como o inglês John Locke (1632-1706), os franceses Charles-Louis de Montesquieu (1689-1755) e Jean Jacques Rousseau (1712-1788) influenciaram positivamente sobre as revoluções americana (1776), francesas (1789, 1830, 1848) e as que se seguiram, em vários países da Europa, até por volta de 1870.

Em sua juventude, o pensamento político liberal se contrapunha à rígida divisão feudal entre plebe e nobreza com o conceito de que todos os homens nascem livres e iguais. E desafiava as monarquias absolutas, baseadas no "direito divino", com a tese de que o poder político deve emanar do povo.

Também as idéias econômicas liberais, ao nascerem, tinham sentido progressista. Os ingleses Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823), com base na experiência da revolução industrial e da nova ordem burguesa, proclamaram o trabalho como verdadeira fonte das riquezas e lançaram as bases da economia moderna - que a teoria marxista iria retomar e desenvolver. O próprio lema "laissez faire, laissez passer" ("Deixai fazer, deixai passar"), quando foi formulado pelos fisiocratas franceses, no século XVIII, exprimia a rebelião da burguesia contra os acanhados limites das corporações e o peso dos impostos feudais, que peavam o livre desenvolvimento das forças produtivas.

Mas isso foi há muito tempo. Já faz perto de um século que a

burguesia européia e norte-americana triunfou em toda a linha, em seus países, e fez com que o planeta inteiro se dobrasse às regras do sistema capitalista. E se a ordem burguesa mostrou ser superior à feudal, desmentiu sem piedade os sonhos de liberdade e igualdade, harmonia e justiça social, alimentados pelos primitivos pensadores liberais

SUA EVOLUÇÃO E TENDÊNCIAS

O liberalismo previa que a livre concorrência, a divisão do trabalho e o livre comércio capitalista acarretariam o desenvolvimento harmônico da economia. Em vez disso, a produção burguesa mostrava padecer de crises cíclicas inevitáveis, geradas pelas próprias "leis naturais" do mercado. E, no final do século XIX, a livre concorrência passou a transformar-se em seu contrário, com o advento dos monopólios e do imperialismo, tornando as crises ainda mais extensas e destruidoras.

Após a grande depressão de 1929, até o tabu liberal do "laissez faire" começou a desmoronar. Os próprios Estados burgueses, na tentativa de salvar a ordem capitalista de suas contradições congênicas, passaram a interferir mais e mais no curso das atividades econômicas, e a se transformarem eles próprios em gigantes empresários coletivos, com a proliferação do capitalismo monopolista de Estado. Surge aí a cisão, de dimensões mundiais, entre os burgueses adeptos do liberalismo clássico, que anseiam pelo retorno aos velhos tempos do "laissez faire" e os burgueses partidários do chamado neoliberalismo, que se conformam com

a impossibilidade de permitir o livre jogo das forças do mercado e apelam em escala crescente para a interferência econômica do Estado.

Também a igualdade entre os homens revelou-se uma falácia. Mesmo nas mais democráticas repúblicas, ela só existe no plano formal. Na prática social, o que se criou é um abismo cada vez maior entre a minoria que vai concentrando toda a riqueza e a maioria proletária, condenada a sobreviver apenas na medida em que consegue vender seu único bem - a força de seus braços e suas mentes.

Por fim, a liberdade política também é descartada pela burguesia na medida em que ela se transforma em classe retrógrada, obstáculo ao progresso da humanidade. A harmonia entre os três Poderes proposta por Montesquieu, deixou de existir há tempos com a inchação do Executivo, que mesmo os liberais da atualidade reconhecem como fenômeno generalizado. Os direitos dos cidadãos são espezinhados cotidianamente já não só pela força do dinheiro mas igualmente pela da polícia, quando a primeira mostra-se incapaz de atender aos desígnios do grande capital.

UMA PROPOSTA FALIDA

Onde vigora hoje a democracia liberal? Nos Estados Unidos de Ronald Reagan, onde 1.300 pessoas foram presas em julho por protestarem contra o financiamento à agressão contra-revolucionária na Nicarágua? Na Inglaterra de Margaret Thatcher, que prendeu 7 mil operários ao longo da heróica greve dos mineiros em 1984-85? Na França do "socialista" François Mitterrand, que

também atira a polícia contra o movimento operário e ainda assim não apazigua o capital, que prepara a volta da direita ao governo? Ou na Alemanha de Helmut Kohl e Joseph Strauss, onde os nazistas mortos são objeto de homenagens oficiais, por parte dos nazistas vivos que se encastelam na cúpula do aparelho estatal?

A tendência à reação, característica do poder burguês na

cismo. Nós, brasileiros, sabemos por nossa própria e dura experiência quanto a existência de liberdades, ainda que limitadas, mutiladas, favorece a luta pelos interesses imediatos do povo e por nossos objetivos finais. Por isso as forças sociais mais avançadas, atuam em unidade com uma vasta e heterogênea frente oposicionista, incluindo a burguesia liberal, para pôr um paradeiro



Voltaire

fase dos monopólios, se manifesta por ondas e de maneira desigual mas com a teimosia inexorável de uma lei do desenvolvimento social, no conjunto das metrópoles imperialistas. E o que dizer então da vasta periferia dominada, na Ásia, África e América Latina? Aqui, com alguma exceção limitada no tempo e no espaço, o liberalismo não passa de uma caricatura de si mesmo, usada para mascarar o despotismo e a dominação estrangeira.

Naturalmente, ainda assim as formas democráticas de domínio burguês distinguem-se das formas tirânicas, das ditaduras militares e do fas-

ao regime dos generais ou para consolidar as conquistas democráticas e impedir uma volta à ditadura. Mas não há motivos para dar crédito à arenga dos senhores liberais, que nos apresentam isto que aí está como o melhor dos mundos e descartam tudo o mais como utopias.

Faz mais de cem anos que a burguesia deixou de ser uma classe revolucionária, impulsionadora do avanço da humanidade. As suas doutrinas econômicas, sociais e políticas, mesmo quando tiveram no passado um papel fecundo e vanguardeiro, esgotaram seu poder transformador. Hoje,



atuam no sentido inverso, como fatores de freio e retrocesso da roda da História, idéias velhas e bolorentas de uma classe que caminha para a cova.

Em nossa época é outra classe social, o proletariado, que caminha na vanguarda do avanço histórico. E é outra igualmente a doutrina que ilumina esta caminhada. De pouco adianta a burguesia exorcizar mil vezes o marxismo e fazer seus escribas trabalharem em tempo integral para difamá-lo. Ao agir assim ela apenas imita as forças do feudalismo, que um dia tentaram barrar sua marcha e que ela afastou pela via revolucionária.

Nossos liberais, além das mazelas próprias do liberalismo no mundo de hoje, carregam ainda outras derivadas das condições específicas do Brasil.

DESCOMPASSO COM A LIBERDADE

Ocorre que as classes dominantes brasileiras, mesmo no passado, jamais quiseram saber de revolução. O latifúndio sempre primou pelo reacionarismo extremado. E a

burguesia, na melhor das hipóteses, em seu segmento mais avançado, não foi além de uma tímida inclinação reformista.

Assim, os liberais revolucionários que o Brasil conheceu no século passado foram trucidados precisamente pelas mesmas oligarquias que hoje envergam a fatiota do liberalismo conservador. Que o digam Tiradentes, Frei Caneca, Cipriano Barata, Angelim, Pedro Ivo e tantos outros.

Outro problema é a falta de escrúpulos com que nossos liberais, num passado recentíssimo, trocaram seu liberalismo pela quartelada e o despotismo militar.

No período de relativa e precária normalidade democrática entre 1946 e 1964, o partido nacional que mais se aproximava teoricamente do figurino liberal era a UDN - e dentro do atual PFL as raízes udenistas são as mais fortes.

Entretanto, a UDN combinava o liberalismo verbal com a prática nada liberal de rondar os quartéis e açular pronunciamentos militares como os de 1954, 1955, 1961 e, com destaque, 1964.

É certo que os generais no poder relegaram seus parceiros



paisanos para papéis meramente decorativos, ou de figurantes, quando não para o ostracismo ou a lista negra dos cassados. Mas é igualmente verdadeiro que a maioria dos nossos liberais se conformou docemente com a ditadura.

Pouquíssimos ousaram romper com a ditadura e avançar para um democratismo arrojado, já bem distante da bitola liberal - entre eles o admirável Teotônio Vilela, que foi da UDN e da Arena antes de se passar para o MDB e morrer dando razão aos que pegaram em armas pela liberdade. Normalmente os senhores liberais enfiaram suas proclamadas convicções no saco e trataram de aproveitar as sinecuras que a ditadura lhes propiciava.

Alguns passaram mesmo a teorizar sobre a incompatibilidade dos princípios democráticos com a complexidade do Estado moderno. Só o estágio já avançado de decomposição do poder militar, e o clamor das massas na praça exigindo as **diretas já**, haveriam de despertá-los...

É certo que, em política deve-se olhar para a frente e não para trás. Ao se destacarem do bloco de sustentação do antigo regime, quaisquer que fossem suas motivações, os setores que



hoje compõem o PFL prestaram um serviço à causa democrática que pertence antes de mais nada às massas do povo.

O futuro definirá melhor em que sentido essa experiência interferiu na índole de nossos liberais e até que ponto levou-os a se livrarem - se é que se livraram - dos renitentes cacocetes antidemocráticos de até há pouco.

DIVERGÊNCIAS NO PLANO ECONÔMICO

A dificuldade em afinar o discurso e a prática do liberalismo tupiniquim aparece com nitidez na esfera econômica. Já vimos que em plano mundial os liberais se encontram divididos quanto à maneira de encarar a intervenção do Estado na economia. No Brasil, igualmente, a polêmica corre solta, inclusive nos quadros do PFL.

O ministro Aureliano Chaves, tido como prócer maior do novo partido, por exemplo, alinha-se com o **Neoliberalismo**. No dia mesmo do lançamento do PFL, Aureliano investia contra o que chamava de "confusão premeditada ou não entre liberalismo político, sentimento liberal e liberalismo econômico". E depois de enaltecer os primeiros, descar-

regava: "Liberalismo econômico é coisa completamente diferente: é uma escola econômica superada que pregava e praticava o absenteísmo do Estado diante do jogo livre das forças de mercado. Tal procedimento econômico já foi superado no tempo e, sob certos aspectos, foi ele o responsável pelo Manifesto Marxista (sic) de 1848".

Certamente não é este o pensamento dos **liberais ortodoxos**, que denunciam a existência de uma "república socialista soviética" dentro do Brasil, composta pelas empresas estatais.

Não há sinais à vista de um fim para a divergência. E embora se trate, por assim dizer, de um problema interno do liberalismo, tem interesse na medida em que exemplifica muito bem as vicissitudes dessa corrente de pensamento.

Criada em circunstâncias históricas determinadas, e depois de cumprir um papel, ela envelheceu, caducou. Já deu o que tinha que dar. E diante da nova realidade de uma ordem burguesa em decomposição, ela paralisa-se atônita, dilacerada pelo dilema entre socorrer o capitalismo às custas da doutrina, ou apegar-se à doutrina numa inútil tentativa de fazer o sistema decrépito voltar a fun-



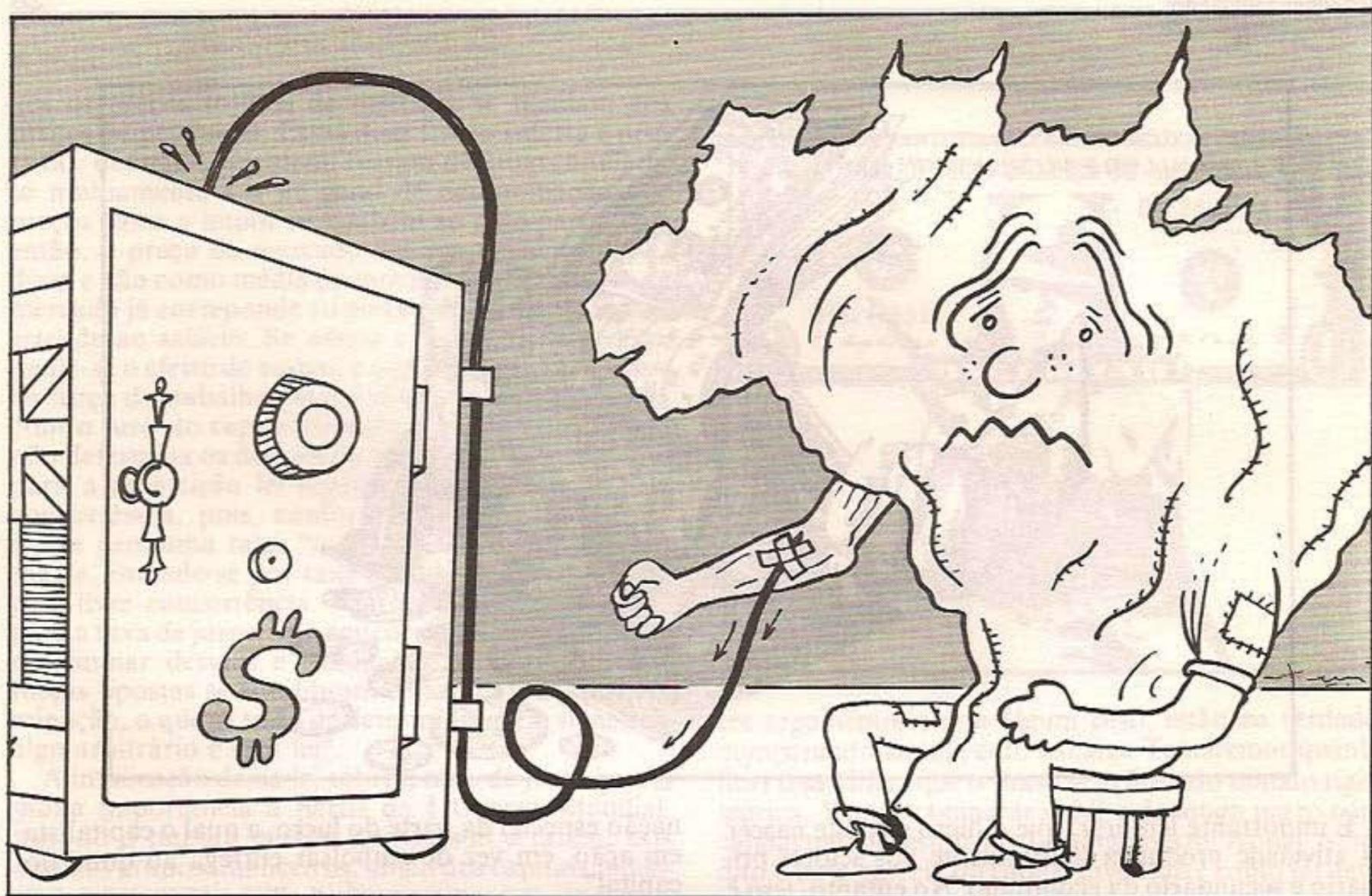
cionar como nos tempos de sua juventude e robustez.

Por estas razões nossos liberais não primam pelo otimismo quando lançam os olhos pelo processo histórico em curso:

Eles têm o dinheiro, têm uma alentada fatia dos postos de mando do aparelho de Estado, são donos de uma experiência quatrocentona de domínio de classe, possuem agora um partido novo em folha...e no entanto se interrogam pela imprensa: "Ainda há tempo para o liberalismo?"

Seria o caso das camadas populares, em especial os operários, se colocarem também com seriedade esta questão. Inclusive para se capacitarem a ajustar as contas com os preconceitos e tabus liberais que foram e continuam a ser inoculados em sua consciência, sempre procurando estabelecer um sinal de igualdade entre democracia e liberalismo - quando este, na verdade, não é mais que a concepção burguesa clássica de democracia, meramente formal, mutilada, reduzida na prática ao gozo de uma minoria endinheirada.

*Bernardo Joffily integra a equipe de redatores da Editora Anita Garibaldi



Fausto

Dívida Externa Instrumento de dominação neocolonialista

Luiz Gonzaga*

Um país com 130 milhões de habitantes, 8,5 milhões de quilômetros quadrados e expressivos recursos naturais tem tudo para estar em franco desenvolvimento. Se isso não acontece com o Brasil é porque poderosos obstáculos são colocados à sua frente. Hoje nosso maior obstáculo é, sem sombra de dúvida, o pagamento de parcelas do montante e de juros da dívida externa.

Vamos tratar aqui de duas questões que não ficam muito claras na vasta literatura sobre o assunto: a da fundamentação teórica e o problema da medição dos reais sacrifícios que o país está fazendo ao pagar 12 bilhões de dólares anuais de juros.

Somos um país novo, dependente e com pequeno domínio da ciência e da filosofia. Nossa tendência em geral é partir para as explicações rápidas e tomar

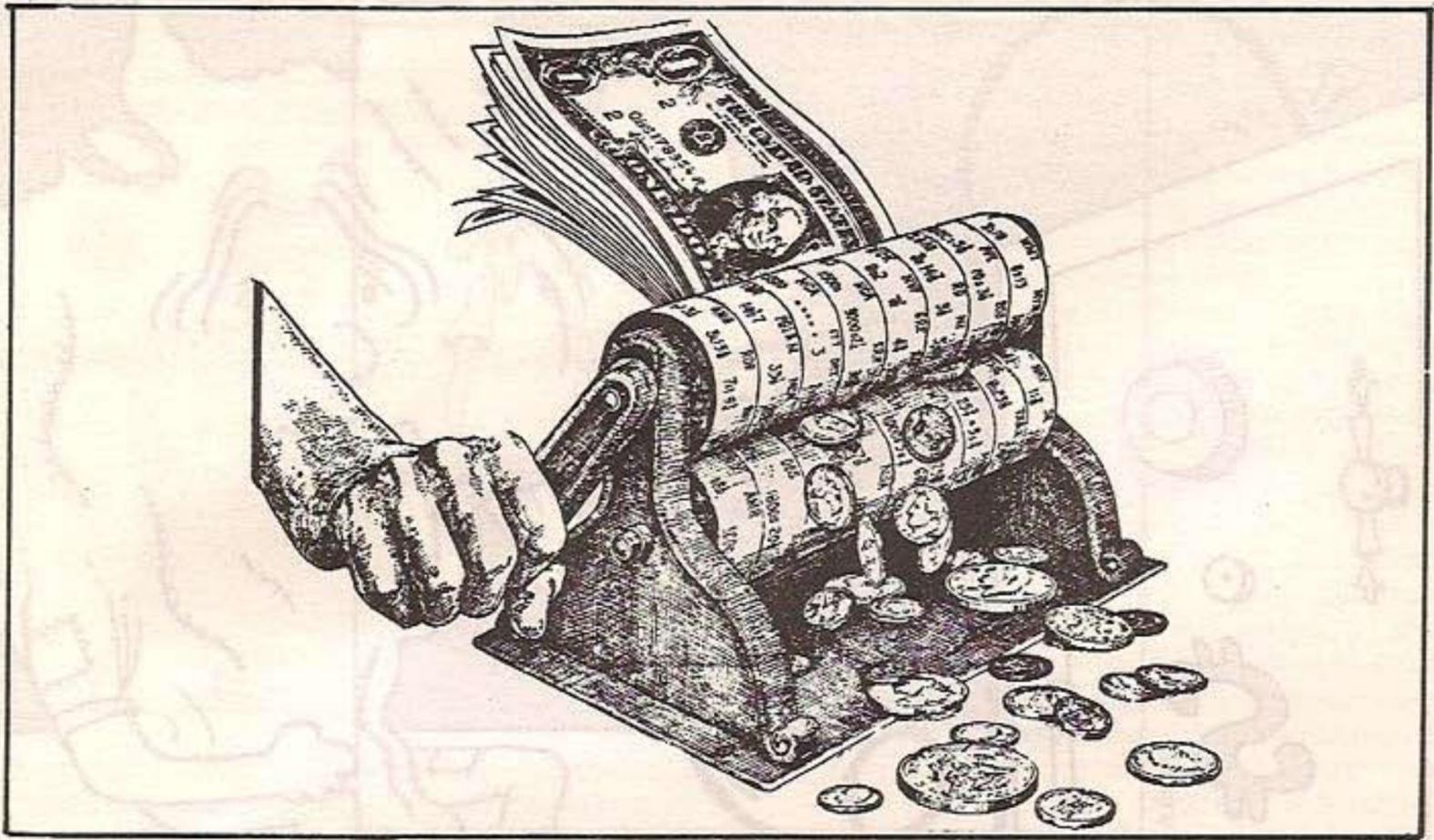
atitudes imediatistas, o empirismo tropical é exuberante. Num período de preparação da Constituinte temos que nos aprofundar: não é hora de "aparar arestas" mas de "mudar a geometria".

Karl Marx, na segunda metade do século passado levantou os princípios teóricos do sistema capitalista, identificando, entre outros fatores, o papel do crédito e do juro. No século XX Hilferding, Lênin e Keynes trouxeram contribuições para o nosso entendimento.

É no terceiro livro de O CAPITAL que encontramos, pela primeira vez de forma científica e elaborada, um estudo detalhado sobre o capital financeiro. Vamos escolher alguns pontos-chaves da argumentação.

O LUCRO E O JURO

A economia capitalista é produtora de mercadorias. A própria força de trabalho é vendida como mercadoria. O capital compra matérias primas, equipamentos e força de trabalho com dinheiro. Após o ciclo produtivo, as mercadorias resultantes são vendidas tendo como "realização" uma quantidade maior de dinheiro, que por sua vez é reinjetado na circulação dando origem a um ciclo de "reprodução ampliada". Essa aparente mágica do crescimento do dinheiro é fruto do trabalho humano, mais especialmente de uma parte desse trabalho que é **não paga**. Vamos considerar que essa questão do lucro e da **mais valia** seja mais conhecida. O que queremos discutir é como o lucro é distribuído e que leis regem essa distribuição. Parece-nos que esta é uma das questões chaves para a compreensão teórica da dívida externa.



É importante lembrar, que o lucro só pode nascer na atividade produtiva (basicamente nos setores primário e secundário da economia). No entanto, isso é obscurecido no cotidiano. Mesmo que vista fantasias, o lucro é valor adicionado, é trabalho não pago gerado na atividade produtiva.

Para os capitalistas todo o dinheiro adicional abocanhado tem o sabor do lucro. Mesmo assim vários apelidos são inventados para o lucro: royalties, taxas, impostos e um dos mais importantes, o juro.

Para uma definição simples de juro basta ler no CAPITAL, livro III, volume 5, capítulo XXI:

“Imaginemos que a taxa média anual de lucro seja de 20%. Então uma máquina no valor de 100 libras esterlinas, nas condições médias e com aplicação média de inteligência e atividade útil, aplicada como capital, proporcionaria lucro de 20 libras esterlinas. Assim, uma pessoa que dispõe de 100 libras pode transformá-las em 120, ou produzir um lucro de 20 libras esterlinas. Tem nas mãos um capital potencial de 100 libras esterlinas. Se transfere por um ano as 100 libras esterlinas a outra pessoa que as aplica realmente como capital dá a ela o poder de produzir 20 libras de lucro, **mais valia** que nada custa ao concessionário que por ela não pagará equivalente. Se no fim do ano pagar ao dono das 100 libras 5, por exemplo, isto é, parte do lucro produzido, terá pago o valor de uso das 100 libras esterlinas, o valor de uso de sua função de capital, a função de produzir 20 libras de lucro. A parte do lucro paga ao cedente chama-se de juro, que nada mais é que nome, desig-

nação especial da parte do lucro, a qual o capitalista em ação, em vez de embolsar entrega ao dono do capital”.

Na sociedade capitalista o lucro, originário da atividade produtiva é dividido entre os comerciantes, banqueiros e governo (impostos), uma parcela cada vez maior é abocanhada pelo setor financeiro, principalmente externo. Um problema importantíssimo então se coloca. Quais as leis que governam a formação da taxa de juros?

A TAXA DE JUROS

A taxa de juros depende exclusivamente da concorrência, da oferta e da procura do próprio capital. Essa é uma das mais importantes conclusões teóricas para entendermos nossa dívida externa. No mesmo capítulo já citado de O CAPITAL, temos:

“Além disso, o capital se apresenta como mercadoria na medida em que a repartição do lucro em juro e lucro propriamente dito é regulada pela oferta e procura, pela concorrência portanto, como os preços de mercado das mercadorias. Entretanto, a diferença aí é tão contundente quanto a analogia. Se a oferta e a procura coincidem, o preço de mercado da mercadoria corresponde ao preço de produção, isto é, o preço se patenteia então regulado pelas leis internas da produção capitalista, sem depender da concorrência, pois as oscilações da oferta e da procura apenas explicam os desvios que os preços de mercado têm dos preços de produção - desvios que se compensam reciprocamente, de modo que em períodos mais lon-

COMPARAÇÕES ENTRE A FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO
E O PAGAMENTO DOS JUROS DA DÍVIDA EXTERNA

	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82
Formação Bruta de Capital Fixo em bilhões de dólares	10,2	12,3	14,7	20,3	29,0	37,0	41,0	44,3	51,0	52,5	54,3	58,5	60
Taxa de crescimento da F.B.C.F. em %	-	20	19,5	38,0	45,0	27,0	11,0	8,0	15,0	3,0	3,4	7,0	2,5
Juros da dívida externa	0,2	0,3	0,3	0,5	0,6	1,5	1,8	2,1	2,7	4,2	6,3	8,5	11,4
Relação entre os juros da div. externa e a F.B.C.F. em %	2,3	2,4	2,4	2,5	2,2	4,0	4,4	4,7	5,3	8,0	11,6	14,5	19,0

gos os preços médios de mercado se igualam aos preços de produção. Essas duas forças (oferta e procura), quando coincidem, cessam de atuar, anulam-se mutuamente e a lei geral de determinação dos preços passa a impor-se também ao caso particular; então, o preço de mercado em sua existência imediata e não como média do movimento dos preços de mercado já corresponde ao preço de produção. Isso se estende ao salário. Se oferta e procura coincidem, anula-se o efeito de ambas, e o salário é igual ao valor da força de trabalho. Mas é diferente o que se passa com o juro do capital dinheiro. Aí, a concorrência não determina os desvios da lei, ou melhor não existe para a repartição lei alguma além da ditada pela concorrência, pois, conforme veremos ainda, não existe nenhuma taxa "natural" de juro. Habitualmente, entende-se por taxa natural de juro a fixada pela livre concorrência. Não há limites "naturais" para a taxa de juros. Se a concorrência não se limita a determinar desvios e flutuações, se portanto suas forças opostas se equilibram cessando toda a determinação, o que se trata de determinar é em si mesmo algo arbitrário e sem lei".

A implicação dessa lei sobre a taxa de juros ganha muita importância a partir da I Guerra Mundial, quando o mundo passou a viver sob o talante dos grandes grupos financeiros, união dos capitais industriais e comerciais com os banqueiros, que passam a ter o domínio total sobre a economia do planeta.

Ora, a brutal concentração do setor financeiro faz com que a lei da oferta e da procura seja sempre distorcida em favor dos que concentram a oferta, os grandes bancos internacionais. A lei geral de formação da taxa de juros continua atuando e a situação de monopólio da oferta faz com que as taxas sempre subam, visto do ponto de vista estrutural.

Em outras palavras, o monopólio do capital financeiro leva o juro a ser uma parcela cada vez maior do lucro total. Cada vez é maior a parcela de **mais valia** que não é apropriada diretamente pelo setor produtivo. Aí reside o parasitismo da usura. Trata-se de fenômeno de fortes implicações políticas. A luta contra as altas taxas de juros é possível do ponto de vista econômico, trata-se de modificar as relações entre as **parcelas da mais valia**. É diferente, por exemplo, de uma alteração na taxa média de lucro de uma sociedade em dado período. Nesse caso tem que se mexer em profundidade na infraestrutura. O problema, portanto, deve ser tratado com ênfase no âmbito político.

A SANGRIA FINANCEIRA

Nos últimos seis anos a retirada de recursos de nosso país através dos pagamentos da dívida externa chegou a tal ponto que derrubou o gigante; pela primeira vez em nossa história recente tivemos quatro anos seguidos de recessão. Nossa dívida externa ultrapassa os 100 bilhões de dólares mas fica difícil medir exatamente o seu impacto sobre o país. Muito se tem escrito sobre isso e várias comparações são feitas. Alguns lembram que a dívida já ultrapassa um terço do produto bruto, outros comparam o valor da dívida com o orçamento público, outros ainda a comparam com a folha salarial e argumentam que se pagássemos as prestações não poderíamos dobrar ou triplicar os salários criando um novo país. Apesar des-



tes argumentos terem algum peso, estão na verdade, comparando laranja com banana. Tentaremos quantificar o sacrifício que o Brasil vem fazendo usando rigor teórico. Vamos comparar crédito de longo prazo com capital para investimento de longo prazo. Afinal, o crédito é uma parcela do capital investido e como tal deve ser comparado.

A economia capitalista se baseia numa reprodução ampliada do capital, os capitalistas são obrigados a retirar uma substancial parcela dos lucros para reinvestimentos que por sua vez geram novos lucros prolongando o ciclo. Desta parcela tem grande importância a quantidade que é investida em máquinas e bens intermediários, parcela que manifesta claramente seu aspecto de capital, de capital travestido em bens de produção. O investimento em bens de capital é para o capitalismo ao mesmo tempo uma necessidade e uma garantia de desenvolvimento.

Ao buscar nas estatísticas a fundamentação para nossas afirmações enfrentamos sérias dificuldades, pois elas gozam de pouca confiança em nosso país. Mesmo assim, temos de utilizar o material existente e tentar interpretá-lo com cuidado.

Os dados mais completos sobre o desempenho global da economia brasileira estão nas chamadas "Contas Nacionais", um impressionante levantamento feito em moldes internacionais, sob inspiração do modelo keynesiano de contabilidade nacional. A Fundação Getúlio Vargas executa a compilação sob encomenda do governo.

Pretendemos fazer uma comparação entre as quantias enviadas ao exterior na forma de juros da dívida externa e a quantia destinada para o investimento em bens de capital. Os juros pagos foram pesquisados nos relatórios do Banco Central já que as Contas Nacionais aparecem embutidas no item Importação de Mercadorias e Serviços.

O item que mede os investimentos em bens de capital é chamado de Formação Bruta de Capital Fixo. Podemos considerar à luz dos fundamentos teóricos que já discutimos, que um determinado volume de recursos ou é aplicado como bens de capital ou é destinado ao pagamento de juros de dívidas de longo prazo. Em outras palavras, o recurso que é drenado pelos juros de monopólio



poderiam ser utilizados para a formação bruta de capital fixo. São duas realidades afins e sua comparação pode nos ajudar a entender o estrago que está causando o pagamento dos juros, impedindo a formação de capital fixo, impedindo o aumento dos empregos e dos salários, forçando a recessão não apenas conjuntural.

Não estamos levando em conta a dívida externa de curto prazo, que oscila em torno de 10 bilhões de dólares e que pode ser comparada com outros itens, também de curto prazo da conta de capital. Queremos nos concentrar nas questões de fundo.

Vemos no quadro anexo que a formação bruta do capital fixo tem um crescimento expressivo até 1978, aliás em toda a década de 70 a média de crescimento é de 20%. Podemos considerar que esta é uma das pré-condições necessárias para o desenvolvimento da economia. Essa taxa se propaga pela economia e precisa sempre ser mais alta do que o crescimento do PIB, ou seja, para que o PIB cresça entre 5 e 10% essa taxa tem que aumentar 10%, 15% ou mais. Note-se que a partir de 1979 essa taxa cai a níveis insuportáveis para a economia, gerando recessão. A média de elevação dessa taxa não chega a 4% se considerarmos os anos de 1979, 1980, 1981 e 1982. A queda dessa taxa é um dos fatores determinantes da recessão, além de trazer um componente de destruição estrutural quando se mantém por vários anos, pois cria um círculo vicioso.

O que mais queríamos destacar é que justamente neste período assinalado (1979, 1980, 1981, 1982) o pagamento dos juros da dívida externa passa a pesar em 20% do capital fixo, enquanto nos primeiros anos da década de 70 não ultrapassava 2,5% do total.

Verifica-se uma mudança estrutural que indica um desvio de recursos da formação bruta de capital fixo para o pagamento de juros da dívida externa de longo prazo.

Podemos chegar à conclusão de que se os juros não fossem pagos e o montante respectivo fosse aplicado para capital fixo (investimentos) teríamos os valores de 56, 61, 67 e 71,4 bilhões de dólares, o que representaria uma expansão média de 9% na taxa de formação bruta de capital fixo, ou seja, não haveria recessão. Esses dados apenas comprovam a tese do FMI: desviar recursos, através da recessão, para o pagamento dos juros.

Mas os dados que discutimos mostram uma parte da realidade. Há um fator que agrava a distorção na formação bruta de capital fixo: a estratégia das exportações.

Acontece que os juros da dívida externa têm que ser pagos com dólares, o que só se torna possível com um brutal superávit no comércio exterior. Grande parte do dinheiro aplicado em capital fixo foi para as exportações; se fôssemos detectar os investimentos voltados para o mercado interno veríamos que houve acentuada queda. O Brasil foi transformado numa grande máquina de pagar juros. A tal ponto que o City Bank, maior trustee financeiro do mundo e que atua diretamente em 95 países, retira 18% do total dos seus lucros mundiais do Brasil.

A Física sabe que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço; os economistas sabem que a mesma quantidade de recursos não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo: ou o Brasil investe em capital fixo ou o Brasil paga os juros da dívida externa. Ou se recupera e garante a dignidade de seus filhos ou se abeira de uma explosão social.

Várias políticas têm sido articuladas: corte no déficit público, tabelamento das taxas de juros etc. Mas todas as medidas serão inócuas se não se puser o dedo na ferida: a suspensão dos pagamentos dos juros da dívida externa.

AS MULHERES DO CAMPO

OTÁVIA FERNANDES*



Nilton Mendes Filho

Chamada "questão da mulher" vem cada vez mais assumindo um lugar de destaque entre as grandes questões colocadas pela sociedade brasileira. As mulheres, parcela significativa da população, vão ocupando espaços e conquistando vitórias na longa e árdua luta por sua libertação.

A condição subalterna que lhes confere a organização social fundada na rígida estrutura familiar burguesa reflete-se em todas as dimensões de sua vida e se expressa na lei que lhes restringe direitos e lhes impõe deveres, moralmente definidos e discriminatórios. Por exigência mesma do processo social, a luta organizada das mulheres vem deixando de ser restrita à chamada condição feminina e à quebra das restrições legais a elas impostas, para se transformar na luta pela solução dos problemas decorrentes das condições objetivas de vida, pela conquista da liberdade e da participação, enquanto mulher e enquanto sujeito. Nessa perspectiva, algumas questões se colocam para a organização e a luta das mulheres: existem diferenças entre as mulheres? O que explica as diferenças? Como tratá-las?

Os movimentos e organizações de mulheres, em geral, congregam somente as mulheres urbanas. No entanto, as que vivem no campo representam um peso significativo no conjunto das mulheres. No Brasil elas somam quase metade da população feminina. (Quadro 1)

Por sua própria situação objetiva, dispersas em termos dos lugares de residência e de trabalho e pela natureza específica de sua realidade,

as mulheres rurais são privadas do acesso aos meios de vida e de luta, como informação, instrução, espaços culturais etc., que gozam as mulheres da cidade. Por isso, têm mais dificuldades para desenvolver sua consciência política e avançar na sua organização. Mas não é só no plano organizativo que as mulheres do campo são, com raras exceções, deixadas de lado. Nos debates, na produção intelectual, nos projetos elas são tratadas no conjunto ou nem são consideradas.

Isso não quer dizer que as mulheres do campo não lutam por seus direitos e por sua libertação. Ao contrário, sobretudo as mulheres trabalhadoras, tendo que enfrentar a dura realidade da vida rural que lhes coloca em primeiro lugar a busca da sobrevivência, elas têm que se engajar, cada vez mais, na luta dos trabalhadores rurais pelo direito de existir como cidadão e pelo direito de viver.

SITUAÇÃO DA MULHER DO CAMPO

Se se pode falar em diferenças entre as mulheres da cidade e as do campo, dada a natureza específica da realidade rural, aqui também as mulheres vivem situações diferentes. É claro que a mesma lógica, os mesmos valores, as mesmas

Quadro 1

PESO DAS MULHERES NO CONJUNTO DA POPULAÇÃO

	HOMEM	MULHER	TOTAL
URBANA	39.235.660	41.219.052	80.454.712
RURAL	19.910.429	18.705.714	38.616.153
TOTAL	59.146.099	59.947.766	119.070.865

FONTE: Censo Demográfico IBGE - 1980

Quadro 2

PERFIL DA DISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE FUNDIÁRIA

	nº de estabelecimentos	% s/ total	área/ha ocupada total	%
0 - 10	2.603.576	50,3	8.994.718	2,4
10 - 100	2.015.821	38,9	64.456.452	17,4
100 - 1.000	489.303	9,4	126.936.136	34,3
1.000 - 10.000	45.906	0,8	105.655.585	28,5
10.000	2.410	0,04	63.545.030	17,1
Total	5.167.578	100%	369.587.872	100%

Fonte: Ronald Freitas-Revista Princípios n.º 6 - junho de 83



normas que orientam a sociedade em geral, orientam também a vida no campo. Mas aí esses elementos se expressam sobre uma realidade material concreta específica, trazendo implicações diferentes para a vida das pessoas. Diferenças que não se explicam pela desigualdade formal de direitos e deveres, mas pela desigualdade de classes.

Para se compreender essa questão é necessário traçar um quadro da realidade rural, onde se identificam diferentes situações nas quais se inserem as mulheres. O pano de fundo para se definir esse quadro é a estrutura de distribuição da terra - o meio fundamental de produção da vida no campo. No Brasil a estrutura fundiária mostra, de um lado, alto grau de concentração da propriedade e, do outro, um processo de minifundização, significando que a maioria das terras se concentram nas mãos de poucos, enquanto que pequena parte se divide em grande número de ínfimas parcelas, das quais os

trabalhadores têm a propriedade formal ou a simples posse. (Quadro 2)

Esse perfil de distribuição fundiária, expressando a desigualdade no acesso à terra, está na base da diferenciação dos trabalhadores e define diferentes condições de vida das mulheres.

1 - As grandes propriedades, em número reduzido e ocupando a maior parte das terras são, muitas delas, inexploradas - os chamados latifúndios improdutivos. Ou são exploradas na forma da empresa capitalista, empregando o trabalho assalariado, ou na forma do arrendamento e da parceria pelos pequenos produtores - os latifúndios por extensão.

2 - As médias propriedades, também em menor número em relação às pequenas, são exploradas ou na forma da empresa capitalista, ou pelo trabalho familiar do próprio proprietá-

Quadro 3

ANO	HOMENS	MULHERES
1950	6.943.916	2.807.361
1960	11.111.551	4.522.434
1970	11.929.099	5.626.990
1975	12.898.021	7.447.671
1980	14.274.724	6.835.160

Fonte: Tabulações avançadas - IBGE
incluem crianças menores de 14 anos

Quadro 4

FORÇA DE TRABALHO E DIFERENCIAÇÃO
DOS TRABALHADORES

SETOR	EM MILHÕES	EM %
Proprietários minifundistas	4,0	26,0
Pequenos posseiros	2,4	16,0
Pequenos rendeiros e parceiros	4,0	26,0
Assalariados permanentes	1,6	10,0
Assalariados temporários	3,3	22,0
TOTAL	15,3	100,0

Fonte: José Graziano da Silva - O que é questão agrária Censo agropecuário 70/75 e recadastramento INCRA 72/76

rio, complementado pelo trabalho assalariado eventual.

3 - As numerosas pequenas parcelas de terra são exploradas pelo trabalho familiar dos pequenos produtores, proprietários ou posseiros.

Essas formas de acesso e de exploração da terra correspondendo a diferentes formas que assume o trabalho, expressam a estrutura de classes no campo. Segundo dados do IBGE, em termos absolutos o número de mulheres na força de trabalho rural vem crescendo, embora sofrendo uma diminuição em 1980, explicada pela expulsão dos trabalhadores de suas terras, e maior inserção dos homens no trabalho assalariado. (Quadro 3)

Em 1976 mais de 15 milhões de trabalhadores representavam a força de trabalho ativa no campo, sendo 68% camponeses e 32% assalariados. (Quadro 4)

As mulheres têm um peso significativo, sobretudo na categoria dos trabalhadores camponeses (proprietários, posseiros, rendeiros e parceiros). (Quadro 5)

O avanço do capital no campo na última década que se faz expulsando os camponeses de suas terras e intensificando o processo de proletarização, vem modificando a estrutura do trabalho, com o crescimento dos assalariados, sobretudo os temporários, e diminuição dos camponeses, principalmente a categoria dos parceiros e rendeiros. Isso se explica pela transformação das propriedades grandes e médias em empresas rurais, aliás, com o incentivo do Estado.

OS DIVERSOS PROBLEMAS

Essas situações estruturais definem as condi-

Quadro 5

SETORES	HOMENS	MULHERES
Responsável e membros não remunerados da família (proprietários, posseiros, parceiros, rendeiros)	10.025.959	6.909.812
Assalariados permanentes	1.248.504	304.593
Assalariados temporários	1.518.576	7.392.694
TOTAL	12.793.039	7.392.694

Fonte: Censo Agropecuário 1975 - IBGE
inclue crianças de menos de 14 anos

ções objetivas das mulheres rurais e apontam para perspectivas de vida e para problemas diferentes.

As mulheres da categoria dos grandes proprietários (em número reduzido), com acesso a todos os benefícios sociais e culturais, se situam em posição privilegiada em relação às outras, nas comunidades rurais. O mundo dessas mulheres está dividido: o mundo do trabalho para a produção material, do qual elas não participam, mas dele se beneficiam, e o mundo da família e das relações na comunidade, onde elas se movem com certo grau de liberdade a partir do prestígio que lhes é dado pelo mundo do trabalho. Elas têm como referência a vida da cidade.

As mulheres da categoria dos médios proprietários, se situam na escala intermediária, se consideramos o nível de vida, seja material ou não.

Nesta categoria há uma penetração entre os dois mundos e, embora elas participem do mundo do trabalho essa não é sua prioridade. Sobretudo as mulheres dos empresários rurais têm a sua prioridade de vida no mundo da organização familiar e das relações sociais fora da família.

Em muitos casos o trabalho da mulher se realiza fora do mundo da produção das atividades na lavoura. Elas realizam atividades de maior prestígio, como por exemplo, de professora. Em geral, têm como referência a vida das mulheres da escala mais alta.

Na categoria dos camponeses, os pequenos produtores (proprietários, posseiros, parceiros e arrendatários), está o maior número de mulheres. Com baixíssimo nível de vida, essas mulheres têm sua preocupação voltada para produzir a sobrevivência. O mundo do trabalho não se separa do da família. A família é, ao mesmo tempo, unidade de produção econômica e unidade social; e a comunidade é um prolongamento da família. Nesse mundo as relações de trabalho e as relações familiares se interpenetram e se completam.

Sob a aparência de autonomia e independência, elas se defrontam com condições desfavoráveis à realização de sua vida. Para conseguir os meios de viver elas são exploradas com seus companheiros e filhos, seja pelo capital, seja pela grande propriedade. Elas têm todo o seu tempo dividido entre as tarefas de produção da vida material na roça ou em casa, o cuidado dos filhos e as demais tarefas familiares e sociais, não lhes sobrando nenhum tempo para si pró-

prias. O empobrecimento crescente e a dificuldade que os camponeses enfrentam para produzir a sobrevivência da família no seu pedaço de terra, obrigam os homens a buscar alternativas para completar o seu rendimento, trabalhando como assalariados temporários nas terras dos grandes e médios proprietários - capitalistas, mesmo em outras regiões, deixando suas lavouras sob a responsabilidade das mulheres e crianças. E na medida em que a busca dos meios de vida é mais importante, muitas delas têm também que trabalhar para os outros, engrossando o contingente das mulheres assalariadas.

As mulheres proletárias, assalariadas de forma permanente ou temporária, já em grande número e tendendo a crescer, compõem com as camponesas a grande força de trabalho feminino na produção agrícola. Na medida em que são obrigadas a buscar os meios de vida através do salário, trabalhando nas grandes e médias explorações capitalistas, elas têm já o seu mundo dividido, pelas próprias condições objetivas de sua vida. O mundo do trabalho é para elas prioritário, ocupando a maior parte de seu tempo, do qual elas não têm nenhum controle e está separado do mundo das relações familiares e comunitárias, ao qual elas têm que se dedicar, às vezes de forma contraditória. No trabalho elas participam de um conjunto de relações

determinadas pela lógica do capital, conflitantes com as relações na família, trazendo para elas uma situação contraditória em que se misturam sentimentos de independência e submissão.

A situação estrutural diferenciada define a diferente inserção das mulheres nos diversos espaços sociais, seu lugar, suas relações, seus problemas.

A MULHER NA FAMÍLIA

Se considerarmos alguns elementos que se apresentam como universais na constituição da unidade familiar, como a forma monogâmica, a consagração pelo casamento, as leis e valores morais, temos a impressão de que as famílias de todas as categorias das mulheres rurais são iguais, como de resto todas as famílias. Essa concepção de família universal encobre a questão das desigualdades de classe e mascara as relações básicas que se estabelecem entre os membros da organização familiar, determinadas pelas condições objetivas dessas pessoas. É certo que muitos desses elementos, seja de ordem estrutural, sejam valorativos ou morais como o machismo, a submissão da mulher, a autoridade, a obediência, a fidelidade etc., estão presentes nas diversas organizações familiares. No espaço da família é claramente definido e

Quadro 6

A SITUAÇÃO DA MULHER RURAL

SITUAÇÃO ESTRUTURAL						DIMENSÕES DA VIDA		
ACESSO À TERRA	TAMANHO	ORGANIZ. PRODUTIVA	NATUREZA DA PRODUÇÃO	NATUREZA DO TRABALHO	CATEGORIA DE TRABALHADORES	TRABALHO	FAMÍLIA	FORMAS ORGANIZAÇÃO PRIORITÁRIAS
PROPRIETÁRIAS	GRANDE	LATIFÚNDIO IMPRODUTIVO					UNIDADE SOCIAL	CULTURAL RELIGIOSA
		LATIF. P/ EXTENSÃO	PEQUENA PRODUÇÃO	CAMPONÊS	PARCEIRO ARREND.	UNIDADE PRODUTIVA	UNIDADE SOCIAL	CULTURAL SINDICAL
		EMPRESA RURAL	GRANDE PRODUÇÃO	PROLETÁRIO	ASSALARIADO PERMANENTE ASSALARIADO TEMPORÁRIO	UNIDADE PRODUTIVA	UNIDADE SOCIAL	SINDICAL
	MÉDIA	UNIDADE FAMILIAR	PEQUENA PRODUÇÃO	CAMPONÊS	PEQUENO PROPRIETÁRIO	UNIDADE PRODUTIVA	RELIGIOSA	
	PEQUENO POSSEIRO				UNIDADE SOCIAL			
	POSSE PARCERIA ARRENDAMENTO				PEQUENA			

separado o lugar do homem do da mulher, não só sob o ângulo da relação de autoridade e obediência, mas até mesmo da divisão do espaço físico moralmente definido: "lugar de homem e cachorro é da sala para a rua, lugar de mulher e gato é da cozinha para o quintal".

Essa divisão expressa também a distribuição de tarefas, em que as mulheres se encarregam dos cuidados da casa e da educação dos filhos, enquanto ao homem cabe a direção da família e do trabalho de produzir o seu sustento. As tarefas das mulheres são consideradas como trabalho improdutivo e não socialmente necessário. Porque não remuneradas, essas tarefas e o lugar da mulher na família são valorativamente menos prestigiadas. Essa diferenciação, por sua vez, define a discriminação sexual da mulher. A pomposa expressão burguesa para designar a mulher "a rainha do lar" deveria ser substituída pela expressão real "a escrava do lar".

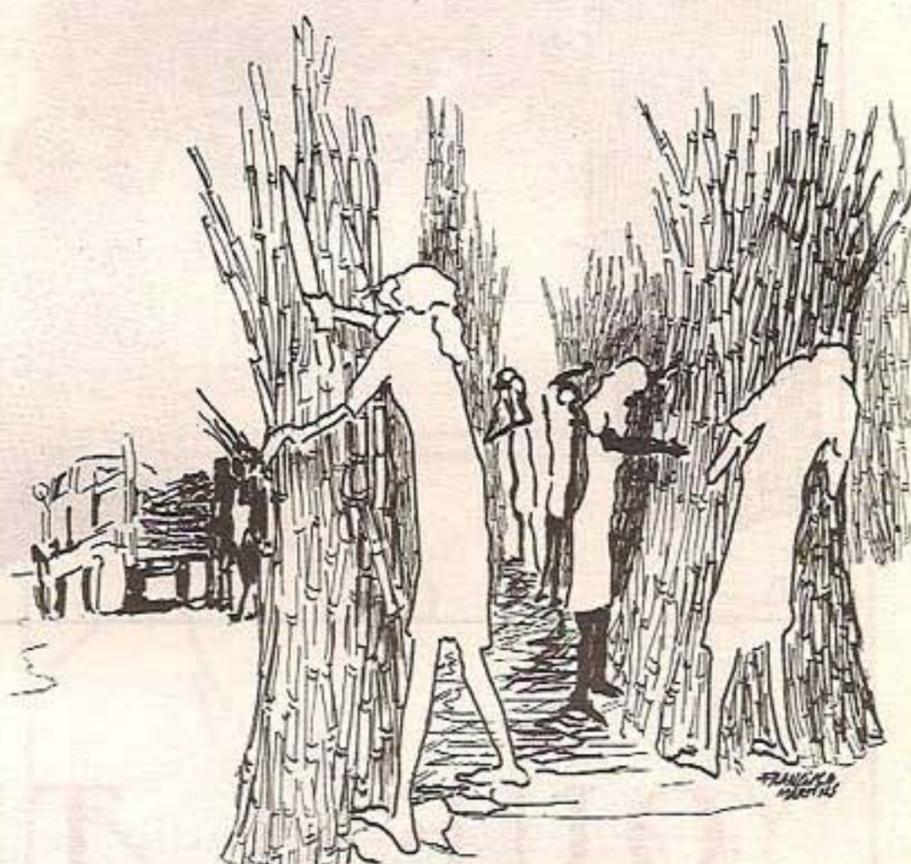
Mas esses elementos se manifestam e são percebidos e valorizados pelas mulheres de forma diferente em cada realidade familiar. Se considerarmos o significado da unidade familiar no processo de produção material da vida, o lugar dos indivíduos e a natureza das relações que daí decorrem, temos evidenciadas as diferenças tanto ao nível interno das famílias e em sua inserção na sociedade, como ao nível da percepção das mulheres que delas participam.

A MULHER NO TRABALHO

Essa mesma diferenciação se observa na organização do trabalho, isto é, no espaço das relações que se estabelecem no processo de produção das condições materiais da vida. Não se trata de apenas se distinguir entre a mulher na força de trabalho e a mulher fora da força de trabalho. Trata-se de compreender que a participação da mulher no espaço do trabalho e a natureza dessa participação vão direcionar a sua inserção nos demais espaços sociais. Isto quer dizer que a fusão ou separação entre a família e o trabalho define o lugar, a participação e a importância das mulheres nos outros espaços como o sindicato, os partidos políticos, as organizações comunitárias.

Nessas diversas dimensões da vida das mulheres se expressa o grau de exploração, de discriminação social, de repressão ou de liberdade.

Portanto, os problemas que as mulheres enfrentam no seu dia-a-dia e a luta por sua libertação, são diferentes em natureza e em proporção, e são determinados por sua situação de classe.



Francisco Martins

Há que se considerar ainda, as diferenças regionais, a histórica e cultural, a proximidade ou não dos grandes centros, o acesso aos meios de comunicação, a atuação do Estado e de outras organizações políticas, culturais e religiosas.

Considerando esse quadro estrutural diferenciado, a questão mais importante que se coloca é que, qualquer movimento ou luta pela libertação da mulher, pela solução de seus problemas, precisa compreender as mulheres inseridas em situações concretas específicas e não colocá-las todas "no mesmo saco", fechando-o com a rubrica **MULHER**.

Nesse sentido, também é preciso considerar que as categorias mais importantes são as das mulheres trabalhadoras - camponesas e proletárias - não só porque formam o maior contingente das mulheres rurais mas, sobretudo, porque sendo elas submetidas a todas as formas de exploração, a luta por sua libertação significa a luta pela libertação de todas as mulheres e pela libertação de todos os trabalhadores. A conquista de sua liberdade e de sua realização enquanto mulher é a conquista da liberdade enquanto sujeito de sua própria história.

*Professora de sociologia e membro do Centro de Estudos Rurais do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG.

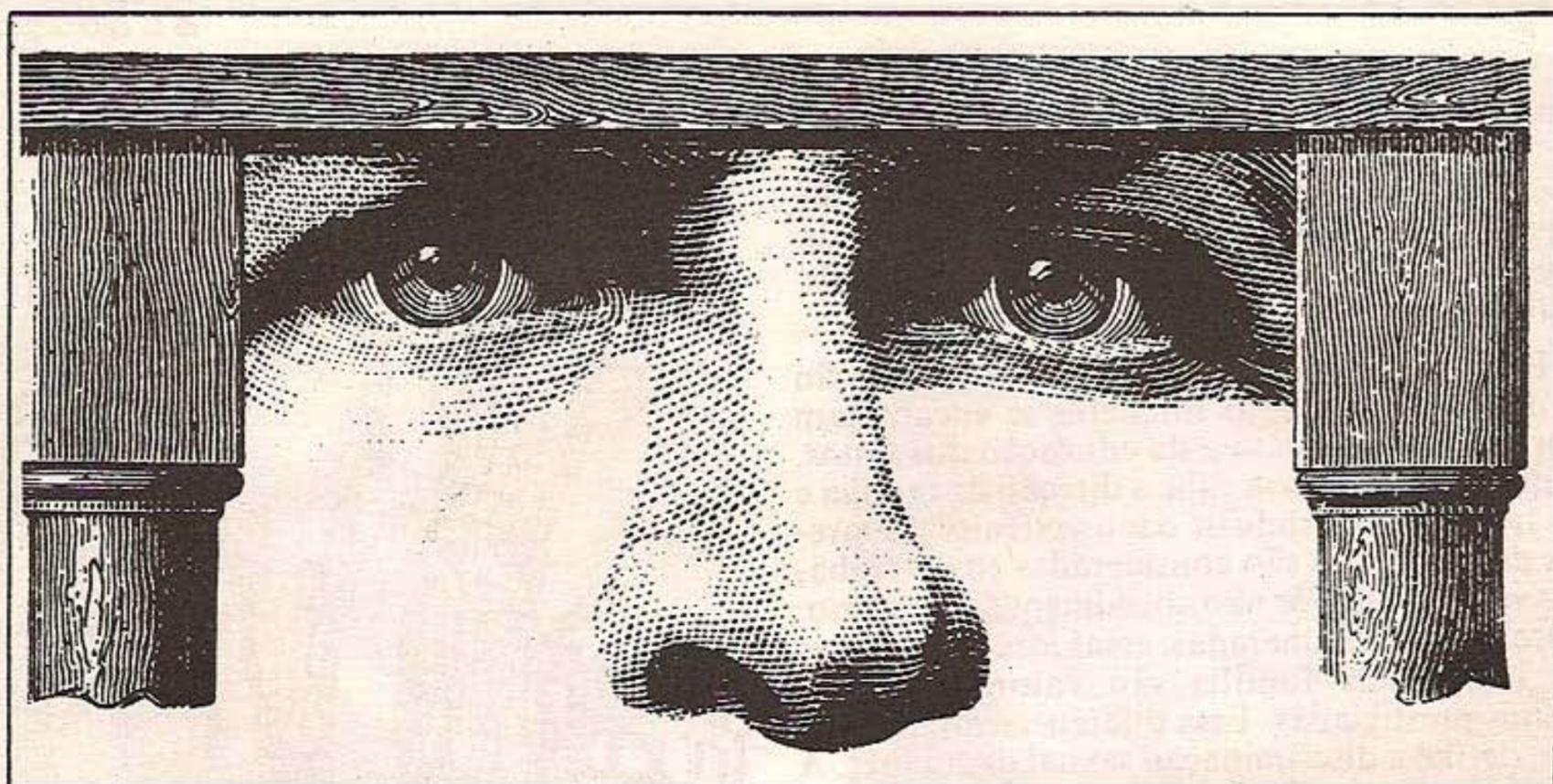


Ilustração Opinião

QUEM TEM MEDO DOS CONTEÚDOS EDUCACIONAIS?

LIA VARGAS TIRIBA e GILSON CARLOS SANT'ANNA*

Não é novidade a péssima situação a que está relegada a educação no Brasil. A evasão escolar, o grande índice de repetência, a alta taxa de analfabetismo, a insignificante verba destinada à área educacional, além de outros fatores externos como condições de alimentação, saúde e moradia que interferem diretamente no rendimento escolar, são sintomas da forte crise em que estamos mergulhados.

Em vista de tantos problemas de tão grandes proporções, temos pouco tempo para pensar em outros problemas que passam despercebidos que, embora não sejam tão evidentes, irão muitas vezes influir na qualidade do ensino, e estão intimamente ligados à política educacional.

Neste artigo, abordamos um desses problemas - o ensino dos conteúdos, ou seja, quais e de que maneira as informações, os valores, os símbolos e regras da sociedade são trabalhados na relação professor/aluno.

A discussão a respeito da importância dos conteúdos educacionais é considerada hoje por muitos educadores como uma "polêmica ultrapassada". Esta polêmica, que teve início no século passado, colocou em confronto os movimentos das escolas tradicional e nova. O primeiro movimento dava ênfase à memo-

rização dos conteúdos, enquanto que a Escola Nova enfatizava os métodos utilizados no processo ensino/aprendizagem, deixando a memorização em segundo plano.

A Escola Nova vem contestar o tipo de ensino em que o professor é o dono da palavra, aquele que fala o tempo todo, enquanto que os alunos simplesmente escutam. O novo lema passa a ser então "aprender a fazer, fazendo". Os alunos deixam de ser depósito de conhecimentos para vivenciar diferentes experiências de aprendizagem. O mais importante não é a aprendizagem em si, mas seu processo. Sem dúvida isso não deixou de ser um avanço. O ensino tradicional, ao enfatizar a memorização dos conteúdos, trabalhava no sentido da perpetuação da ordem social vigente, da conservação dos valores existentes, tratando o aluno como uma tábula rasa. Na tentativa de se evitar um ensino que visasse a pura transmissão de conhecimentos e possibilitasse um processo de aprendizagem através da experiência, surge o movimento **escolanovista**. Porém, este movimento foi na realidade utilizado pela classe hegemônica como um instrumento de manutenção de seu poder, pois uma das características da Escola Nova é a ênfase às diferenças individuais, não levando em conta a estrutura de classes. Desta forma, o fracasso das crianças

*Mestrando em Educação - F.G.V.

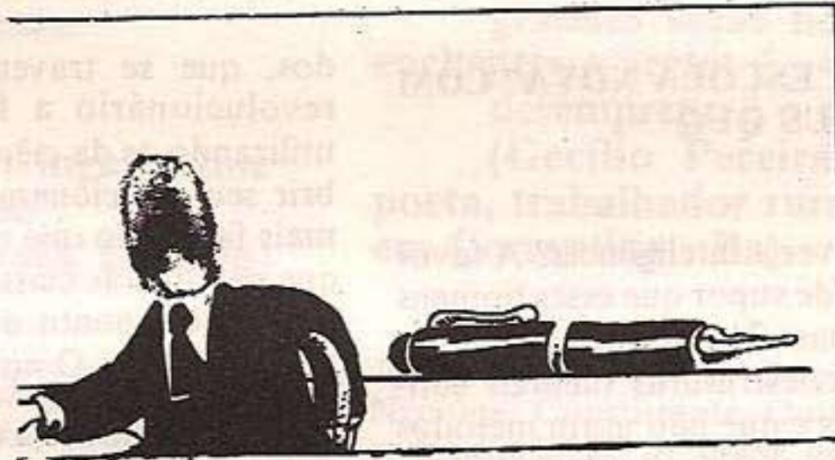
“carentes” e o sucesso das crianças das classes mais favorecidas são explicados em termos de “inaptidão” por parte das primeiras e de “superioridade intelectual” por parte das segundas. A escola serve então para justificar e reproduzir a posição dos indivíduos dentro da escala social.

ESTÍMULO AO INDIVIDUALISMO

O psicologismo e a teoria das aptidões nada mais fazem do que introjetar no aluno a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso na sociedade. Hoje estimulando o individualismo e a competição - essencial ao capitalismo - a Escola Nova é a escola da “meritocracia”. O aluno que se esforça, estuda, tira boas notas, e é “apto” tem seu lugar ao sol assegurado pela sociedade. A escola passa a ser a única via de ascensão e de mudança social. Isso nada mais é do que a

A primeira delas tem origem na seguinte proposição pseudológica: “os conteúdos são informações, valores, símbolos e regras da sociedade adulta, logo, transmiti-los é reproduzir esta sociedade”. Esta proposição esquece que no interior de toda sociedade também estão presentes as forças que determinarão uma nova sociedade. Se é verdade que o ensino dos conteúdos pode reproduzir a sociedade adulta, também é verdade que pode contribuir para transformá-la.

“A escola, mediante o que ensina, cria os primeiros elementos de uma intuição do mundo, liberta de toda magia ou bruxaria, e fornece o ponto de partida para o posterior desenvolvimento de uma concepção histórico-dialética do mundo, para a compreensão do movimento e do



Arquivo Lcia

própria ideologia liberal burguesa em ação, que deforma e escamoteia a verdadeira estrutura de classe.

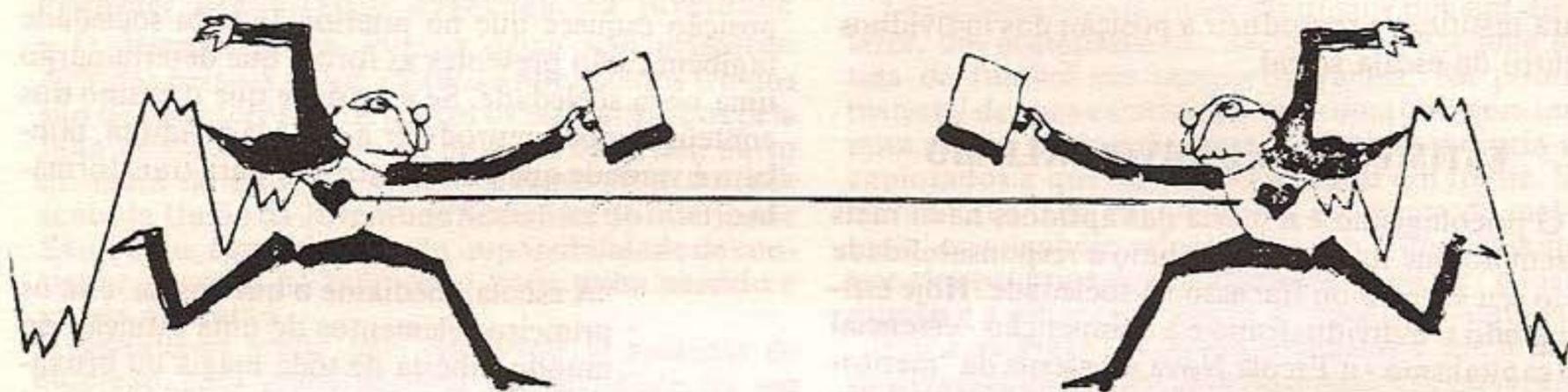
Apesar de a questão Escola Nova X Escola Tradicional, como querem alguns, ter sido “uma polêmica do século passado e dos primeiros anos deste século” não significa que a mesma esteja ultrapassada, tanto que o assunto ainda vem sendo bastante discutido por todos aqueles que procuram elaborar propostas alternativas concretas para a educação no Brasil. Ao participarmos desta polêmica não queremos defender a escola tradicional. Queremos sim questionar as grandes perdas que sofremos quando caímos no radicalismo **escolanovista** de se negar a importância de todo e qualquer conteúdo no ensino, valorizando apenas o processo de aprendizagem. Mas qual seria a origem desse radicalismo?

Esta posição tendeu a se consolidar de forma dogmática, não deixando espaço para uma avaliação crítica a respeito do tema. Ora, sabemos que por trás de todo dogma existe um interesse ideológico, cuja função é a dissimulação da verdade com o interesse, consciente ou inconsciente, de manutenção de uma ordem vigente. Em que se baseiam certos educadores para considerar o ensino dos conteúdos ultrapassado? A crença na falta de valor dos conteúdos parece ter origem em duas posições distorcidas.

devenir, para valorização da soma dos esforços e de sacrifícios que o futuro custa ao passado, para concepção da atualidade como síntese do passado, de todas as gerações passadas, que se projeta no futuro” (Gramsci)

A proposição correta seria, portanto, a seguinte: Os conteúdos são informações, valores, símbolos e regras de uma determinada sociedade que traz no seu bojo forças opostas lutando ou pela manutenção ou pela transformação da ordem estabelecida, logo, quando transmitimos os conteúdos podemos ser cúmplices da reprodução ou da transformação desta mesma sociedade.

A outra distorção, mais perigosa do que a primeira, reside em que esses educadores buscam na ciência o refúgio para suas posições ideológicas. Não estamos de forma alguma, criticando uma pedagogia com base científica. Acreditamos que o ensino deva ser centrado no desenvolvimento das estruturas mentais, segundo seus níveis de desenvolvimento. O que não podemos é querer imaginar as estruturas mentais se desenvolvendo dentro de um vazio, soltas no tempo e no espaço. O psiquismo ao mesmo tempo que é determinado pelo social, é também determinante. **É necessário haver conteúdos - motores, motivos para o desenvolvimento da inteligência.**



COMPROMISSOS DA "ESCOLA NOVA" COM O STATUS QUO

Mas para que desenvolver a inteligência? A favor de quem? Seria ingenuidade supor que esses homens que detiveram o poder quase 21 anos não são inteligentes, não possuem suas estruturas mentais suficientemente desenvolvidas e que não usam métodos científicos para melhor manipular, explorar, dominar, visando sua manutenção no poder.

Além de trabalharmos inteligentemente os conteúdos, devemos questionar qual a intenção, qual o objetivo político explícito ou implícito desses conteúdos. Assim, chegamos à questão do compromisso político da educação. A quem queremos servir? Qual o sentido de nossa ação educativa: para a reprodução do **status quo** ou para a transformação da realidade?

É necessário ter claro quais os conteúdos a ensinar, de que maneira trabalhá-los e qual o seu direcionamento político em relação à sociedade.

Hoje em dia é consenso o "desenvolvimento da consciência crítica". "É importante aprender a aprender, aprender a aplicar a consciência à realidade, ter consciência crítica". Qualquer professor, educador, hoje em dia, coloca esta questão em seu planejamento como um de seus objetivos de ensino.

Somos a favor do desenvolvimento de uma consciência crítica, mas o que significa "ter consciência crítica"? O grande desafio da educação se encontra na formação de homens que não apenas saibam aplicar os conhecimentos adquiridos à realidade, mas que também, e fundamentalmente, se comprometam com a transformação desta mesma realidade. É neste contexto que o ensino dos conteúdos ganha relevância.

Aqueles que defendem a irrelevância dos conteú-

dos, que se travestem de um discurso pseudo-revolucionário a favor das classes dominadas, utilizando-se da ciência como um escudo para encobrir seu posicionamento diante da realidade, nada mais fazem do que reproduzir a sociedade, uma vez que não dão às classes subalternas o acesso ao saber instituído - ponto de partida para a elaboração de novos saberes. O novo se constrói a partir do velho.

Como questionar a energia nuclear, por exemplo, se o aluno não tem acesso a este tipo de conteúdo? A defesa da reprodução do sistema, nada mais é do que ignorar os conteúdos oficiais e fazer da escola uma brincadeira. Os conteúdos burgueses, dos donos do poder e do saber, existem e deve ser combatidos. Para que o aluno possa combatê-los é preciso conhecê-los, não cabendo ao educador escondê-los, o que seria uma atitude paternalista. Ignorar esses conteúdos seria ignorar o saber acumulado. Não se trata de reproduzir conhecimentos prontos e acabados, mas de investigá-los, pesquisá-los, vivenciá-los de maneira crítica, criando, a partir do velho, os novos conhecimentos que nortearão uma nova sociedade.

O dominado precisa **conhecer** os conhecimentos do dominante, pois estes serão sem dúvida um de seus instrumentos de luta para a conquista de uma sociedade justa.

Concluindo, achamos importante uma educação que vise o desenvolvimento da inteligência através de um rico processo de aprendizagem, que possibilite um posicionamento político a favor da grande maioria da população, hoje dominada. Mas os educadores só conseguirão homens engajados na luta pela transformação social, na medida em que derem o devido valor aos conteúdos educacionais no ensino. Afinal, o papel do educador comprometido com a transformação social é o de criar espaço para a apropriação, desapropriação e reapropriação do saber. Este é o nosso compromisso com as classes dominadas.



Foto ATA (Agência Telegráfica Albanesa)

SOBRE O SIGNIFICADO TEÓRICO E PRÁTICO DA ORGANIZAÇÃO*

Enver Hoxha

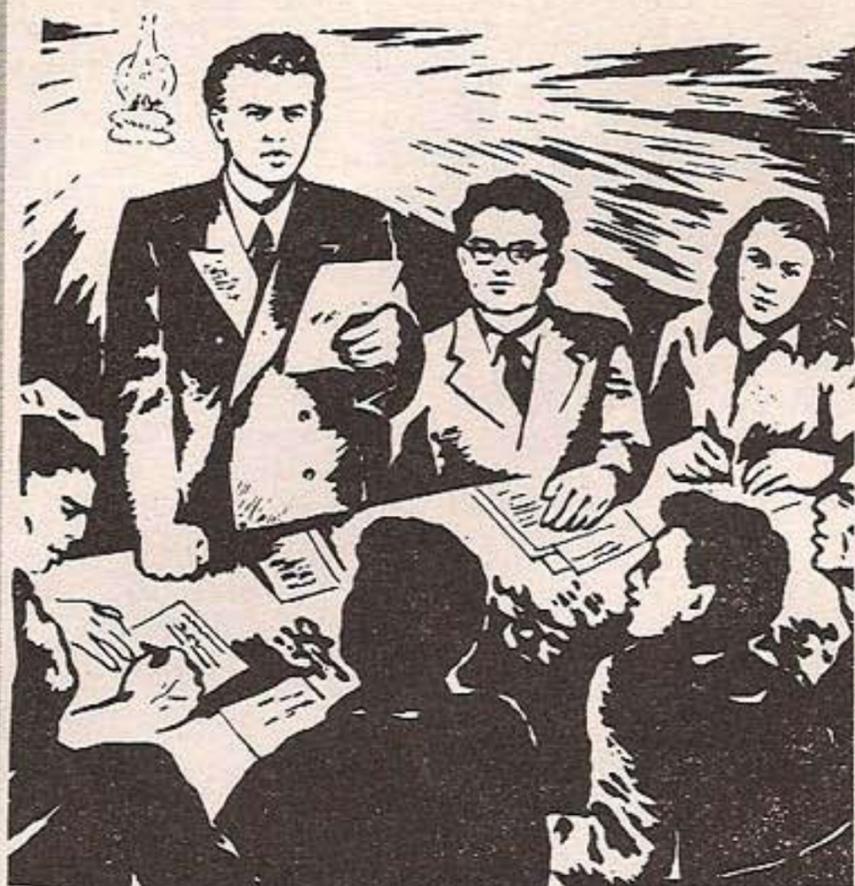
Enver Hoxha (1908/1985) não foi apenas um talentoso dirigente político de seu país, a Albânia socialista. Foi um pensador perspicaz e um teórico brilhante que deu enorme contribuição ao enriquecimento do tesouro do Marxismo-leninismo. Um setor em que foi marcante a sua contribuição foi o da construção do Partido de vanguarda do proletariado e do socialismo, como novo ordenamento econômico e social e também político. Neste seu discurso, do qual publicamos trechos, por razões de espaço, ele ressalta o papel decisivo do Partido e a importância de aplicar no socialismo métodos de trabalho que coloquem no centro das ações os homens, as massas, verdadeiros construtores da história.

*Discurso pronunciado no 10º
Plenário do Comitê Central
do Partido do Trabalho da
Albânia - 26 de junho de 1970

Quando falamos de problemas organizativos do Partido, devemos velar para que nunca os simplifiquemos, os restrinjamos e os minimizemos, reduzindo-os simplesmente a certas normas ou regras organizativas conhecidas. Insisto nisto porque se crê, por vezes, que estes problemas englobam apenas algumas questões, tais como o trabalho organizativo do Partido nas organizações de base, a extensão do Partido, as adesões ao Partido, a organização de reuniões e algumas outras atividades análogas. Tal concepção mecânica dos problemas organizativos do Partido é demasiado estreita, e por outro lado, não é justo conceber o trabalho organizativo do Partido, como limitado a decretar ou a tomar certas medidas puramente práticas, sem conteúdo político-ideológico e sem uma clara perspectiva da amplitude e da profundidade do resultado procurado.

Os grandes educadores, Marx, Engels, Lênin e Stálin, ensinam-nos que na luta contra a burguesia, pelo triunfo da revolução proletária, a classe operária nada mais tem para opor à força da opressão e da exploração da ordem capitalista do que a força da sua organização de ferro e a sua consciência de classe. Mesmo depois da tomada do poder político, na obra de construção do socialismo e do comunismo, é gra-

...Ora, tanto para derrubar a burguesia do poder como para edificar a nova sociedade, uma organização de ferro da classe operária implica absolutamente e em primeiro lugar a organização do partido do proletariado.



Gravura albanesa

...Devemos refletir, procurar e encontrar formas de trabalho e de organização novas, apropriadas às situações novas, que abram caminho aos fenômenos novos e concorram para o seu desenvolvimento e seu aperfeiçoamento.

ças sobretudo ao seu trabalho de organização e à sua ação revolucionária consciente que a classe operária consegue superar numerosos obstáculos e dificuldades. Ora, tanto para derrubar a burguesia do poder como para edificar a nova sociedade, uma organização de ferro da classe operária implica absolutamente e em primeiro lugar a organização do partido do proletariado. Sem a organização deste partido, a linha política e ideológica do proletariado não pode ser posta em prática com êxito. Esta organização favorece, regula e acelera o processo em virtude do qual, nas condições materiais e revolucionárias atingidas, o fator subjetivo, a classe operária, dá o golpe final e decisivo para destruir o velho mundo capitalista e substituí-lo pelo novo mundo do socialismo e do comunismo.

Portanto, para que a ideologia e a política da classe operária sejam postas em ação com êxito, convém prestar muita atenção ao papel e à força organizativa do Partido. De outra forma, não poderão ser alcançadas vitórias ou êxitos duradouros nem na luta contra o capital, nem na luta pela manutenção do poder político nas mãos do proletariado, poder sem o qual não se pode dar o mínimo passo em frente na edificação do socialismo e do comunismo.

É nesta ótica que se deve lutar pelo aperfeiçoamento do trabalho de direção e de organização por parte do Partido. Uma compreensão aprofundada do papel de direção e de organização, de educação e de execução, que cabe ao Partido, constitui uma premissa indispensável para ter um Partido do proletariado poderoso, temperado nas batalhas, capaz de compreender corretamente todos os problemas, no plano político e ideológico, em qualquer situação, um partido que saiba organizar perfeitamente o seu trabalho para aplicar a sua linha. E a linha do Partido é rica e apresenta muitos aspectos. Por isso, devemos persuadir-nos bem de que uma justa compreensão das questões organizativas do Partido nos fornece uma arma para organizarmos corretamente o trabalho por toda a parte, em todos os setores, para levar a

cabo as tarefas que cada novo estágio de desenvolvimento nos apresenta.

As questões organizativas do Partido não podem ser destacadas do seu trabalho relativo a todas as tarefas e a todos os problemas diversos que constituem a sua linha. A política não pode ser concebida separada da organização que tende a concretizar esta linha prática, e nem uma nem outra podem ser concebidas nem postas em execução no que respeita ao nosso Partido, sem serem inspiradas, impregnadas e guiadas pela ideologia marxista-leninista. Ao andar em frente com firmeza e com passo revolucionário, o nosso Partido adquire uma força de aço e torna-se capaz de resolver corretamente os problemas políticos, ideológicos, econômicos, culturais e militares.

Sabe-se que o trabalho de organização do Partido, as suas formas, os seus métodos e o seu estilo não são uma coisa inerte, trata-se antes de uma coisa dinâmica, mutável, e que deve modificar-se de acordo com o estágio de desenvolvimento dos fatores materiais e dos fatores subjetivos, de acordo com as necessidades do próprio reforço do Partido, do Poder e da ordem sócio-econômica socialista no seu conjunto.

Como sabemos, hoje, toda a vida do nosso país se caracteriza pelo número de iniciativas e de movimentos revolucionários e por uma larga participação das massas. A classe operária, o campesinato cooperativista, todos os trabalhadores manuais e intelectuais estão empenhados em ações de massas. A juventude escolar e universitária participa largamente no trabalho produtivo nas cidades e nos campos. Toda a população foi integrada numa preparação e num treinamento militares sistemáticos para a defesa da Pátria. Por toda a parte os trabalhadores lutam pelo reforço e pelo aprofundamento da democracia socialista, para aumentar e alargar a sua participação ativa na direção do país, da economia e da cultura. Temos ainda muitos outros testemunhos do mesmo gênero. Põe-se o problema: podemos prosseguir o trabalho organizativo do Partido sob todas as formas, este

ritmo e estes métodos podem servir-nos para realizar as novas tarefas, para resolver os problemas novos que esta situação revolucionária, este ímpeto revolucionário, fazem surgir? É evidente que não.

Que convém então fazer? Devemos refletir, procurar e encontrar formas de trabalho e de organização novas, apropriadas às situações novas, que abram caminho aos fenômenos novos e concorram para o seu desenvolvimento e para o seu aperfeiçoamento. Os antigos métodos e formas de trabalho de organização não permitem cumprir as tarefas e resolver os problemas que a condução de ações de massas e de assistência mútua suscitam não ao nível de uma equipe ou de uma brigada de cooperativa, mas de toda a cooperativa, e isto não só nos limites desta, mas também pode ser verdade para as empresas de Estado.

Quando se dá uma diretiva, define-se igualmente as formas de organização do trabalho que permitirão pô-la em prática. Todos, e em primeiro lugar os comunistas, devem concorrer fortemente para que a diretiva formulada, tal como as formas organizativas que a acompanham sejam as mais justas, as mais apropriadas possíveis ao problema dado. Do mesmo modo, todos, e em primeiro lugar os comunistas, devem compreender perfeitamente a diretiva, o que lhes permitirá em seguida pô-la em prática.

Contudo, tanto uma diretiva em si mesma como a organização da sua aplicação podem comportar erros. Estes erros revelam-se na prática, e esta não deve ser seguida passivamente mas de maneira revolucionária. Que quero dizer com isto? Quero dizer que todos os operários, quer sejam comunistas quer sem-partido, que verificam defeitos no decorrer do seu trabalho e que têm boas idéias sobre os meios de os corrigir e perspectivas ainda mais claras sobre o problema levantado, devem propor retificações.

Do mesmo modo, a idéia de que um comunista ou um trabalhador sem-partido não devem poder avançar estas sugestões senão perante a organização de base ou a direção, também não é justa.

Ninguém proíbe a discussão direta para a melhoria do trabalho, pelo contrário, o Partido apoia-a e encoraja-a. Quanto melhor as sugestões e as propostas que a organização de base ou a direção recebem tiverem sido preparadas e debatidas externamente, tanto melhor será. Ao discutirem os seus problemas

...se um comunista, armado com as decisões e as diretivas do Partido não se mostrar ativo sobre cada problema e em cada uma das suas atividades revolucionárias não se esforçar para encontrar as formas apropriadas de organização... não pode desempenhar como deve seu papel de dirigente, de comunista.

mesmo fora das organizações e das vias oficiais, os operários, membros do Partido ou sem-partido, nada fazem de mal, pelo contrário, fazem bem em discutir uma recomendação ou uma diretiva eivada de erros, uma forma de organização manca, e, depois de terem confrontado as suas idéias - o que não se faz necessariamente nos encontros oficiais -, fazem bem em apresentar o problema perante a organização de base ou perante a direção, segundo o caso, para o discutirem desta vez de maneira colegial, e, se necessário, tomar decisões.

Quando dizemos que a organização de base deve agir por si própria, mostrar-se revolucionária e combativa, não entendemos por isso que se deve comportar assim apenas como instância, mas que, a exemplo da organização, cada um dos seus membros deve também agir desta maneira na prática. Sem comunistas revolucionários, não pode haver organização revolucionária. Portanto, se um comunista, armado com as decisões e as diretivas do Partido não se mostrar ativo sobre cada problema e em cada uma das suas atividades revolucionárias cotidianas, não se esforçar por encontrar as formas apropriadas de organização, os métodos e o estilo de trabalho mais indicados, não pode desempenhar como deve o seu papel de dirigente, de comunista.

Ele pode e deve, sendo necessário, agir também de modo isolado para aplicar uma dada diretiva e não contemporizar, como fazem certos comunistas que não são capazes da mínima iniciativa e se fingem agarrar às formas organizativas estabelecidas, na expectativa de que a organização de base se reúna para criticar qualquer camarada que infrinja a diretiva ou a disciplina.

E por que é que um comunista, na fábrica ou noutra local, deveria esperar pelas reuniões regulares para criticar um camarada? Nos minutos de repouso, ele pode chamar os seus camaradas e, em particular, aquele que importa criticar, e dizer-lhe umas verdades. Que regra se infringe então? Nenhuma. Pelo contrário, o camarada corrige-se. E, se não se corrigir, então o seu caso deve ser evocado na reunião da base.

Se agirmos assim para todos os problemas que surgem perante os comunistas na sua vida cotidiana, muitas questões e diretivas serão retificadas, muitas formas de organização do trabalho melhoradas, muitos problemas de princípios e plenos de interesse serão levantados para as organizações de base e para as instâncias do Partido e do Estado.

Dizemos que o pensamento é o reflexo do mundo material, mas acontece com frequência que, sobretudo os que não refletem profundamente nestes problemas, consideram o pensamento qualquer coisa que não se submete à coordenação e à organização, quando, de fato, o pensamento, em todos os casos, qualquer que seja a forma de que se reveste, é acompanhado por uma forma de organização, de coordenação, de disposição. Na realidade, nos nossos pensamentos, quando refletem corretamente a realidade, manifesta-se a mesma organização, a mesma disposição que existem no mundo exterior, noutras palavras, a lógica, a dialética objetiva do

... Uma larga e justa utilização das leis da sociedade e da natureza a favor do desenvolvimento, sob todos os aspectos, da sociedade e do homem, depende diretamente do nosso trabalho de organização, da criação das condições e da adoção das medidas indispensáveis que tornam possível uma ação frutuosa dessas leis.

mundo material. Por outro lado, para que o pensamento seja claro e compreensível, para aquele que o concebe, e para os outros por maioria de razão, deve absolutamente ser organizado, ordenado, arranjado. Senão as idéias aparecerão obscuras, os problemas serão colocados a trouxe-mouxe, as conclusões retiradas não serão lógicas.

Devemos dar grande importância aos problemas de organização, que dizem respeito a todos os problemas, pois a organização tem um profundo significado teórico e filosófico. A vida da sociedade desenvolve-se de acordo com certas leis, tal como a natureza tem as suas próprias leis. Queiramos ou não, as leis agem, cumprem o seu trabalho. Mas os homens não são impotentes perante elas. Têm condições para as conhecerem e utilizarem para promoverem a produção e a vida da sociedade no seu conjunto. As possibilidades de conhecimento e de utilização das leis variam segundo os regimes sociais. Com a passagem para o socialismo, estas possibilidades aumentam imensamente. É aqui que se opera a grande viragem qualitativa no desenvolvimento da sociedade, viragem que Engels definiu como uma passagem do reino da necessidade para o da liberdade. Mas as possibilidades são uma coisa e a sua realização na prática outra.

Uma larga e justa utilização das leis da sociedade e da natureza a favor do desenvolvimento, sob todos os aspectos, da sociedade e do homem, depende diretamente do nosso trabalho de organização, da criação das condições e da adoção das medidas indispensáveis que tornam possível uma ação frutuosa destas leis. Uma organização do trabalho que não tivesse em conta as exigências das leis objetivas, criaria sérios perigos que levariam a graves fracassos.

A organização não deve ser considerada como uma coisa secundária, ela constitui a base da aplicação de uma lei, de uma dada diretiva, e faz parte integrante destas. Uma organização perfeita, em qualquer domínio que seja, constitui qualquer coisa de científico e de muito importante. Uma organização científica perfeita ajuda não só a aplicar uma lei, uma dada diretiva, a ciência em geral, mas também a promover esta última, a revelar os aspectos desconhecidos das leis e dos fenômenos. Pelo contrário,



Gravura albanesa

uma má organização, não científica, que não tenha em conta todos os dados objetivos e subjetivos é nociva à teoria e à prática, trava-as. Assim, a organização constitui este elemento importante que participa, ao mesmo tempo, na teoria e na prática.

Se um físico ou um químico não organizarem bem o seu trabalho, as leis científicas não podem encontrar a aplicação desejada, não podem agir. Não se podem tirar conclusões nem ser conduzido a novas descobertas a partir de fenômenos e de fatos que, na realidade, não chegaram a produzir-se, ou que se produziram defeituosamente, porque a organização do trabalho, em lugar de ser perfeita e científica, foi insuficiente. É isto que se produz em todos os domínios, na indústria, na agricultura, no ensino e na cultura; é, bem entendido, também o que acontece no trabalho teórico; tal como na prática revolucionária do Partido.

A organização é um poderoso meio que contribui para promover o desenvolvimento, as atividades práticas, o pensamento; é uma ciência que não nasce espontaneamente no homem mas que se adquire no trabalho, é uma ciência sem limites determinados, que não é idêntica para todas as atividades e em qualquer altura, nem estabelecida de uma vez por todas sob uma forma estereotipada. A organização perfeita é uma arte que se fundamenta em vastos conhecimentos teóricos, políticos, científicos e organizativos, que sabe combinar judiciosamente os dados, que procura uma visão clara dos objetivos a atingir, que se caracteriza por um espírito progressista, revolucionário, que não teme as dificuldades, mas que as prevê. A organização perfeita baseia-se numa vontade firme e num trabalho incansável; tem em conta os ganhos de tempo, a aplicação da técnica mais recente, tal como outros dados.

Se os considerarmos, portanto, nesta ótica, facilmente compreenderemos a grande importância que devemos atribuir aos problemas de organização.

O MÉTODO E O ESTILO DE TRABALHO

Queria agora deter-me um pouco também sobre outro problema, o do trabalho a desenvolver

junto das pessoas, para esclarecer quais devem ser o método e o estilo de trabalho. Todos sabemos bem que uma organização tão perfeita e de grau tão elevado quanto possível da atividade geral do Partido, como a grande organização socialista da produção, como um trabalho de envergadura com a participação continuamente crescente e coletiva das massas, não poderiam realizar-se sem um trabalho melhor organizado, mais qualificado e que seja mais atento junto das pessoas. Na realização deste objetivo, a par de seu conteúdo marxista-leninista, com o seu espírito revolucionário militante de classe, o método e o estilo do nosso trabalho de Partido desempenham um papel muito importante. Trata-se de penetrar, pelo nosso trabalho, nos espíritos e nos corações das massas e dos indivíduos, de os convencer coletiva e individualmente, de os tocar e emocionar, de os estimular e os empenhar em ações, de os exaltar para a luta pela grande causa do Partido e da revolução. Trata-se de um trabalho complexo. Requer uma propaganda persuasiva apoiada sobre sólidos alicerces científicos. E é, ao mesmo tempo, uma arte particular, que todo o Partido, todos os nossos quadros, os nossos organizadores e os nossos propagandistas devem possuir.

A formação da consciência socialista é um processo complexo. No decorrer deste processo, chocamos tanto contra a psicologia social dos homens como contra a sua psicologia individual. Por isso é indispensável conhecer bem tanto a opinião social no seu conjunto enquanto como os homens indivíduos conhecer não só suas opiniões político-ideológicas e o seu comportamento em geral, mas também a sua

...Mas não é justo contentarmo-nos com o que realizamos e não vemos os defeitos que se verificam no trabalho junto das pessoas. Não devemos contentarmo-nos com uma visão exterior geral e de tabelas dos fenômenos sociais, sobretudo no que diz respeito ao universo espiritual dos homens.

psicologia, a sua mentalidade na vida, as suas necessidades e as suas exigências, não só no plano material, mas também sob o aspecto social e psicológico. E se trabalharmos atentamente, veremos que estes fenômenos comportam traços dominantes, diferenciações e tonalidades que variam de acordo com as diversas camadas sociais, as diversas idades, o sexo, que varia da planície para a montanha, de uma região do país para outra, sem falar da sua manifestação particular de um indivíduo para outro. No nosso trabalho junto às pessoas, no nosso trabalho de organização, de propaganda e de educação junto a elas devemos absolutamente tomar em consideração todos estes fenômenos.

Como marxistas-leninistas que somos, é evidente para nós que a expansão da personalidade de cada indivíduo só é possível no seio de uma comunidade.



G. Madhi - Albânia

Por isso damos uma importância particular às formas e aos métodos de organização geral do trabalho coletivo, assim como à educação dos homens no seio dos coletivos. Mas, paralelamente, o Partido não cessa de sublinhar a necessidade de não nos contentarmos com o trabalho geral conduzido nos coletivos, de não nos limitarmos apenas a este trabalho, de não ignorarmos as particularidades individuais dos homens, as preocupações que lhes são próprias, mas, pelo contrário, de nos mostrarmos ativos nesse campo, de conhecermos e tratarmos estas preocupações de maneira aprofundada, de lhes darmos uma solução justa, adaptando-lhes também as atitudes individuais oportunas.

Foi precisamente assim, ao mesmo tempo como uma ciência e como uma arte, que o Partido encarou o trabalho junto das pessoas. Foi assim que agiu durante a Luta de Libertação Nacional, conduzindo ao mesmo tempo um vasto trabalho de massas e um trabalho diferenciado e individual junto dos pioneiros, dos jovens, dos velhos, das mulheres, dos camponeses, dos intelectuais etc. Será suficiente, enfim, recordar a este propósito o grande trabalho muito frutuoso levado a cabo nestes últimos anos pela resolução de problemas sociais e ideológicos agudos, nomeadamente na luta pela emancipação completa da mulher e a elevação da personalidade dos jovens sob todos os seus aspectos, na luta contra a religião e os costumes atrasados; lembrar a capacidade e habilidade do nosso Partido na luta pela solução destes problemas penetrando precisamente na consciência e na psicologia das pessoas, tanto das massas como dos indivíduos, atirando abaixo ousadamente o que é ultrapassado e apoiando com todas as forças o novo revolucionário e socialista, que floresce nos seus domínios igualmente.

Mas não é justo contentarmo-nos com o que realizamos e não vemos os defeitos sérios que se verificam no trabalho junto das pessoas. Não devemos contentarmo-nos com uma visão exterior geral e de tabelas do conjunto dos fenômenos sociais, sobretudo no que diz respeito ao universo espiritual interior dos homens.

Se ficarmos por aí, não poderemos lutar

ativamente contra o formalismo e a burocracia no trabalho junto das pessoas, contra a estandardização e a uniformidade deste trabalho. Veremos então levantar-se diante de nós problemas de caráter ideológico e político agudos.

O trabalho do Partido é, antes de mais nada, um trabalho junto das pessoas e este trabalho é multiforme, pois os próprios homens são diferentes, com os seus interesses, as suas exigências, os seus problemas e as suas preocupações das mais variadas. A sua vida é um conjunto complexo, e por isso o Partido deve procurar tocar este conjunto e não ser unilateral no seu trabalho. Não se deve pedir unicamente trabalho aos homens, produção, altos rendimentos, a realização dos planos. Essas exigências são justificadas, indispensáveis e importantes, mas não constituem um objetivo em si mesmas. Na nossa terra, tudo o que se produziu e se criou foi em nome e no interesse do homem trabalhador. Deste ponto de vista, convém criticar e denunciar severamente o método e a prática de certos quadros, sobretudo dos órgãos do Poder e da economia, que se interessam por tudo, dos parafusos às vacas, mas esquecem o que é essencial e determinante em todo o trabalho - o homem, a solicitude pela sua vida, pela sua saúde, pela sua segurança no trabalho, pela sua higiene, pelo seu repouso, pela sua educação e pelos seus lazeres, a preocupação de lhe assegurar o ambiente mais apropriado etc.

Os homens da nossa terra são maravilhosos. Caracterizam-se pela simplicidade proletária, pelo espírito de sacrifício e abnegação, pelo entusiasmo e pela determinação de lançar-se mesmo ao fogo pela causa do Partido e do povo. Isso é uma manifestação elevada de confiança no Partido, uma manifestação dos elos estreitos que o unem ao povo. É uma força colossal, a força que torna o nosso Partido invencível e o nosso povo indomável. Temos a obrigação de canalizar devidamente este entusiasmo, esta confiança no Partido, de o utilizar como uma arma poderosa para superar todos os obstáculos e vencer todas as dificuldades, para promover constantemente a nossa revolução e a nossa construção socialista. Mas, a este respeito gostaria de sublinhar que não devemos tolerar qualquer veleidade de especulação sobre estas altas virtudes dos nossos trabalhadores, e que devemos mesmo condenar qualquer manifestação deste gênero. Se os homens da nossa terra são simples e sem pretensões, isso não é razão para nos preocuparmos menos com a satisfação das suas justas e legítimas necessidades materiais e espirituais, ou então se os homens da nossa terra estão prontos a responder a qualquer apelo do Partido, não é justo, e de resto, não há qualquer razão para isso, que os façamos reunir-se horas antes do início dos comícios ou das manifestações, tal como não é justo, que façamos levantar as pessoas antes da alvorada para as ações de massas, quando o trabalho se faz efetivamente durante o dia e se leva a cabo em algumas horas. Das duas, uma: ou certos camaradas não têm confiança no entusiasmo das massas, ou então, por estas maneiras de proceder, procuram encobrir as suas fraquezas na organização do trabalho, a não ser que sejam as duas coisas ao mesmo tempo.

...Não esqueçamos que os homens têm coração e sentimentos, que têm a sua dignidade e a sua personalidade, que não só não devemos espezinhar, mas também proteger e reforçar na vida que o Partido nos indica, combatendo todas as atitudes ou ações arbitrárias da parte de quem quer que seja.

O trabalho junto das pessoas requer um conhecimento aprofundado da linha do Partido, inteligência e tato na sua aplicação. Nem todos os problemas podem ser estudados e resolvidos através de formas de trabalho que reúnam as massas, nas reuniões da Frente Democrática, da Juventude, das Uniões Profissionais, ou pela imprensa. Em particular, quando se trata de problemas sociais e familiares, que atingem a vida íntima dos homens, muitas vezes a intervenção, nem sempre fundamentada, em lugar de ter efeito salutar, é nociva, suscita grandes inquietações injustificadas nas pessoas, toca profundamente o seu amor próprio e leva algumas delas a ações penosas e condenáveis pela nossa moral proletária.

Não esqueçamos que os homens têm coração e sentimentos, que têm a sua dignidade e a sua personalidade, que não só não devemos espezinhar, mas também proteger e reforçar na via que o Partido nos indica, combatendo todas as atitudes ou ações arbitrárias da parte de quem quer que seja.

Não se trata aqui de encobrir as fraquezas ou os erros de tal ou qual pessoa, mas de saber encontrar as vias, as formas e os métodos de trabalho mais apropriados para atingir o objetivo.

Trata-se de um trabalho de natureza tal que para levar a cabo com êxito, há que penetrar na alma das pessoas, conhecer a fundo os seus pensamentos e as suas inquietações, os seus interesses e as suas preocupações. Para o fazer, é necessário bom senso, maleabilidade, tanto no trabalho junto das pessoas, a fim de criar nas relações com elas uma atmosfera calorosa e de camaradagem que permita a cada um exprimir livremente as suas idéias, apresentar abertamente os problemas, expandir-se como junto da pessoa mais íntima. Sabemos, que durante a discussão sobre o controle operário, os operários e os camponeses levantaram numerosos problemas, fizeram muitas observações sobre o trabalho e os homens. Mas até aí todas estas coisas tinham sido mantidas em vaso fechado, escondidas. Por que? Porque eram afogadas sob o burocratismo, o oficialismo. O Partido tirou e deve tirar constantemente ensinamentos destes casos. É uma questão de grande importância, pois diz respeito às suas relações com as massas, às relações dos quadros com os trabalhadores, à defesa e ao desenvolvimento da democracia de base.

PERFIL DO NEGRO BRASILEIRO

Edison Carneiro

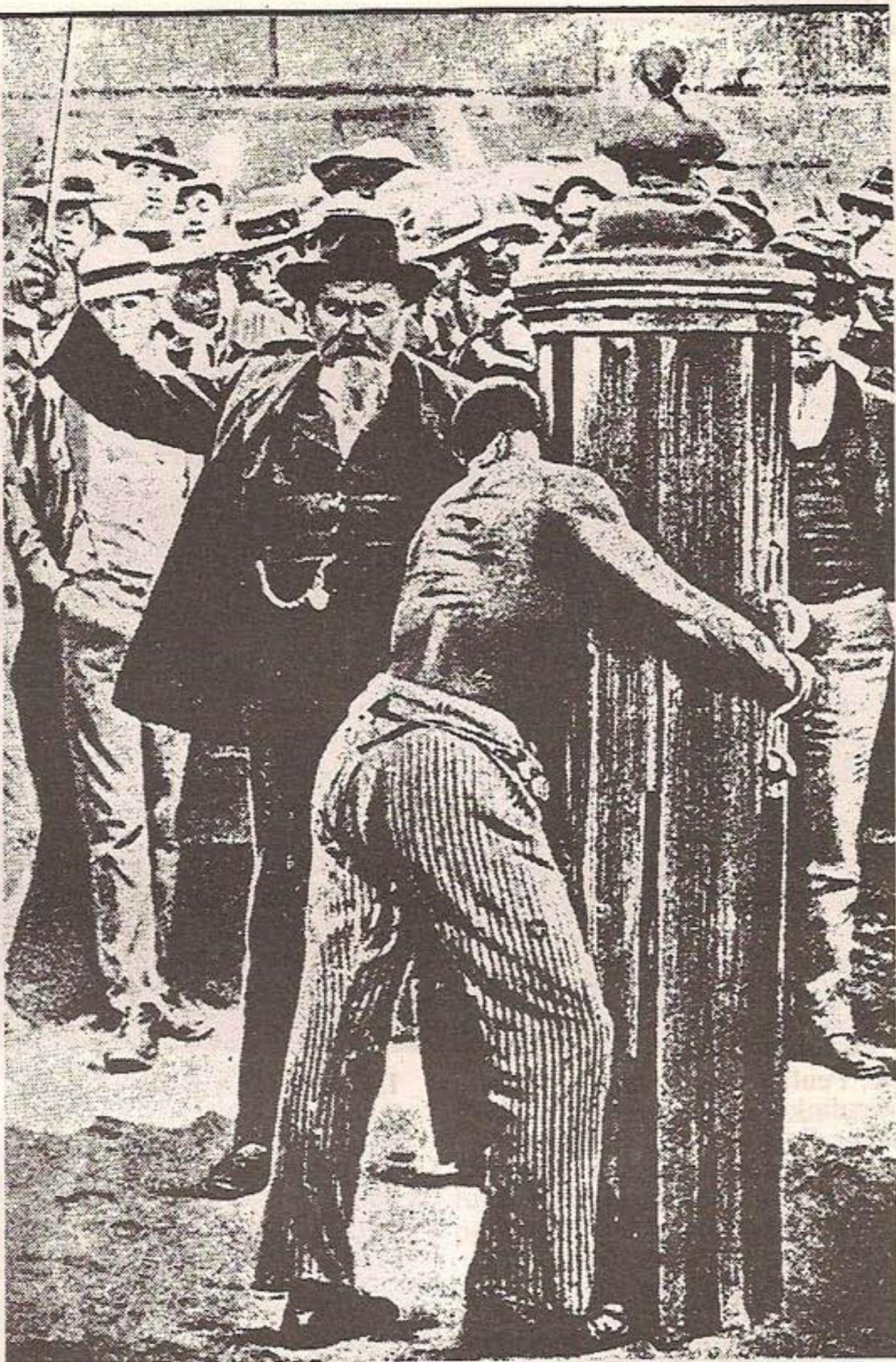
Parece que o primeiro negro a aportar ao Brasil veio da armada de Martin Afonso. Negros e mulatos, uns ainda escravos, outros já forros, acompanharam o Governador Tomé de Sousa na edificação da Cidade de Salvador (1549). Eram os precursores de milhões de negros africanos que, durante dois séculos e meio, foram carregados pelo tráfico para o trabalho na nova terra.

Na época do descobrimento, Portugal já estava na posse dos arquipélagos da Madeira e do Cabo Verde, do litoral da Guiné, das ilhas São Tomé e Príncipe, da embocadura do Zaire e de Moçambique e havia plantado uma fortaleza na antiga Costa do Ouro (Gana). E, no século XVI,

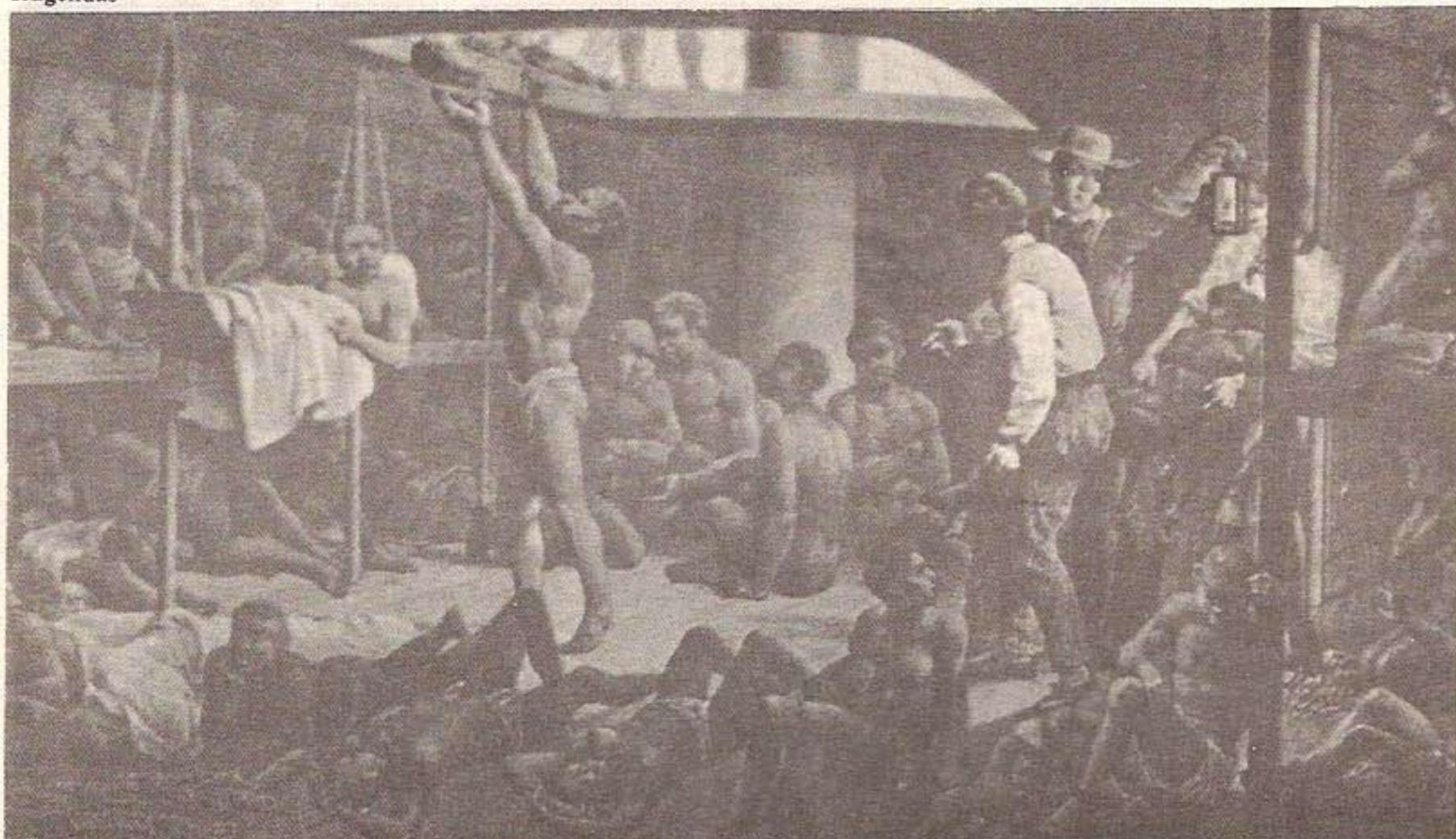
começaria a conquista de Angola. De todos esses pontos vieram escravos para o Brasil.

As feitorias estabelecidas nas ilhas desertas da Madeira e do Cabo Verde detinham o monopólio do comércio de escravos que os negreiros iam buscar nos "rios de Guiné", uma extensa região cortada de rios e canais navegáveis, muito maior do que a atual Guiné Portuguesa, afinal reduzida pela crescente pressão dos franceses ao Norte (Senegal) e dos ingleses ao Sul (Serra Leoa). Os entrepostos ficavam no Rio de Cacheu e na Ilha de Bissau, cercados de paliçadas e guarnecidos com artilharia, a cargo de "lançados", brancos e mulatos corajosos que se incumbiam de reunir escravos e merca-

dorias em pontos onde os pudessem recolher as embarcações portuguesas. Habitavam os "rios de Guiné" tribos de biafadas, papéis, manjacos, brames, balantas, felupes, baiotes, banhuns, nalus e bijagós, que, se chegaram até o Brasil, nem mesmo o nome deixaram de lembrança, assim como fulas e mandingas. Estes últimos, alcançados de algum modo pela penetração religiosa, política e militar do Islã em terras sudanesas, estavam em pleno processo histórico de criação de Estados e nacionalidades, interrompido violentamente pela escravidão e, mais tarde, pela ocupação militar de seu território pelas potências coloniais da Europa. Uns e outros cobriam, com milhares de



Rugendas



Navio "negreiro" trazendo escravos para serem vendidos no Brasil.

povoados, a faixa meridional do Sudão, virtualmente desde o Rio Senegal até quase o lago Tchad.

Os fulas (Fullah, Fellata, Foublé, Peul) e os mandingas (Mali, Mandinka, Mandê), vindos da Guiné Portuguesa, foram desembarcados em todo o Nordeste, para a lavoura e as fábricas de açúcar; e, a partir da fundação de Belém (1616), na Amazônia. Uma companhia privilegiada, a de Cacheu, fazia o transporte. Esses negros, genericamente chamados "peças de Guiné", logo foram absorvidos na incipiente população brasileira. Os fulas singularizavam-se pela cor opaca, tendendo para o pálido, e o gentílico em pouco tempo se tornou um qualificativo comum para todo negro com a mesma compleição (fulo, negro fulo, negrinha fula) e, mais tarde, por extensão, passou a aplicar-se à ausência momentânea de cor nas faces das pessoas, negros ou brancos (fulo de raiva). Os mandingas, que não haviam perdido de todo as antigas crenças pagãs ao contato com o Islã, pois na África Negra a adesão ao maometanismo foi um fenômeno essencialmente de cúpula, deram à língua portuguesa, com a sua designação tribal, um novo sinônimo para encantações e artes mágicas. O tráfico procedente da

Guiné foi, entretanto, reduzido, sem termo de comparação com o das outras áreas.

DE ANGOLA PARA CÁ

Mal se afirmava o tráfico na Guiné, contra o qual até a geografia do país militava, e já os portugueses se assenhoreavam, pela força das armas, de nova fonte de braços na África. Em 1576 Paulo Dias de Novais fundava Luanda. O negro de Angola passou a concorrer com os de Guiné em todos os portos principais de escravos: Rio de Janeiro, Bahia, Recife e São Luís. Enquanto duraram as lutas por avassalar o régulo Ngola e os seus sucessores, Inácio Airi e a Rainha Jinga (Ana de Sousa). O comércio de escravos se fez em pequena escala. Em 1641, os holandeses, já senhores de Pernambuco, tomaram a nova colônia portuguesa de Angola e de lá trouxeram os negros, em grande número, para o Recife, onde os vendiam para toda a zona sob o domínio batavo, do Ceará a Alagoas. Cabia ao Brasil, no sistema administrativo colonial, a responsabilidade pelo governo de Angola: os negreiros emprestavam o dinheiro necessário para uma expedição armada contra os holandeses e, sete anos mais tarde

(1648), Salvador de Sá ganhava a batalha da restauração. Assim, povos negros de língua banto chegaram ao Brasil, quase ininterruptamente, até o fim do tráfico (1850): muxicongos (Mushicongo), banguelas (ganguelas), rebolos (libollos) e caçanjes de Angola, cambindas (cabindas) da colônia vizinha do Congo. E, com base ou escala em Luanda, os tumbeiros contornavam a região meridional do continente para alcançar Moçambique, ou seja, a Contra-Costa, de onde traziam, para vender no Brasil, negros macuas e anjicos.

Com o século XVIII inicia-se o tráfico com a Costa da Mina, vale dizer, o litoral setentrional do Golfo da Guiné. Dos "rios da Guiné" para o sul o litoral africano estava subdividido em várias "costas": a da Guiné, a da Malagueta, a do Marfim, a do Ouro e a dos Escravos. No século XVIII, a Costa da Mina englobava as três últimas "costas", numa extensão total de 426 léguas, do Cabo de Palmas ao Cabo Lopez, no Delta do Ogooué (Gabão). Os portugueses já haviam tentado estabelecer-se nessa região, tendo levantado, anteriormente ao descobrimento do Brasil (1482), o Castelo de São Jorge da Mina, que lhe deu o nome. O forte, entretanto, caíra

em poder dos holandeses ao tempo em que dominavam o Nordeste brasileiro (1637). Uma provisão real de 1644 permitiu a navios matriculados na Bahia e no Recife o comércio na Costa da Mina e mais ou menos em 1680 os governadores das ilhas de São Tomé e Príncipe erigiram no Daomé, o Forte de São João Batista de Ajudá (whydah dos ingleses, Ouidah dos franceses), recentemente incendiado e abandonado, ao perder a sua extraterritorialidade, pelos portugueses. Mas o comércio com a Costa da Mina só teve confirmação real em 1699. Foram então autorizadas a realizar o resgate de escravos naquela área 24 embarcações, registradas no porto da Bahia, levando cada qual mercadoria, tabaco, açúcar, aguardente, equivalente a 500 negros.

VÁRIAS NAÇÕES NEGRAS

Os negros dessa região costumavam subir a bordo dos navios para fazer o alborque de ouro em pó, que traziam ao pescoço em barrilinhos (aquis) nominalmente equivalentes a meia oitava brasileira. A experiência com o ouro os indicava e predispunha, no consenso geral, para o trabalho nas catas de ouro e diamantes em Minas Gerais. O tráfico trouxe negros das mais variadas tribos, como fântis e axântis (Ashanti), chamados no Brasil minas; txis (Tshi) e gás, das vizinhanças do Castelo da Mina; euês e fons, conhecidos aqui por uma das suas designações menores, jejes (djeje); iorubas, que os brasileiros preferem, como os franceses, dizer nagôs; tapas, hauças, canures (Kanuri), fulas, mandingas e grunces (Gurunsi). Estes negros, trazidos para a Bahia, eram daí transferidos, pelo interior, para as minas, onde se vendiam a bom preço. As condições de transporte eram as melhores de todo o período do tráfico: enquanto os tumbeiros procedentes de Angola perdiam, em média, um décimo da carga humana, os que vinham da Costa da Mina registravam apenas um prejuízo de 5%. E, dada a suposição de experiência em mineração, o negro da Costa da Mina custava mais caro do que o de Angola, simples braço de trabalho. Em pouco tempo estes negros se constituíram numa elite da

J.B. Debret



Os escravos vão assimilando profissões "brancas".

massa escrava, em especial do ponto de vista religioso. Tapas, nagôs e hauças, muçulmanos (malês), comandaram os negros da Bahia em sucessivas insurreições entre 1806 e 1835: uma projeção da *jihad** no Novo Mundo. Xangôs, candomblés, macumbas, todos os cultos negros do Brasil obedecem, em linhas gerais, ao modelo de culto oferecido por nagôs e jejes. Muito procurados nos primeiros anos da mineração, por volta de 1750 apenas mil deles eram adquiridos anualmente em Minas Gerais, à medida que a exploração de ouro e dos diamantes passava das mãos dos particulares para o governo da metrópole. Concentrados em maior número na Bahia, foram subsequentemente vendidos para serviços domésticos urbanos no Rio de Janeiro, no Recife e no Maranhão.

A ocupação efetiva do território brasileiro alterou substancialmente esta disposição do elemento escravo. Desde o começo dos portos de desembarque foram centros de distribuição de negros: o de São Luís abastecia a Amazônia, o de Recife o Nordeste; a

Bahia servia a Minas Gerais, o Rio de Janeiro a Minas e São Paulo. E desses destinos secundários o negro era revendido para mercados menores do interior, como Goiás e o Rio Grande do Sul. A sucessiva mudança do interesse econômico principal, do açúcar para o ouro, do ouro para o café, impôs demorado e variado contato lingüístico, religioso e sexual entre negros das mais diversas nações africanas.

A exploração do açúcar, decadente e em ruína, estava praticamente em bancarrota com o envilecimento dos preços no mercado internacional, quando se inaugurou o ciclo do ouro. Os braços ociosos no litoral foram absorvidos pelas minas, que, insaciáveis, forçaram a intensificação do comércio com Angola e impuseram a navegação para a Costa da Mina. Em breve, porém, a exploração do ouro e dos diamantes, antes de iniciativa particular, passou a fazer-se sob o controle direto do governo da metrópole, a princípio com os contratos, em seguida com a Real Extração. O negro, já parcialmente desviado das minas para a agricultura e

pecuária, foi então utilizado na cultura do café e, durante a guerra civil americana, do algodão. Em consequência, o negro adotou a língua portuguesa, a religião cristã, os costumes nacionais e, em suma, se destribalizou por completo.

ASSIMILAÇÃO LOCAL

Durante a escravidão, distinguam-se o negro **boçal** ou **novo**, recém chegado da África, ainda sem conhecimento dos costumes do país; o negro **ladino**, africano, mas já com experiência da sociedade brasileira, e o negro **crioulo**, nascido e criado aqui. Uns e outros foram compelidos a ajustar-se às condições vigentes no Novo Mundo. A Igreja Católica, oficial, apenas batizava o negro **novo** antes de seguir para o interior, mas durante algum tempo, tentou orientar para a religião cristã, nas cidades, primeiro os **ladinos**, em seguida os **crioulos** e os **mulatos**, favorecendo a criação de Irmandades. O Estado recrutou negros e pardos para formações militares subalternas, as ordenanças, depois chamadas Henriques, do nome do chefe de uma delas, que se distinguiu na guerra contra os holandeses. O trabalho produtivo na cana-de-açúcar, na moenda dos engenhos, no tabaco, na cata do ouro e dos diamantes, no algodão, no café, na pesca da baleia, em artes e ofícios diversos e na prestação de serviços foi, porém, o fator mais constante de assimilação, impondo a língua, a alimentação, os trajes, os hábitos de trabalho e repouso, as relações familiares, a etiqueta e a disciplina. Esta vigorosa compulsão social, comparável, segundo imagem corrente, a um rolo compressor, produziu, por um lado, negros forros e libertos (livres) e, por outro, três tipos de trabalhadores escravos, o negro de campo, o negro de ofício e o negro doméstico. A adaptação forçada do negro preparou o caminho para a sua ascensão social, que se fez, penosamente, com o estabelecimento de relações primárias, de confiança e de respeito mútuos, entre senhor e escravo e, por fim, com a alienação e socialização do trabalho deste último.

De muitas maneiras o negro conquistava a liberdade, uma

liberdade precária, constantemente ameaçada pela polícia e pelo arbítrio dos brancos. Havia o negro forro, beneficiado diretamente pelo senhor, em geral em testamento, e o negro liberto, que comprava a sua liberdade ou a obtinha em virtude de lei ou de promessa do governo por serviços especiais. A alforria contemplava de preferência os velhos, doentes e inabilitados.

Se de muitos dos forros se pode dizer que foram produto da bondade e do reconhecimento, a maioria deles, certamente serviu à conveniência do senhor, que deste modo se eximia de alimentá-los, e vestilos, em especial sempre que a exploração econômica pôs em perigo a sua estabilidade financeira. O escravo, por si mesmo, podia obter a alforria se, tendo juntado soma igual àquela por que fora adquirido, propusesse a transação ao senhor. Do plano individual, este esforço pela liberdade passou ao plano coletivo. Conhece-se a lenda de Chico-Rei, em Vila Rica; mas a lenda se tornou realidade em toda parte, com as juntas de alforria, mais ou menos associadas às Irmandades do Rosário e de São Benedito, em que o dinheiro angariado por todos servia, sucessivamente, à libertação de cada qual dos seus

componentes. A lei civil protegeu os ingênuos após o Ventre-Livre (1871) e os sexagenários (1885); libertos por serviços especiais foram os homens de Henrique Dias, os praças do Batalhão dos Libertos da guerra da Independência na Bahia, os escravos que serviram no Paraguai. E, nos fins do Império, em virtude da hábil argumentação do advogado João Marques, muitos negros de "filiação desconhecida" (o brasileiro só seria escravo se nascido de ventre escravo) obtiveram a sua liberdade nos tribunais.

O Sofrimento no Campo

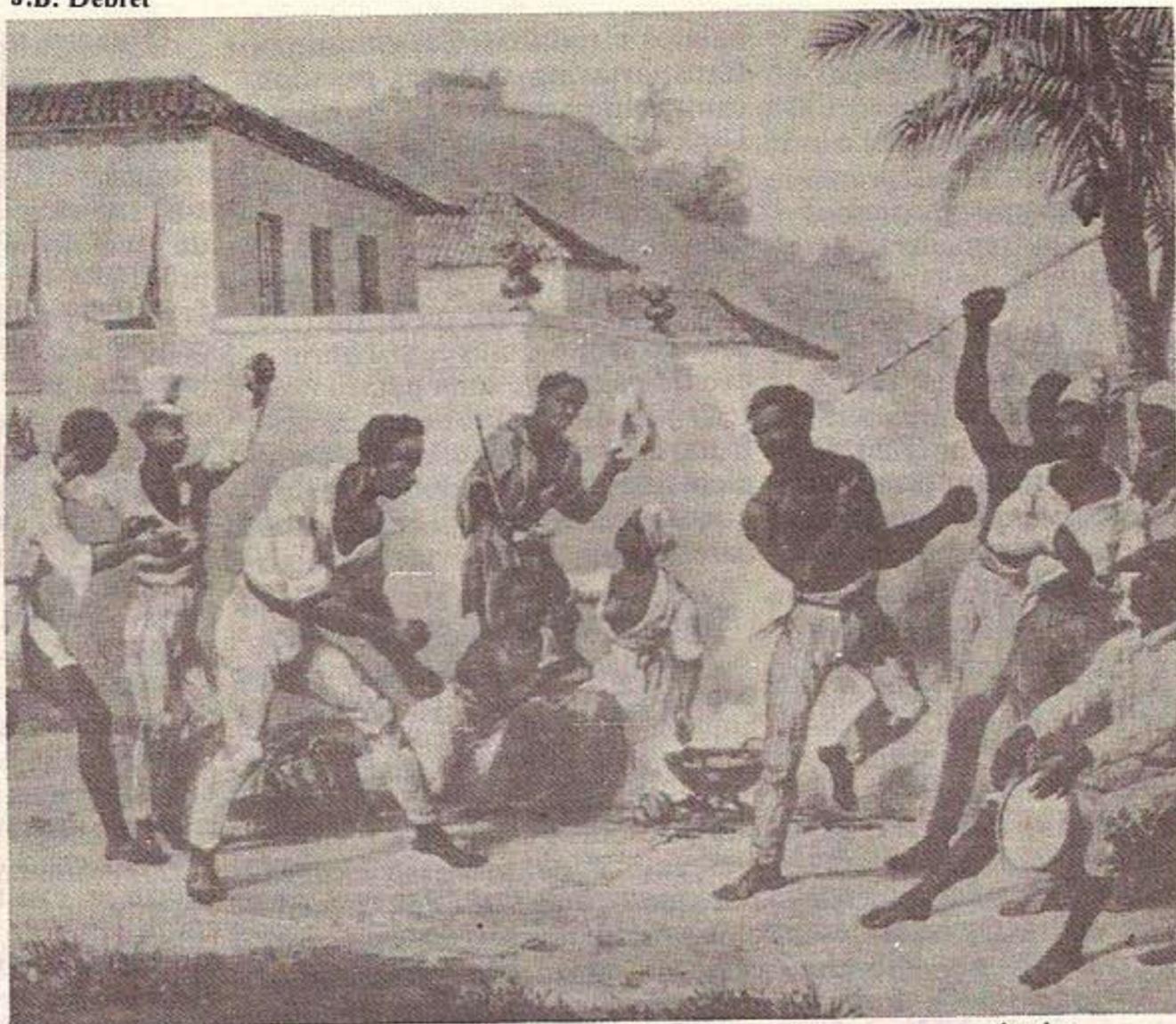
A grande maioria dos escravos, porém, não teve a ajuda de circunstâncias tão propícias. O negro de campo foi o braço agrícola. Mão-de-obra desqualificada, mourejou no cabo da enxada nos canaviais e nas roças de tabaco, no tempo da colônia e nas plantações de café e de algodão no Império. Esteve, mais do que os outros, sujeito à discricção do senhor e era este quem dispunha da sua vestimenta, da sua alimentação, da sua moradia, do seu tempo e mesmo das suas relações sexuais. Os castigos mais atrozes e aviltantes, o tronco, vira-mundo, cepo, libambo, peia, gonilha e as

J. Laurents



O trabalho caseiro servia também para distinguir os escravos

J.B. Debret



Negros "jogam" a Capoeira, mantendo sua cultura no cativoiro.

brutalidades mais terríveis, pontapés no ventre de escravas gestantes, olhos vazados e dentes quebrados a martelo, emparedamentos em vida, mutilações e aleijões, foram o quinhão do negro de campo, em especial enquanto o tráfico não sofreu limitações internacionais e, em consequência, a mercadoria humana era abundante e barata. Em sete a dez anos, estafado pelo trabalho de sol a sol (14 horas por dia), o negro de campo se transformava num trapo humano. Enquanto dispunha de alguma energia, organizava-se em quilombos, promovia levantes locais (Estado do Rio) ou regionais (Maranhão) ou abandonava em massa as fazendas (São Paulo). O Recenseamento de 1872, o último do Império, acusou menos de um milhão de lavradores entre a população escrava. Sobre seus ombros o negro de campo sustentou todo o comércio exterior do Brasil.

Com o negro de campo coexistiu o negro de ofício, que ocupava um escalão ligeiramente superior. Sob as vistas do senhor, ou às suas expensas, desenvolvia as suas aptidões naturais, especializando-

se quer em serviços essenciais à exploração econômica preponderantes, quer em profissões ancilares. O negro "de partes" ou "oficial" surgiu, primeiro, na fábrica de açúcar, ainda no século XVI, na moenda, na caldeira, na casa de purgar e na caixaria do engenho. Mais tarde encontramos os homens como barbeiros, ferreiros, pedreiros, marceneiros, seleiros, canoeiros, as mulheres costureiras. Pouco após a descoberta das minas, o negro "de partes" valia 500 oitavas de ouro (800\$000). No litoral, em 1837, um escravo qualquer custava 400\$000, mas o preço de um "oficial" oscilava entre 600\$000, 800\$000 e um conto de réis; e o jornal médio do negro de ofício (640 réis) era o dobro dos demais. Por essa época já havia, no Rio de Janeiro, bons profissionais negros alfaiates capazes de cortar casaca, chapeleiras que competiam com as francesas, serralheiros, ourives, sapateiros etc. Estes negros tanto serviam ao senhor como aos seus vizinhos e, às vezes, a toda a comunidade. A capacidade pessoal, o interesse social do trabalho executado, os anos e o dinheiro gastos na sua aprendizagem, os elevavam na consideração geral,

poupando-os à enxada e aos castigos corporais.

Trabalho doméstico e social

O negro doméstico integrou a famulagem do senhor. As mulheres mais bonitas e agradáveis e os homens mais sociáveis, inteligentes ou expeditos, e posteriormente os filhos destes, foram retirados do trabalho sempre que as flutuações do mercado internacional impuseram a diminuição da produção. Pajem, moço de recados, capanga, criados, quando homem, babá, mucama, cozinheira, doceira, quando mulher, o negro doméstico proliferou nas cidades, estabelecendo com a família do senhor relações amistosas que se traduziram em "crias da casa", "afilhados", "homens de confiança". Todos serviam à ostentação do senhor, como sinal da sua riqueza e poder. Muitos deles aprenderam a ler, outros conseguiram reunir pecúlio suficiente a uma vida mais ou menos folgada. Estes negros foram mais numerosos no Nordeste açucareiro, na região das minas em fins do século XVIII e no Rio de Janeiro, nos últimos anos de escravidão.

Os excedentes do negro doméstico, produto da ociosidade parcial nas cidades, deram dois subtipos: o negro de aluguel e o negro de ganho, o primeiro preparado deliberadamente pelo senhor para, servindo a outrem, lhe trazer ganho, o segundo pagando ao senhor certa soma por dia em troca da sua liberdade de ação.

Desde o regime da Real Extração nas minas se alugavam escravos. O crescimento numérico do negro doméstico forçou o senhor a recorrer a esse expediente, que lhe economizava despesas e trazia algum lucro. Em parte, o negro de aluguel teve colocação em atividades de tipo industrial, em especial na fabricação de tecidos, mas também em metais, madeiras, edificações, couros e peles, tinturaria, vestuário, chapéus, calçados ou como canteiros, calceteiros, mineiros e cavouqueiros, perfazendo, em 1872, um total de cerca de 30.000 escravos. Os restantes, em maior número no Rio de Janeiro e em São Paulo, foram absorvidos no século XIX, pelo serviço doméstico alheio, de estrangeiros e burgueses, nas cidades. O inglês John Luccock, que esteve no Brasil durante o reinado de João VI, vislumbrou "uma nova classe social" no grande número de pessoas que se davam à tarefa de habilitar escravos para aluguel ou venda, se possível. É ilustrativo do requinte com que eram preparados os anúncios de venda (1850) de "uma linda parda muito prendada, perfeíssima costureira de cortar e fazer camisas de homem e vestidos de senhoras de qualquer moda que se lhe apresente, borda, marca e faz crivo com toda a perfeição, enfeita chapéus para senhora como qualquer francesa, engoma o melhor possível, é boa doceira, penteia e veste uma senhora com toda delicadeza, enfim, é uma mucama prendada no último ponto, por ter aprendido em um colégio..."

Carregadores, moços de recados, condutores de cadeiras de arruar, vendedores ambulantes, os ganhadores, - o negro do ganho - se incumbiam da movimentação de fardos, cargas e encomendas e da locomoção pública nas cidades e prestavam serviços de toda natureza em troca de alguns vinténs. No Rio de Janeiro traziam cestas e varas, na Bahia e no Recife

balaios e rodilhas. Se, em grupo, transportavam volumes pesados, cantavam para aliviar o trabalho. Uma dessas canções foi recolhida na Bahia: "Ê, cuê/ganhadô/gana Bahia: "Ê, cuê / ganhadô / ganha dinherô / prá seu sinhô". O vivia por conta própria, às vezes sem fazer refeições ou dormir na casa do senhor, mas com a obrigação de pagar-lhe uma pataca (360 réis) por dia. Estes escravos desfrutavam assim, de quase completa liberdade de movimentos, de que usavam para, em outras bases, reconstruir a vida.

Transformando-se em cidadão

Assim, mais do que as leis, as condições sociais e econômicas, ajudadas pelo esforço individual e coletivo dos negros, propiciaram e prepararam a progressiva elevação do escravo a cidadão. O ritmo crescente deste processo explica por que o Treze de Maio beneficiou apenas uns 750.000 escravos, cerca da metade dos recenseados 16 anos antes (1872) e menos de um décimo do total da população de cor.

Paralelamente, o negro vinha influenciando os costumes brasileiros. As estórias do Quibungo deleitaram e aterrorizaram a meninada; os cultos de origem africana, já com orientação jeje-nagô, floresceram nos centros principais, conquistando adeptos em todas as classes; a capoeira e a pernada, que antes haviam defendido a liberdade de negros e mula-

tos, se acrescentaram às formas nacionais de ataque e defesa; o batuque de Angola invadiu o terreiro das fazendas e daí fez o caminho para as cidades, sob a forma de lundu, baiano, côco, samba; os modos de fazer da África encontraram lugar na cozinha, com a introdução do vatapá, caruru, do arroz de cuxá; o traje da baiana substituiu os antigos, impostos pelo senhor.

O negro tomou conta da rua. Sendo a maioria da população ativa, participou de todas as atividades, urbanas, procissões, festas tradicionais, batizados, casamentos, enterros, eleições. Os cortejos do rei do Congo serviram de modelo a maracatus e afoxés. O frevo, produto remoto da capoeira, a folia de São Benedito, inspirada na do Divino, e a escola de samba, que valorizou elementos de ternos e ranchos de Reis, fizeram o seu aparecimento. O bumba-meu-boi e a dança dos bastões, folguedos da Europa, encontraram tal receptividade entre os negros, que ao primeiro foram incorporados personagens e à segunda rituais que os lembram. Tão brasileiro se sentia o negro, que se engajou na aventura das bandeiras; que em 1798 participou de uma revolta na Bahia por "um governo de igualdade"; que aderiu à exaltação do indígena como símbolo da nacionalidade, durante a revolução da Independência, e o sacrificou nos seus cultos (caboclos) ou o festejou nos seus folguedos (cucumbis, caboclinhos e caiapós); que, por palavras e atos, fez a campanha abolicionista (Luís Gama, José do Patrocínio, Rebouças).

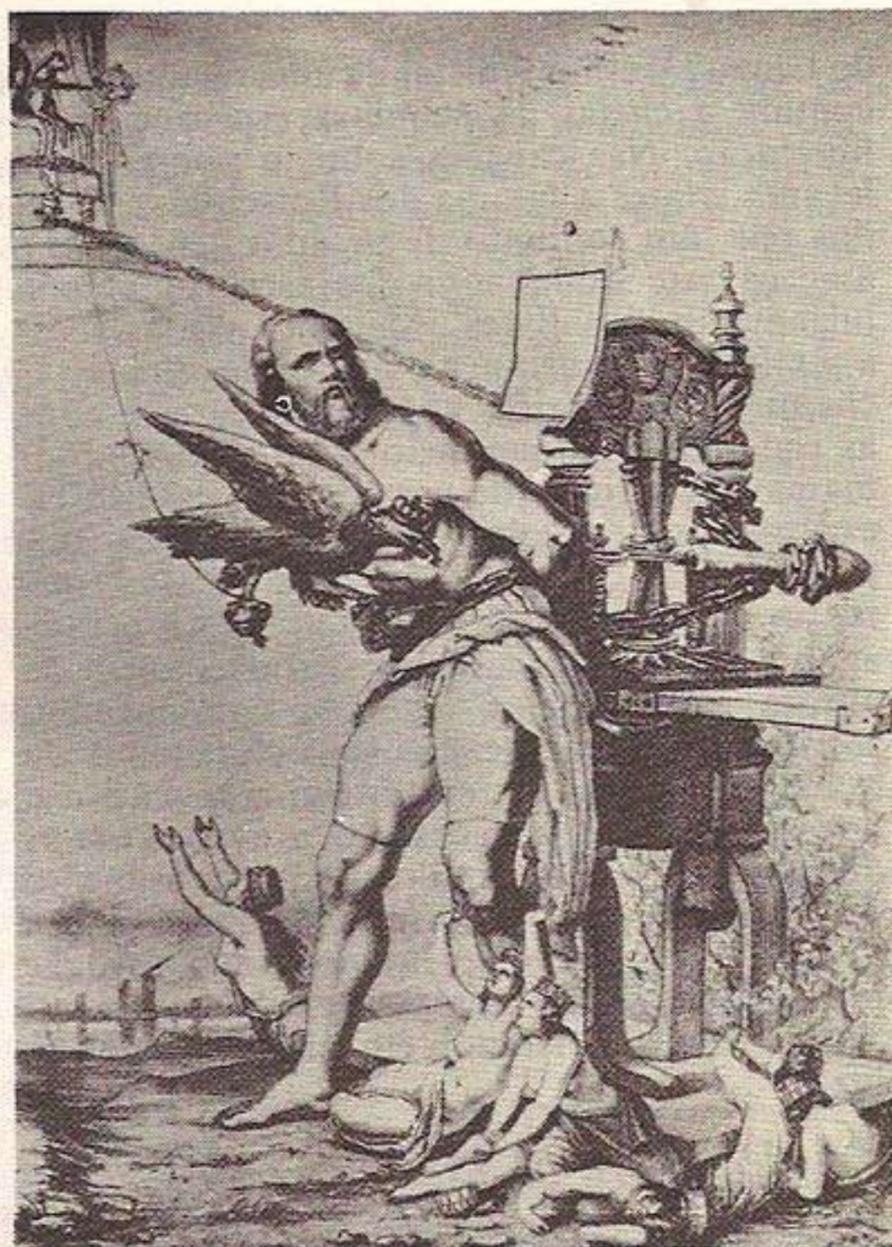
Ao se instalar a República, o negro já era, em toda a força do termo, um brasileiro, integrado na vida, na paisagem cultural e humana e nos destinos do país, credor de contribuições valiosas à formação da nacionalidade. A força de trabalho, inteligência, cordialidade e senso de oportunidade, forjara para si, em três séculos de escravidão, marcados a suor e sangue, um lugar ao sol.

Insubstituível, esse lugar se exprime, não apenas nas terça parte da população que negros e mulatos preenchem, mas na democracia racial que cada dia torna mais indiferente a questão da cor entre os brasileiros.

Edison Carneiro foi um profundo conhecedor da problemática do negro brasileiro. Através de seus estudos e pesquisas mostrou as raízes étnicas e culturais do negro, dando assim notável contribuição ao entendimento da sua história. Foi também um estudioso do Folclore (ver *Princípios* nº 4), terreno em que mais se destacou. No ano passado foi criado o Museu do Folclore Edison Carneiro, no Rio de Janeiro, onde, com um acervo de quase dez mil peças, estão retratados múltiplos aspectos da vida do homem brasileiro.

A LÍRICA SOCIALISTA

Franz Mehring



Prometeu Acorrentado. Alegoria à proibição da *Gazeta Renana*

Franz Mehring (1846/1919), contemporâneo e amigo de Marx e Engels, foi um dos dirigentes da ala esquerda da social-democracia alemã, membro da liga “SPARTAKUS” e um dos fundadores do Partido Comunista da Alemanha.

Mehring destacou-se como dirigente e teórico do movimento operário alemão, literato, historiador e pesquisador incansável.

Autor de muitos escritos sobre Marx e Engels, é um dos melhores biógrafos dos fundadores do socialismo científico.

Em seus escritos literários e filosóficos, Mehring preocupou-se em demonstrar a ligação indissolúvel existente entre o humanismo alemão e o socialismo proletário.

Neste artigo, escrito em 1897, inédito no Brasil, Mehring nos dá a conhecer a poesia revolucionária alemã de meados do século passado, revela a influência que esta exerceu sobre Marx e Engels e o apego que os imortais mestres do proletariado tinham por este belo gênero da literatura e da arte.

Entre os rebentos que o socialismo alemão gerou nos anos 40 do século passado, a poesia socialista não era dos mais débeis. Ainda estava viva na literatura a forte tradição da época clássica da burguesia alemã, e o apelo do proletariado por ajuda encontrava sonoro eco. Este eco era mais fraco na Alemanha Oriental,

mais poderoso na Alemanha Ocidental, mas era particularmente potente sobretudo entre os emigrantes alemães, entre os poetas que, segundo a expressão de um deles “ihrer Lieder Schwert westwärts hat getrieben” (“a espada de suas canções os jogou no ocidente”).

As poesias de Karl Beck (1), de Meissner (2),

de Lenau (3) eram repletas de uma revolta ainda contida e cheias de nebulosa esperança pela libertação. Nas canções sobre o pobre, Beck levanta contra a família dos Rotschild, esse rei dos reis, um conjunto de pesadas acusações e ameaça este dominador dos escravos com o julgamento dos livres. Meissner via as faces anêmicas das crianças ali onde "as altas chaminés das fábricas vomitavam fumo e onde as rodas de ferro em meio a um grande ardor marcavam o ritmo de uma dança pesada"; ele exprimiu sua revolta contra o Messias que prometera às crianças o reino dos céus. Lenau sentia mais profundamente que eles a pesada agonia da morte na semi-escuridão antes da aurora, com desejos ardentes, com ingentes sofrimentos; compreendia mais claramente do que eles que havia ingressado numa época nova, como tinham ingressado outrora seus albigenses (4). Seu tumultuado pressentimento de liberdade ele o exprimiu na maravilhosa "Visão", que Marx em apoio à sua verdade inteiramente filosófica repetiu mesmo quando o Sol da ciência derramou em sua obra raios de luz.

À luz do sol não se impede o caminho
Como não se encobre o nascer do sol com
mantos vermelhos ou com sotainas negras.

Depois dos albigenses vêm os hussitas (5) e recebem o pagamento sangrento pelos sofrimentos dos antepassados.

Logo depois de Huss e Ziska (6) vêm Lutero (7), Hutten (8),

A Guerra de 30 anos, os combatentes de Zevenn (9),

os destruidores da Bastilha e outros.

Em Heine (10) ouvem-se notas completamente diferentes. Ele se encontrava diariamente com Marx, quando vivia em Paris, e precisamente neste período, em 1844, foi publicada a imortal poesia "Contos de Inverno" (11) de Heine iluminada pelas luzes do socialismo que estavam surgindo, tanto quanto as sombras do romantismo influíram sobre o poema "Atta Troll" (12) publicado três anos antes. No espírito de Heine entrelaçaram-se desde cedo as idéias de três grandes concepções de mundo, e precisamente este tipo magnífico de cores e de formas que, apesar das suas acentuadas contradições fundiam-se numa agradável harmonia, forma seu gênio, incomparável entre seus contemporâneos. Heine nunca pôde

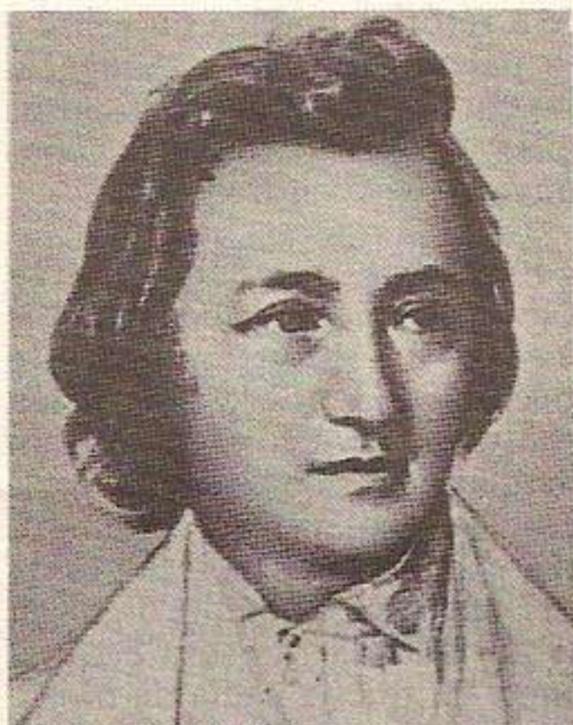


Último número da Nova Gazeta Renana, com poema de Freiligrat

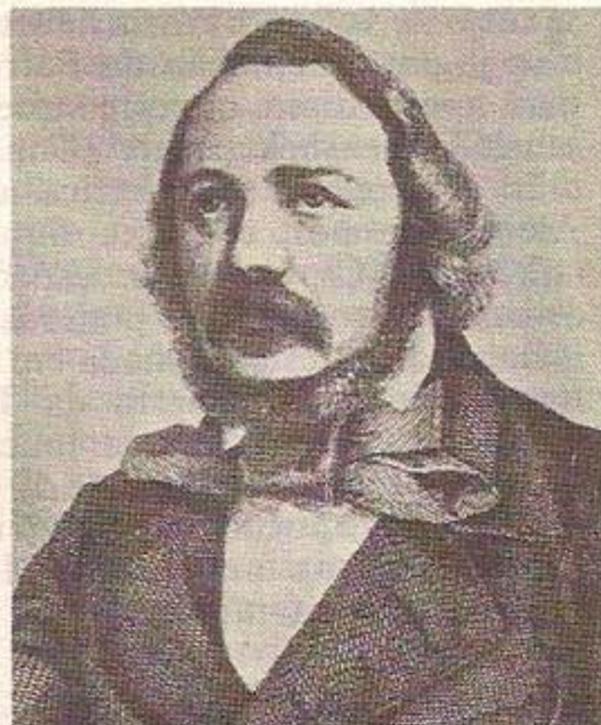
esquecer completamente a flor azul (13) do romantismo e não pode jamais sufocar completamente em sua poesia o temor ao comunismo. Mas "Contos de Inverno" permanecem a sua canção mais livre, com uma ironia fulminante, com uma paixão realista, com uma sonoridade ardente que incinera o mundo apodrecido, duma maneira que de suas cinzas renasce como a Fênix (14), o novo mundo. De quando em quando ecoam nas lutas emancipadoras do proletariado esses versos marcados pela confiança na vitória, pela seriedade alegre e pela desmedida coragem burlesca.

Uma nova canção, uma canção melhor,
Oh! amigos, quero compor para vocês
Vamos construir na terra cheios de alegria
O infinito reino celeste.

Queremos viver felizes na terra
Não queremos mais dores e gemidos
Não queremos mais que a barriga preguiçosa
saqueie



Heinrich Heine



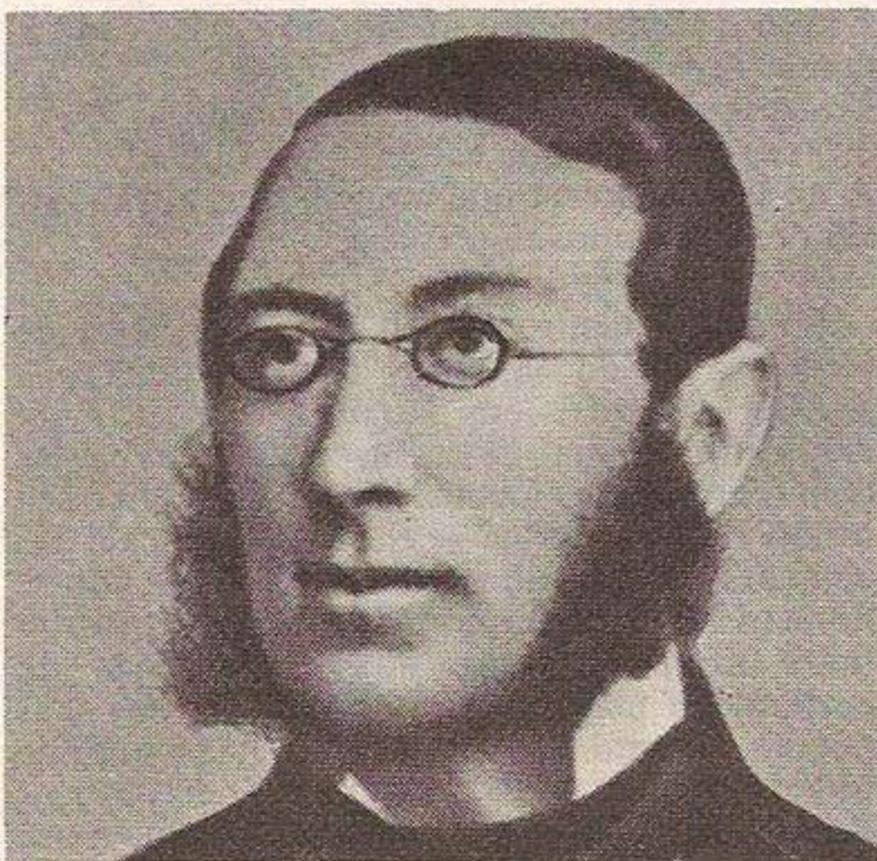
Ferdinand Freiligrat

O que as mãos trabalhadoras produziram.

Aqui há pão para todos
Para cada ser no mundo
E rosas, beleza, alegria
Inclusive ervilha-doce.

Bastante ervilha-doce para todos,
quando as cascas se abrem sozinhas,
Aos pássaros e aos anjos
Deixemos os céus.

Mesmo que não houvesse o testemunho direto de Ruge (15), as poesias de Heine naquele tempo demonstram a poderosa influência que



Georg Weerth

Marx exerceu sobre ele. Frequentemente os dois pesavam cada palavra em algum poema de poucos versos, limando-o incansavelmente até sair inteiramente perfeito. Mas, por outro lado, também Heine exerceu profunda influência sobre Marx e Engels; seus versos são frequentemente repetidos em artigos de Marx e Engels dos anos 1845-1850. Aquilo que o pequeno burguês radical Bërne (16) não pôde fazer e que muito menos podia fazer o filisteu reacionário de hoje, foi um trabalho fácil para Marx e Engels, como também consegue fazer o atual proletariado consciente. Eles tinham compreendido a grandeza e as debilidades de Heine. Marx compreendia historicamente por que Heine não poderia ser diferente do que era e via a causa social da vida de Heine como a grande causa da libertação das classes oprimidas, enquanto que considerava as debilidades pessoais de Heine como coisa de somenos, que não podia senão despertar o inconformismo ético dos pregradores bem nutridos e desocupados. Por outro lado, o respeito que Ruge desfrutava nos círculos burgueses não impediu Marx de se expressar de modo decidido e cortante contra os estreitos pontos de vista burgueses de Ruge.

Também Herwegh (17) tentou criar no estilo de Heine mas não saiu outra coisa senão um sarcasmo cheio de ódio mordaz, mas não um humor fino que liberta o mundo. Sua liberdade de criação foi e permaneceu mutilada. Tão mais poderosa se ergueu a musa socialista de seu opositor de outrora, Freiligrat (18), que agora reconquistou o respeito que havia perdido pelas ironias com a viagem triunfal de Herwegh. O repugnante despotismo que predominou sobre sua querida Alemanha despertou nesse poeta da terra vermelha o antigo espírito insurreto dos

saxões: ele voltou à Pátria de seus vãos exóticos e se jogou no coração da Pátria, modificado, mas, apesar disso, o mesmo que tinha sido. Em seu 'Glaubensbekenntnis' (Confissão) ele abriu mão da reação romântica e, expulso da Alemanha por ela, mandou ao país sua coletânea "Ça ira" (19): canções repletas de ardente ímpeto, cuja poderosa e abaladora influência foi testemunhada em nossos dias por um ministro da Guerra da Prússia que as denominou obra de uma louca fantasia. No navio que leva o rei à descida do curso cristalino do Reno, este poeta viu a figura do Estado e pôs estas palavras nos lábios do maquinista proletário, vociferando:

Oh! Rei, és menos Zeus do que eu Titã!
Acaso não domino o vulcão que ferve eternamente, sobre o qual caminhas?
Está em minhas mãos: basta neste momento que eu dê um só impulso, um só golpe
Para que caia todo o edifício cujo topo és tu!
A terra explodirá, a massa de fogo golpeará com fúria e te lançará aos ares com alarido!
Enquanto nós, que somos resistentes ao fogo, levantamos de nossas casas subterrâneas, rumo ao alto, à luz!
Nós somos a força! Nós forjamos de outra forma o velho estado, putrefacto - nós que até hoje, com o ódio de Deus, nos tornamos o proletariado!

Nos últimos dias de sua existência a "Nova Gazeta Renana" (20) lançou algumas flechas afiadas contra Freiligrat, mas quando Marx, expulso de Paris, chegou a Bruxelas, praticamente as primeiras palavras que disse a Bürgers (21), que o acompanhava, foram: "Nós devemos visitar hoje Freiligrat; eu devo redimir a culpa que a 'Gazeta Renana' tem com ele quando ele ainda não estava nas primeiras fileiras do Partido; sua 'Glaubensbekenntnis' (Confissão) o perdoou tudo". Logo depois disso Freiligrat escrevia: "Há uma semana que se encontra aqui Marx, um homem que desperta interesse, uma boa pessoa e sem pretensões".

Desde esse tempo Marx e Freiligrat se tornaram amigos íntimos, e em muitas canções revolucionárias de Freiligrat sente-se a inspiração de Marx, até mesmo em pensamentos e expressões especiais. Por exemplo, o significado interno da majestosa fantasia "Califórnia" é iluminado por uma luz cristalina somente se se compara com o que Marx disse mais tarde sobre a descoberta do ouro na Califórnia do ponto de vista histórico e econômico. Isto não deve ser visto como um reproche para Freiligrat. Pelo contrário, tudo o

que se diga sobre a retórica poética ou sobre a poesia retórica, a palavra rimada, a seqüência rítmica das sílabas conhece objetivos mais altos do que o simples despertar de sensações agradáveis nos ouvidos dos leitores.

Assim como Freiligrat, também George Weerth (22) era de Detmold (Alemanha). Ele morava em Bradford (Inglaterra) onde trabalhava como comissionado de uma firma alemã e se encontrava freqüentemente com Engels que o chamava o primeiro e o mais importante poeta do proletariado alemão. Weerth urdiu uma canção para os tecelões da Silésia (Alemanha), canção totalmente digna de ocupar um lugar ao lado da rigorosa e tripla maldição de Heine e da poesia cheia de bÍlis e ódio de Freiligrat, o poema "Rübezahl" (23): aqui ele pintou com fortes pinceladas as figuras viris dos cartistas (24), dos valentes de York e Lancaster que se levantaram com amargor e entusiasmo quando tomaram conhecimento da batalha dos tecelões da Silésia. Weerth cantou a indústria como escravizadora e ao mesmo tempo como libertadora da humanidade: sombria e com um látego selvagem na mão, ela açoita o pobre a um trabalho escravo extraordinariamente pesado.

(A indústria) Imolando pessoas de novo permanece diante de nós o desejo insaciável dum erro.

Um encobre sua cabeça chorando,
enquanto outro brilha com vestes de ouro.
Mas as lágrimas correm em cada grande guerra,
a pobreza leva a uma vitória ainda mais segura.
E quem aprendeu a forjar espadas e cadeias,
aquele com espadas pode salvar-se das cadeias.
Aquilo que a mente brilhante
do homem produziu
não pertence a um só homem mas a todos!
E com o rompimento do último elo da cadeia,
com a revolta do último braço, vê:
Transfigurada aparece a deusa sombria,
alegra-se tudo o que ela tem perto de si!
A miséria operária que ninguém quis abrandar,
ela própria removeu a rocha.

Freqüentemente Weerth usou a métrica de Heine: o único imitador do inimitável que soube refundir em formas tomadas de empréstimo uma nova inspiração, avivá-las com o ardor das emoções, ardor que com o seu brilho Heine apagou e se elevou até a escala das emoções naturais de Goethe (25). Mantendo-se homem livre também como poeta, Weerth abriu mão completamente das convenções da corporação poética: ele não remexia nas suas poesias quando elas estavam escritas e quando tinha dado uma cópia a Marx e a Engels com os quais morou mais tarde em Bruxelas. Sua musa

era a revolução; uma vez ele escreveu a Marx: "Não sei se existe pior desgraça do que se tornar vão e leviano, inventar piadas banais para provocar o riso idiota das pessoas grotescas e patrioteiras".

Püttmann (26) e outros não podem ser comparados a esses poetas do socialismo do período anterior a março (27). Nem mesmo Ernest Dronke (28) pode ser comparado a eles: verdadeiramente, suas canções e novelas se elevavam acima do nível médio, mas seu talento original se exprimiu mais claramente no livro sobre a capital da Prússia, que é a melhor descrição de Berlim do período anterior a março. Dronke tinha um julgamento saudável e uma refinada capacidade de observação; além disso, ele tinha adquirido conhecimentos profundos em vários campos. Ele soube compreender claramente e refletir o antagonismo das classes, enquanto seu dote poético e a simpatia profunda que sentia pelo proletariado dava às suas obras frescor e vitalidade. Embora seu livro esteja agora ultrapassado, até hoje não se escreveu nada sobre Berlim que se aproxime ao seu.

Este livro teve sua história. Depois de concluir em Berlim o curso de Ciências Jurídicas, Dronke foi expulso pela polícia como "estrangeiro" somente porque seu pai, que havia sido diretor de ginásio em Koblenz tinha trabalhado durante alguns anos na mesma profissão em Fulda (29) onde nasceu Ernest Dronke. Depois de sua expulsão ele permaneceu como escritor em Frankfurt-sobre-Main e através de uma empresa editorial dessa cidade autônoma publicou seu livro sobre Berlim. Os agentes da polícia prussiana farejaram nesse livro uma suposta ofensa a sua majestade. Quando Dronke partiu para Klobenz para ver seus pais foi preso e julgado. Em vão tentou inocentar-se dizendo que como "estrangeiro" ele podia publicar "fora do país" o que quisesse.

Os juízes prussianos que faziam de tudo para prendê-lo condenaram-no a dois anos de reclusão porque tinha mandado à Prússia duas cópias de seu livro, tendo dessa maneira ofendido sua majestade o rei, diretamente da fronteira prussiana. Dronke estava pagando pena em Wesel, quando eclodiu a revolução de fevereiro. Para evitar o perdão por parte do rei da Prússia ele fez um esforço corajoso para fugir e teve sorte. Atravessou a fronteira holandesa e foi para Bruxelas para junto de Marx e Engels.

Nos dias da luta os poetas socialistas se mostraram à altura de sua tarefa. Dronke, Freiligrat e Weerth entraram na redação do jornal "Nova Gazeta Renana".

**Adeus pois, adeus, mundo combatente!
Adeus pois, exército pelejante,
Adeus pois, campo sujo de pólvora,
Adeus pois, gládios e lanças!**

**Adeus pois - mas não para sempre!
Porque não matarão o espírito, ó meus irmãos!
Em breve me levantarei em armas nas alturas,
Em breve regressarei!**

(...)



Gravura de Theodor Kittelsen simbolizando o Atta Troll

**Pela palavra, pelo gládio, no Danúbio, no Reno,
Por toda a parte serei a companheira fiel
do povo que esmaga o trono,
A proscrita, a rebelde!**

(Poema de Ferdinand Freiligrat escrito a pedido de Marx como adeus da *Nova Gazeta Renana*)

NOTAS

- 1 - Karl Beck - (1817/1879) - Poeta socialista alemão, muito popular em seu país. Nos anos 1840/1850 uniu-se com o "socialismo autêntico". O "socialismo autêntico" era um sistema de pontos de vista utópicos, que se formou na Alemanha pequeno-burguesa no começo dos anos 40 do século passado sob a influência do desenvolvimento dos pontos de vista comunistas na Inglaterra e na França. Na solução das questões sociais os "socialistas autênticos" introduziam a tradicional abstração sobre a Alemanha, a presunção idealista em face da luta revolucionária prática. Eles deram às idéias tomadas dos comunistas franceses e ingleses um caráter moralista abstrato, interpretando-as no espírito do amor e do humanismo acima das classes, sem ligação com o movimento comunista real e com a luta do proletariado. Nos anos 1845/1847 Marx e Engels, que se esforçavam pela fusão do movimento operário com o socialismo científico, tiveram que empreender uma luta persistente contra as idéias dos "socialistas autênticos" na imprensa e no interior da Liga dos Comunistas.
- 2 - Alfred Meissner - (1822/1855) - Poeta alemão, romancista e dramaturgo. Nos anos 1840/1850 foi "socialista autêntico".
- 3 - Nikolaus Niembach von Strehlenau - (1802/1850) - Escreveu uma obra sobre os Albigenses que foram brutalmente reprimidos. Nessa obra ele exprime a dor por não conseguir viver a vitória da razão humana.
- 4 - Albigenses - Hereges do sul da França (século XII e XIII) que professavam a doutrina dualista maniqueísta.
- 5 - Hussitas - Seguidores de John Huss, hereges, contrários à Igreja corrompida.
- 6 - Ziska - Um dos líderes dos Hussitas.
- 7 - Martinho Lutero - (1483-1546) Monge agostiniano, professor da Universidade de Wittemberg. Teve papel proponderante na luta travada por setores da Igreja Católica, contra os abusos cometidos por esta, como a venda de indulgências. As manifestações iniciadas no século XIII encontram seu auge no século XVI, quando Lutero em 31 de outubro de 1517 afixa nas portas do Castelo de Wittemberg suas 95 Teses e logo em seguida queima em público a bula papal de Leão X, que o condenava por seu comportamento. A primeira data marca a cisão definitiva entre os partidários da Reforma e a Igreja Católica. Aqueles passam a partir desse momento a criar instituições independentes.
- 8 - Hutten - Humanista, protestante, participou da reforma luterana. Ajudou os camponeses nas guerras camponesas de 1525.
- 9 - Zevonn - Região montanhosa da França.
- 10 - Heinrich Heine - (1797/1856) - Escreveu, além de poesias, um conjunto de ensaios filosóficos sob o título "Contribuição à História da Religião e da Filosofia na Alemanha" (1833). Grande poeta revolucionário alemão. Amigo íntimo de Marx.
- 11 - Marx publicou "Contos de Inverno" no jornal proletário *Vorwärts!* (Avante!).
- 12 - Atta Troll - O poema Atta Troll foi publicado com o subtítulo "Sonho de uma Noite de Verão". O título do poema alude ao "Grande Troll", figura legendária dos contos nórdicos. Representa uma força natural do homem, do povo, em contato com a natureza, que assusta as forças do mal. No poema de Heine o personagem principal é um urso chamado Atta Troll, através do qual, satiricamente, o autor evidencia o caos e as contradições na concepção de mundo dos radicais de "esquerda" de seu tempo.
- 13 - Flor azul - Figura poética que simboliza na literatura romântica alemã a saudade e o anseio a uma vida feliz.
- 14 - Fênix - Divindade mitológica grega. Ave fabulosa que, segundo os egípcios durava muitos séculos e, queimada, renascia das próprias cinzas.
- 15 - Arnold Ruge - (1802/1880) - Filósofo néo-hegeliano, publicista e personalidade política que publicou com Marx o "Deutsch-Französische Hahrbucher" (Anais Franco-Alemães). Logo se separou dele. Tornou-se democrata-burguês e anos mais tarde apoiou Bismarck.
- 16 - Ludwig Berne - (1786/1837) - Crítico literário e publicista democrata alemão; ideólogo da "nova Alemanha".
- 17 - George Herwegh - (1817/1875) - Poeta revolucionário alemão, democrata pequeno-burguês.
- 18 - Ferdinand Freiligrat - (1810/1876) - Poeta revolucionário alemão, membro da redação da "Nova Gazeta Renana" e da "Liga dos Comunistas". No fim dos anos 50 do século passado, uniu-se aos elementos pequeno-burgueses da emigração alemã. Em 1868 voltou para a Alemanha.
- 19 - *Ça Ira* - Expressão francesa dos "Sans Culotte", como eram conhecidos os revolucionários da Revolução Francesa de 1789. Em suas manifestações os "Sans Culotte" gritavam *Ça Ira*, que significa *Isto vai, Isto irá*.
- 20 - Nova Gazeta Renana - "Nova Gazeta Renana - Órgão da Democracia" era o nome do jornal fundado em Colônia no dia 1º de junho de 1848. Sua redação era composta por Karl Marx, Heinrich Bürgers, Ernst Dronke, Friedrich Engels, Georg Weerth, Ferdinand Wolff, Wilhelm Wolff e mais tarde acrescida com a colaboração de Ferdinand Freiligrath. Jornal de oposição ao governo prussiano, propunha a sua derrubada bem como a do Estado Prussiano. Neste jornal Marx publicou em capítulos sua obra Trabalho Assalariado e Capital. Em 19 de maio de 1849 o jornal foi proibido de circular por ordem do governo.
- 21 - Heinrich Bürgers - (1820/1878) - Jornalista alemão, membro da Liga dos Comunistas, um dos acusados no processo dos comunistas de Colônia.
- 22 - George Ludwig Weerth - (1822/1856) - Destacado poeta e publicista proletário alemão. Membro da Liga dos Comunistas e redator da "Nova Gazeta Renana". Amigo de Marx e Engels.
- 23 - Rübzahl - Figura legendária, tipo de monstro, dos contos alemães.
- 24 - Cartistas - Em 1838 inicia-se o movimento cartista. Durante a campanha de agitação pela reforma da lei eleitoral na Inglaterra, os operários formavam a ala radical do partido da reforma e quando a legislação os proíbe o direito ao sufrágio universal, eles sintetizam suas reivindicações na Carta do Povo (People's Charter) e, em oposição ao grande partido burguês, constituíram-se em partido independente, o partido cartista, que foi o primeiro partido operário do nosso tempo. O movimento, engendrado por uma situação econômica difícil e pela ausência de direitos políticos prosseguiu com concentrações e manifestações grandiosas, com interrupções, até 1850.
- 25 - Johann Wolfgang von Goethe - escritor alemão do Romantismo. Nascido em 28 de agosto de 1749. Professor e advogado, dedica-se também a pesquisas científicas no sul da Itália. Suas obras mais conhecidas são o "Fausto - uma Tragédia" e "Segundo Fausto". O primeiro publicado em 1808 e o segundo no ano de sua morte, ocorrida em 22 de março de 1832. Outras obras: "Os sofrimentos do jovem Werther"; "Torquato Tasso"; "Divã Oriental"; "Ifigênia em Táurida".
- 26 - George Püttmann - (1811/1894) - Poeta radical que nos anos 40 do século passado publicou uma série de revistas da corrente "socialista autêntica" e depois entrou para a "Nova Gazeta Renana".
- 27 - Refere-se ao período anterior à revolução de 1848 na Alemanha.
- 28 - Ernst Dronke - (1822/1891) - Publicista alemão, no começo "socialista autêntico", depois membro da Liga dos Comunistas e um dos redatores da "Nova Gazeta Renana". Depois da Revolução de 1848 emigrou para a Inglaterra e retirou-se da atividade política.
- 29 - Cidade do Estado de Hessen, que não fazia parte da Prússia.

Publicações da EDITORA ANITA GARIBALDI

PROBLEMAS ECONÔMICOS DO SOCIALISMO NA URSS
Stálin
Cr\$10.000

SOCIALISMO, IDEAL DA CLASSE OPERÁRIA ASPIRAÇÃO DE TODOS OS POVOS
João Amazonas
Cr\$8.000

O TROTSQUISMO, CORRENTE POLÍTICA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA
João Amazonas
Cr\$1.000

O REVISIONISMO CHINÊS DE MAO TSETUNG
João Amazonas
Cr\$7.000

Editora Alfa Omega

ALBÂNIA, 40 ANOS DESBRAVANDO A HISTÓRIA
Enver Hoxha/
Ramiz Alia
Cr\$7.000

RELATÓRIO AO OITAVO CONGRESSO DO PTA
Enver Hoxha
Cr\$5.000

ALBÂNIA - HORIZONTE VERMELHO NOS BÁLCÃS
Luís Manfredini
Cr\$36.000

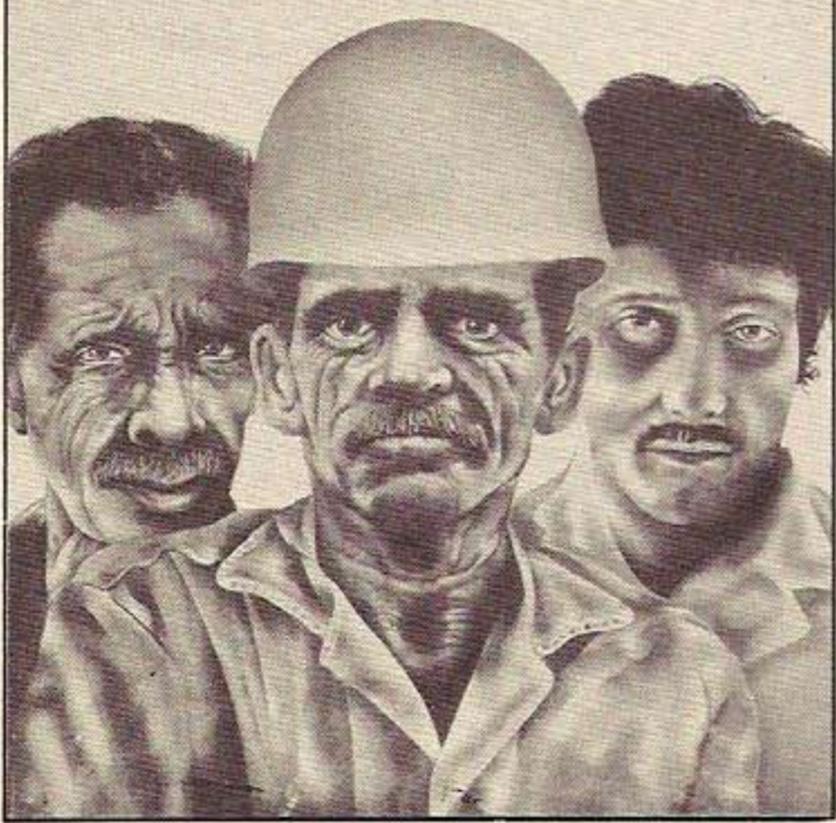
EM DEFESA DOS DIREITOS E DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER
Luíza Morais
Cr\$ 5.000

LEIA, ASSINE E DIVULGUE

Pedidos: Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 - CEP 01317 - São Paulo - SP

Tribuna Operária

UMA TRIBUNA A SERVIÇO DA CLASSE OPERÁRIA, SEU PRESENTE E SEU FUTURO.



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 1 ANO I V FASE JUNHO 1985 CR\$700



SUPLEMENTO ESPECIAL

PC do B Legal

Manifesto, Programa, Estatutos do Partido Comunista do Brasil

Editorial

Luta do povo conquista legalidade do PC do B

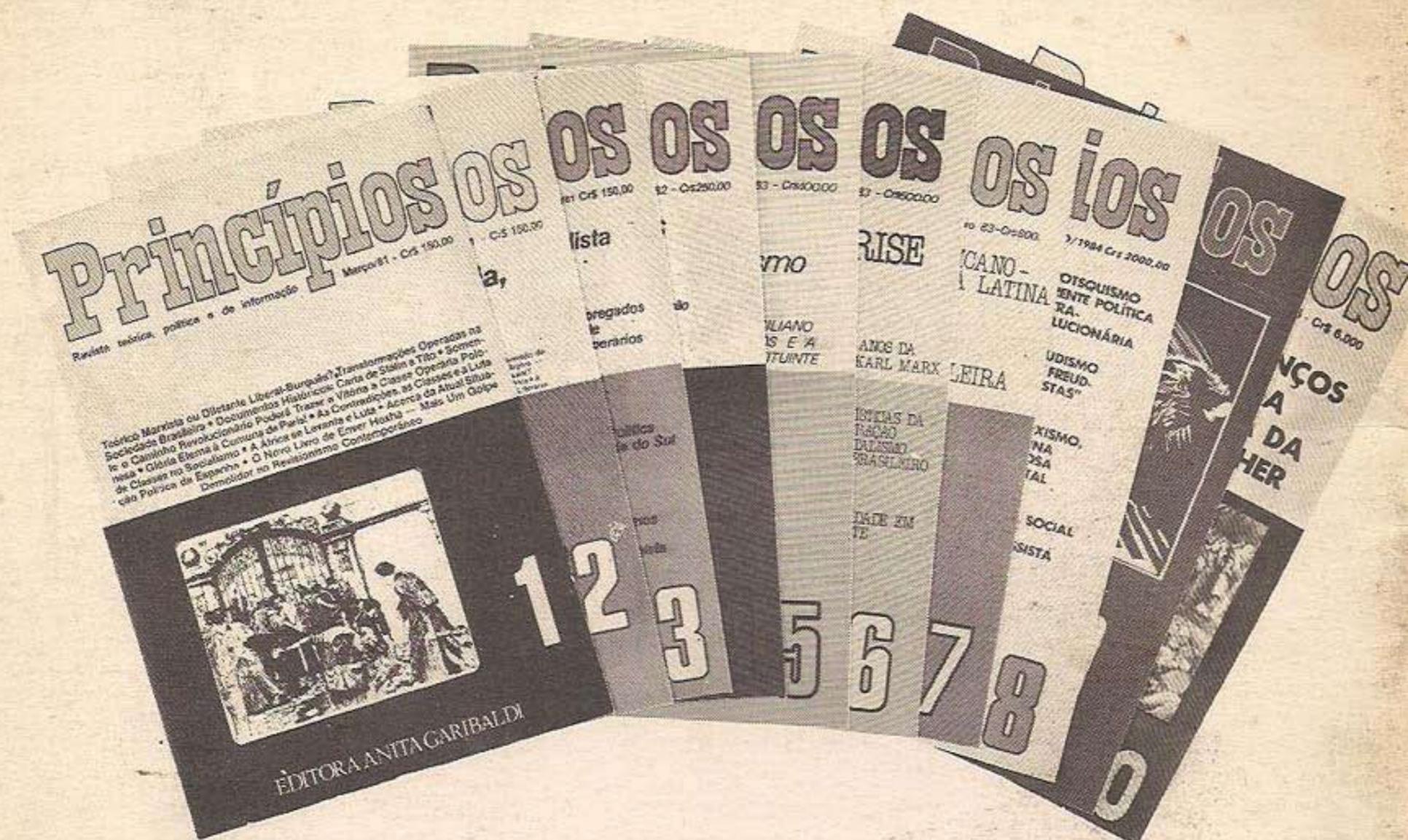
A legalização do Partido Comunista do Brasil é um dos maiores objetivos da classe operária brasileira. Ela representa a vitória da luta do povo por sua liberdade política, social e econômica. A luta pela legalização do PC do B é a luta pela legalização da democracia e da liberdade de expressão política. É a luta pela legalização da luta do povo por sua liberdade política, social e econômica. A luta pela legalização do PC do B é a luta pela legalização da democracia e da liberdade de expressão política. É a luta pela legalização da luta do povo por sua liberdade política, social e econômica.

ÍNDICE

- Povo lêsteja PC do B Legal
- Em defesa do Partido (documento histórico)
- Ramiz Alia destaca a obra de Enver Hoxha
- Última troca de cartas
- Nova Estrela Guia (documento histórico)
- Propaganda para fazer o Partido crescer
- Os jovens na luta pela democracia e o socialismo

Continuar na página 2

Faça **JÁ** sua assinatura da **PRINCÍPIOS**



Uma revista de teoria marxista, estudos políticos e informação cultural.
4 números por apenas Cr\$ 35.000

Preencha este cupon e receba **PRINCÍPIOS** em casa



Nome _____

Profissão _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____ CEP _____ FONE: _____

Data ____/____/____

Quero receber uma assinatura da **PRINCÍPIOS**, com direito a 4 números. Para isso envio cheque nominal / vale postal em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda.

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1511, CEP 01317

São Paulo - SP.

RECORTE E ENVIE ESTE CUPON PARA O ENDEREÇO ACIMA